

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC/SP

Maria Madalena Ferreira Alves

Mulheres em luta:

Uma outra história do Movimento “Queixadas” de Perus

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

SÃO PAULO

2011

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC/SP

Maria Madalena Ferreira Alves

Mulheres em luta:
Uma Outra História do Movimento “Queixadas” de Perus

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de mestre em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação da Prof^a Doutora Maria José Fontelas Rosado Nunes.

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

SÃO PAULO

2011

Banca Examinadora

Dedico este trabalho às mulheres da minha família: à minha mãe, Dona Odete; às
minha irmãs – Josefa, Ana Lucia e Francisca; e às minhas três filhas – Vivian, Gisele
e Suellen.

AGRADECIMENTOS

Agradeço às mulheres “Queixadas” pela disponibilidade de contar sua história.

À minha família, pela colaboração e compreensão, principalmente à Suellen pela paciência e ajuda direta em toda a pesquisa.

Aos meus dois amigos que, por acaso, se chamam José da Silva, os quais foram desde motoristas até auxiliares na correção do texto.

À toda equipe do Programa de Ciências da Religião que não deixou nenhuma pergunta sem resposta, mesmo nos corredores, com indicações de textos, etc.

À Prof^a Dra. Maria José Rosado Nunes, a Zeca, pela qual tive a honra de ser orientada e de conhecer toda a sua paciência e compreensão: quando parecia que seria impossível, ela me animava a continuar com aquele “recadinho” – qualquer dúvida me procure! Obrigada, Zeca!

RESUMO

Esta dissertação, “Mulheres em luta: uma outra história do movimento ‘Queixadas’ de Perus”, é resultado da pesquisa realizada na região de Perus, periferia da cidade de São Paulo, sobre a greve dos operários da Fábrica de Cimento. O objetivo foi mostrar a participação das mulheres neste movimento. As mulheres citadas no trabalho não são operárias nem feministas, são donas de casa e esposas que viveram as consequências da greve de 07 anos promovida por seus maridos. Em muitos casos, elas foram como que obrigadas a assumir a responsabilidade da família e, ao mesmo tempo, participar dos piquetes e de outros eventos em favor do movimento operário. Pode-se dizer, inclusive, que terminada a greve a luta continuou nas reivindicações de caráter ecológico, em defesa ao meio ambiente (contra a poluição atmosférica promovida pela fábrica ao lançar o pó de cimento diretamente na atmosfera). Ao abordar este tema, o objetivo é dar visibilidade à atuação destas senhoras e contribuir com uma visão com relação às mulheres que ultrapasse os “lugares-comuns” atribuídos a elas, com uma concepção de natureza frágil, escondendo sua capacidade de organização e luta a qual se revelou em Perus quando a vida da família foi ameaçada. A pesquisa com as mulheres utilizou diversos instrumentos de coleta de dados: entrevistas, grupo focal, documentos históricos e relatos.

Palavras Chave: “Queixadas”, mulheres, movimento popular, lutas, operários, visibilidade, anonimato, greve.

ABSTRACT

This dissertation, “Women in struggle: another point of view about Perus ‘Queixadas’ Movement”, is the result of a research about the Cement Factory workers strike which has happened in Perus whereabouts in Sao Paulo suburbs. The aim of this work was to show the women participation in this movement. The women mentioned in this work are not workers neither feminists, they are wives, they are housewives that experienced their husbands seven years strike consequences. They were required to take the family responsibility and, at the same time, to participate in pickets and in another events in the workers movement favor, in many cases. One can say that the struggle kept going on through ecological claims in defending environment (against the air pollution caused by the factory cement thrown in air) when the strike was over. The objective is to provide visibility to these ladies act and to contribute with a different point of view about women which goes beyond the common-sense normally given to them – a fragile being that hides their organization and struggle capability that was unveiled when their families were threatened. The research has been conducted using different traditional data gathering tools: interviews, focus group, historical documents and testimonials.

Keywords: “Queixadas”, women, popular movement, struggles, workers, visibility, anonymity, strike

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I – PERUS: PALCO DE LUTA TRABALHISTA.....	16
1.1. Primórdios do bairro e da Fábrica	16
1.2. A fábrica sob a administração Abdalla	20
1.3. O Movimento Operário	24
CAPÍTULO II – MULHERES “INVISIBILIZADAS” DA FAMÍLIA QUEIXADA	30
2.1. Relações de Poder e Gênero	33
2.2. Ouvir algumas para dar visibilidade a muitas!	37
2.2.1. Das Entrevistas	38
2.2.2. Do Grupo Focal	39
2.2.3. “Mamães Queixadas”: uma batalha fora do campo.....	41
2.2.2. “Filhas Queixadas”: os frutos de uma batalha atual	48
CAPÍTULO III – A PARTICIPAÇÃO FEMININA NO MOVIMENTO “QUEIXADAS” E A RELIGIÃO	52
3.1. Igreja Católica Local: Apoio X Resistência	56
3.2. Liderança Operária e Igreja Local	60
3.3. Lideranças Femininas e Igreja Local	61
3.3.1. As freiras e a costura da teia de relações	61
3.3.2. Consagração na frente do trabalho: um dos poucos registros realizados	63

3.3.3. Igreja Católica e Ação Social: uma experiência torturante no Brasil	64
3.3.3.1. <i>Do Documento Histórico</i>	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
ANEXOS	71
Anexo 1: Questionários para entrevistas.....	71
Anexo 2: Termos de Consentimento	74
Anexo 3: Entrevistas Transcritas.....	76
Anexo 4: Transcrição – Grupo Focal.....	96
Anexo 5: Documento Histórico	98
Anexo 6: Relatos	112
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	114

INTRODUÇÃO

Cheguei à região do Parque Anhanguera em Perus, periferia da cidade de São Paulo, em 1984, completamente alienada com relação aos movimentos sociais da região. Ao chegar, me deparei com um enorme problema: a inexistência de água potável, principalmente na minha rua. Não era possível sequer pensar em poço, visto que a água era contaminada por uma espécie de ferrugem. Fui quase que “obrigada” a participar da luta para conseguir que a Sabesp resolvesse aquele problema. Mesmo participando de uma luta social, continuei alienada em relação à história de uma luta que estava acontecendo a menos de 5 quilômetros da minha residência.

Só aos poucos fui conhecendo esta luta dos “Queixadas”. Tive o prazer de conhecer os líderes: João Breno, operário; Mário Carvalho de Jesus, advogado do sindicato; Antonio Nobre, operário; e Sebastião Silva de Souza, operário que entrevistei ao desenvolver esta pesquisa.

A história dos “Queixadas” despertou minha curiosidade. Porém, ao me inteirar deste acontecimento, percebi a ausência de relatos sobre a participação das mulheres nessa luta.

Perus, como quase toda periferia, também pode ser considerado um “quintal” da Metrópole. Aqui se coloca tudo o que não pode ser mostrado na “sala”: lixão, com mais de 30 anos de funcionamento; cemitério com vala comum para mortos da ditadura militar, enterrados em meio a indigentes para encobrir crimes militares; fábricas poluentes, como a de cimento que, com seu pó, pode causar danos à saúde ambiental e da população. Na periferia, estamos certos/as de que não há só

desgraça: há muita luta e gente animada a lutar; neste caso, um excelente exemplo é a luta dos operários da Fábrica de Cimento Perus, cujas mulheres participaram, não como trabalhadoras da fábrica, mas como arrimo de família durante a greve e como colaboradoras nas manifestações em favor da mesma. Esta participação foi pouco divulgada e isso fica evidenciado por Carvalho de Jesus quando diz que “quase me curvo ao desejo de relembrar o que passou nesse jejum, em que as mulheres foram companheiras dos “Queixadas”. Fica para outra oportunidade”.¹

A presente pesquisa, portanto, quer dar uma resposta a essa falta de consideração com relação à participação feminina neste importante movimento operário. O objetivo para o qual se move é o de estudar a participação das mulheres, nas décadas de 60/80, numa das maiores greves do país, a Greve dos “Queixadas”.

Para que a história não permaneça mutilada, se faz necessário contar a experiência da participação das mulheres nesse movimento de operários. Movimento esse que será melhor apresentado no 1º capítulo quando todo o contexto histórico será descrito e dialogado com autores que também se interessam por tal história.

A proposta, de certa forma, é uma tentativa de fazer justiça em prol dessas mulheres que gastaram sua juventude no serviço a seus filhos, maridos e na luta do movimento grevista. No aparente escondimento e anonimato da vida doméstica, algumas delas foram responsáveis pela manutenção do ânimo de seus companheiros e, muitas vezes, foram, inclusive, as responsáveis também pela manutenção econômica de suas casas. Houve, no entanto, outras que atuaram diretamente em passeatas e piquetes para chamar a atenção da opinião pública.

¹ JESUS, 1992. p.50.

Isso ficará mais evidente no 2º capítulo, quando serão apresentados alguns relatos dessas mulheres, mães, lutadoras, enfim, mulheres que fizeram e fazem parte da história.

As atividades domésticas, atribuídas normalmente às mulheres, não são contadas como trabalho quando se pergunta a uma “dona de casa” o que ela faz. O mesmo acontece com a mulher, mãe de família – termo também ambíguo – que não se considera uma trabalhadora. Quando, então, esta mesma mulher sai de casa para um trabalho remunerado, passa a sofrer com uma dupla jornada de trabalho, uma vez que o fato de estar “trabalhando fora” não lhe dispensa das responsabilidades com as tarefas domésticas, das quais os homens, em igual situação de trabalho, se veem liberados. Ou seja, a mulher padece da dupla jornada porque ao homem não foi ensinado cuidar da casa e assumir com a esposa as tarefas domésticas.

Eu vejo que a mulher é oprimida em quase todos os níveis: familiar, social, eclesial. A nossa cultura, pelo menos no Brasil, ainda é muito machista. A mulher é sempre considerada em articulação e conexão com o lar; embora ela seja a condutora da vida e também da educação, não se lhe concede um espaço para se realizar como pessoa humana, pois ela está sempre em função dos outros. Ela permanece invisível apesar de estar presente, pois sua presença não conta na sociedade.²

Além da dupla jornada de trabalho, a mulher que trabalha fora de casa também sofre, muitas vezes, a discriminação por parte da sociedade que lhe incute o pejorativo de “ser diferente”, de não cuidar direito de seus filhos, de seu marido e de sua casa. Quando os/as filhos/as das mães que trabalham fora estão com problema na creche ou na escola, as mães acreditam que a culpa deste mau desempenho é o fato delas trabalharem fora.

Se essa mulher busca qualificação e estudo, experimentará, em muitos

² BOFF, Leonardo, In: TAMEZ, Elsa (org). 1989. p.111.

casos, a não contribuição de seu companheiro para o seu crescimento profissional e intelectual. Isso ocorre de forma explícita com discussões, brigas e imposições de limites ou de modo velado pela indiferença, não participação e falta de colaboração do companheiro.

No trabalho, algumas categorias são reservadas às mulheres, em geral, pela subordinação ou caráter auxiliar. Por exemplo, quando se trata de papéis de direção e coordenação aparecem no masculino: diretor; mas, no feminino, em se tratando de uma função de secretaria. Essa proeminência do masculino sobre o feminino, ainda que de forma quase “trivial”, que aparece na simples denominação de algumas funções, poderia ser vista apenas como mera questão vocabular. No entanto, podemos também suspeitar de se tratar do fruto amadurecido de séculos de machismo, uma vez que na escolha de palavras e definições também estão presentes os aspectos culturais preponderantes em toda a sociedade. As simples reivindicações por mudança na forma de falar ou escrever são vistas, muitas vezes, como de somenos importância, mas, por outro lado, revelam as mudanças que se fazem necessárias com o advento da mulher a lugares outrora reservados unicamente aos homens.

Na Igreja, o machismo também se evidencia. Apesar das mulheres serem o maior número de participantes na base, na maioria das religiões são os homens que estão no poder e na direção. Às mulheres ficam reservados os cuidados com o espaço físico, a visita aos doentes, a ação social. O espaço público da religião, com grande semelhança ao doméstico, se pauta numa clara conexão com o papel familiar atribuído à mulher, a quem cabem os afazeres de casa.

Apesar da evidência do machismo, a participação política e religiosa alternativa foi e ainda é um caminho de resistência para as mulheres. No caso da

participação das mulheres na Greve dos Queixadas – assunto desta pesquisa – as comunidades e clubes de mães tiveram uma função valiosa por oferecerem às próprias mulheres outros modos de participação para além do exclusivamente doméstico.

A participação política e religiosa alternativa começa a ser cada vez mais para essas mulheres um canal de possibilidades e uma frente de luta. Como exemplo mencionaria o clube de mães, as comunidades de base, as associações de bairro, nos quais a participação feminina do ambiente popular é claramente majoritária.³

Um fator de fundamental importância para o estudo feito desde a Ciência da Religião é a preponderância da fé e religiosidade dos líderes da greve. Todos os líderes do movimento e as mulheres entrevistadas pertenciam à Igreja Católica. A partir de sua fé, utilizavam a “firmeza permanente” que é a tradução, para o seu contexto, dos princípios da Não-Violência Ativa:

A não violência ativa supõe: a) um treino político permanente: uma análise constante da situação política, econômica e repressiva para descobrir a réplica adequada; b) a organização de uma força popular poderosa, a partir dos sentimentos mais nobres do homem; c) um treino emocional permanente: nunca matar; jamais ferir; sempre se unir; sempre ficar atento; não fugir (a não ser provisoriamente, taticamente); não desanimar: agir com firmeza permanente; saber arriscar a vida, superar o medo da morte; não se esconder. A não violência nunca pode ser clandestina; negar-se-ia a si mesma, pois toda a sua força vem da força da verdade; guardar-se do ódio, orar pelos inimigos, amá-los. Purificação constante; desobedecer as leis que querem destruir o povo e suas organizações. É a construção de um processo histórico que leva a um desfecho não-violento do conflito. Daí a necessidade de uma militância não violenta, para criar as condições históricas para o surgimento desta forma de luta. Neste campo, mais do que em qualquer outro, o “espontaneísmo” não basta; d) enfim, todo este esforço deve caminhar para uma desobediência civil maciça e organizada, se não houver outro recurso.⁴

Estes princípios estiveram presentes durante toda a organização da greve dos Queixadas. A resistência se dava através de greve de fome e de romaria, por exemplo. Estas eram usadas como instrumentos não agressivos e alimentos para o

³ BINGEMER, Maria Clara, In: TAMEZ Elsa (org). 1989. p.132.

⁴ JESUS, 1992. p.95.

Espírito através da piedade popular, além de aumentarem a força do movimento.

O movimento também contava com a simpatia de algumas lideranças católicas. Lideranças masculinas, mas, também, lideranças femininas que serão apresentadas no 3º capítulo, bem como toda a relação do movimento “Queixadas” com as mulheres e a igreja.

A Greve dos “Queixadas” é contemporânea às mudanças na Igreja Católica advindas do Concílio Vaticano II (1962-65), as quais, sem dúvida, fortaleceram um novo tipo de participação dos leigos na Igreja. Dentre essas mudanças encontram-se as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) que preconizavam a união entre fé e vida. Apesar de não terem registros que comprovem seu surgimento nesta época, as CEBs e seus princípios já contribuía na organização destes operários, pois “as CEBs são como filho de pobre: nascem em um dia e registram no outro, mas é por volta dos anos 60 que elas surgem”⁵.

Quanto à metodologia utilizada nesta pesquisa, os dados foram colhidos a partir de uma abordagem qualitativa: revisão bibliográfica, análise de documentos históricos, relatos, questionários e grupo focal (devidamente registrados através do recurso da fotografia). As pesquisas mais significativas foram no Sindicato das Indústrias de Cimento Cal e Gesso de São Paulo, em abril de 2010, e na Universidade de Campinas (UNICAMP), em março de 2010.

Para analisar os dados, utilizamos o método da análise do discurso. “O discurso é a linguagem em interação, ou seja, é o efeito de superfície de relações estabelecidas e do contexto da linguagem”.⁶ Trata-se de levar em consideração também a linguagem não verbal expressa nos silêncios, nas reticências, gestos, olhares e entonações ao pronunciar as palavras. Um exemplo aparece no grupo

⁵ ALTEMEYER JUNIOR, Fernando, CEBs: Comunidades Eclesiais de Base. Revista “Mundo e Missão”. www.pime.org.br/mundoemissao/igrejacebs. Acessado em 30 de novembro/2008.

⁶ MINAYO, 1992. p.213.

focal, quando as mulheres chegaram ao local que, na época da greve, era um dos espaços de encontro: é quase impossível descrever os olhares das mesmas em relação ao espaço físico, o reencontro, os abraços, as brincadeiras, o suspiro ao saber que iriam relembrar sua história. Outro fato é quando um amigo, brincando, afirmou que iria participar do grupo; uma delas, QXC, disse: “Não, hoje nós é quem vamos falar”.⁷

Os seguintes temas e conceitos foram trabalhados como base teórica para a pesquisa: Concepção e relações de poder, mulheres e lutas sociais, gênero, mulheres como sujeitos históricos na participação e na transformação social. Para isso, a pesquisa dialoga com os autores/as: Michelle Perrot, Michel Foucault, Elsa Tamez, Maria José Rosado Nunes, Josefa Buendia Gomez e, Ivone Gebara. Além disso, um “caderno” escrito por Mário Carvalho de Jesus será utilizado, pois o mesmo descreve toda a história dos trabalhadores da Fábrica de Cimento Perus.

⁷ QXC, 77 anos.

CAPÍTULO I – PERUS: PALCO DE LUTA TRABALHISTA

1.1. Primórdios do bairro e da Fábrica

Para apresentar o palco das lutas trabalhistas que compõe o contexto deste trabalho, toma-se como ponto de referência para situar o bairro de Perus, a inauguração da Estação de “os Perus” da Estrada de Ferro São Paulo Railway (hoje Estrada de Ferro Santos-Jundiaí/EFSJ), em 1867. Para o período anterior e suas poucas referências históricas a dissertação de mestrado de Élcio Siqueira apresentada à Universidade Estadual de São Paulo (UNESP) em 2001 constitui a base para o desenvolvimento deste capítulo.

A estação ferroviária era simplesmente um posto de reabastecimento de água das locomotivas que ligavam Santos a Jundiaí entre as estações Água Branca e Belém (atual Francisco Morato)⁸; não havia uma preocupação propriamente dita de receber ou desembarcar passageiros, uma vez que a população que a cercava era composta por escassa população, na maioria pequenos sítios. No entanto, a existência desta pequena estação teve uma importância vital para a futura instalação da Fábrica de Cimento Perus e o consequente crescimento populacional da região, transformando, radicalmente, as terras da Fazenda Ajuá (antigo nome).

Para o nome Perus existem duas versões: uma tem origem tupi guarani PI-RU, cujo significado é “estar apertado” e estaria relacionando ao relevo bastante acidentado do bairro; outra versão tem um sentido mais jocoso, a existência de uma

⁸ SIQUEIRA, 2001. p.23.

parada de tropeiros na casa de uma moradora que criava perus. A dona do ponto era muito conhecida e chamada de “Maria dos Perus”⁹ por causa de sua criação.

No final do século XIX, certamente por influência da Estrada de Ferro Santos-Jundiaí, se pode perceber na região de Perus e redondezas uma série de empreendimentos que denotam uma mudança do estilo de exploração do solo para além da produção agrícola. Em 1890, a Companhia Melhoramentos de São Paulo arrendou terras na região em vista de prover com eucaliptos e pinheiros sua produção de celulose. Próxima à Estação estava a Fábrica de Pólvora do Sr. Hedwiges Dias, fornecedora de munição para o sistema de defesa do Porto de Santos na Revolta Armada de 1893-94. (DPH/CONPRESP,1992, p. 21-2; Bento, 1996, p. 61)¹⁰. Em Franco da Rocha, a partir de 1898, entra em funcionamento o Hospital Psiquiátrico do Juquery. Como se pode perceber, o processo de urbanização da região deve grande parte de seu progresso à Estrada de Ferro.

O acesso facilitado a Perus pela Estrada de Ferro, é um dos fatores que trouxeram ao local as chamadas “famílias pioneiras”¹¹, cujos nomes aparecem nas ruas do bairro. Merece especial menção Sylvio de Campos (1884-1962), cujo empreendedorismo está na origem da Fábrica de Cimento. Ele era advogado formado na Faculdade do Largo São Francisco, foi deputado federal pelo Partido Republicano Paulista por duas vezes (1924-30; 1946-51), era filho de Bernardino de Campos que foi Presidente do Estado (1902-1904) e irmão de Carlos de Campos que também exerceu este cargo público entre 1924-27. Em 1910, com São Paulo em franca expansão imobiliária, junto com outros empresários, Sylvio produz cal no bairro do Gato Preto (atual Cajamar) e consegue a outorga do Estado para a construção de uma estrada de ferro que ligasse Perus a Bom Jesus de Pirapora,

⁹ VALSI, 1998. p.8.

¹⁰ SIQUEIRA, 2001. p.24.

¹¹ Idem 10, p.21.

importante centro de peregrinação católico. Autorizada a construção da Estrada de Ferro Perus-Pirapora, Bom Jesus do Pirapora ficou apenas no nome, pois seu percurso foi desviado para a região calcária do Gato Preto. Em 1914, a Estrada de Ferro está construída e, no ano seguinte, Sylvio de Campos dá início a um novo empreendimento cujo desfecho se dá na associação de seu grupo empresarial com o grupo Drysdale y Pease, produtores de cimento com vasta experiência no ramo.

Em 1923, vem ao Brasil o engenheiro Doutor M. M. Smith, especialista em cimento e em grandes fábricas dos Estados Unidos e Canadá; ele dá o seu aval ao empreendimento depois de analisar minuciosamente as reservas de calcário do Gato Preto. Em 1924, formou-se a “Companhia Brasileira de Cimento Portland S.A.”, tendo como primeiro presidente o doutor Sylvio de Campos. Nos dois anos seguintes, chega o maquinário completo para a fábrica que passa a funcionar, a partir de 1926, com um capital 70% canadense.

Os fatores que influíram na criação da fábrica incluem o empreendedorismo de Sylvio de Campos, as jazidas minerais do Gato Preto e a proximidade com um grande centro consumidor e em expansão, com uma política nacional favorável à implantação da indústria cimenteira no Brasil (essa política favorável vai manter, até 1933, uma reserva de mercado do cimento que impede a concorrência com a Fábrica de Perus). Os canadenses participam dessa história em virtude de sua experiência na produção do cimento e também pelos investimentos na área da produção de energia elétrica, cuja subsidiária, a *Light and Power Company*, dona da usina hidrelétrica de Santana do Parnaíba, vai criar uma linha de alta tensão especialmente para atender ao empreendimento.

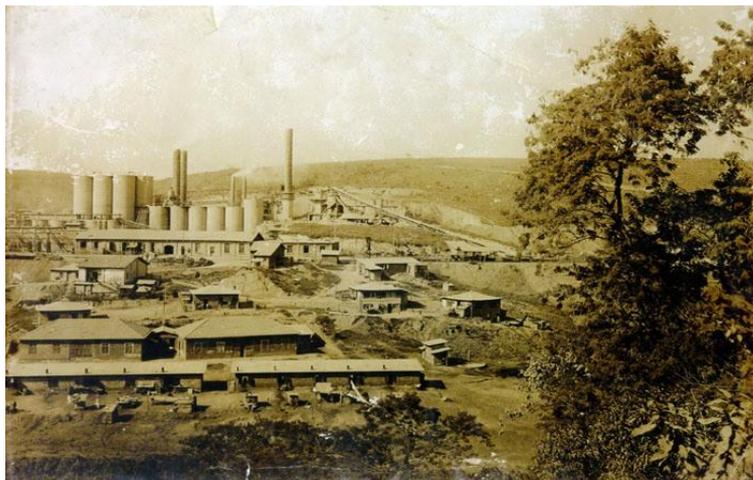


Figura 1: Vista da Vila Operária
(Fonte: www.comerciodeperus.com. Acessado em 30. 01.11)

Com a chegada da fábrica, o bairro passa a crescer na órbita da mesma, pois nela trabalhavam quase todos os chefes de família do bairro. Ainda nos anos 20-30 foram surgindo as vilas de operários tanto dentro das terras da fábrica quanto no perímetro próximo. Assim, em 1934, Perus contava com 3504 habitantes e em 21 de setembro foi elevado a distrito, desvinculando-se do bairro Freguesia do Ó. Esta data é reconhecida como a data de fundação do bairro¹².

Um fato a ressaltar é que a produção da fábrica atendeu às demandas de uma grande parcela do mercado nacional e paulista. Logo após sua instalação, impressionava pela sua alta produção¹³. Com um número de operários que ultrapassou a casa do milhar em muitos momentos, foi responsável pela construção de boa parte da cidade de São Paulo quando de sua constituição, e, já na década de 1950, boa parte da construção de Brasília teve na Companhia Brasileira de Cimento Portland Perus (CBCPP) sua principal fonte de produção do concreto.

A cidade de São Paulo, na primeira metade do século XX, apresenta um

¹² SIQUEIRA, 2001, p.34. Retirado do Jornal Gazeta Pirituba, ano I, n. 8, 23 de setembro de 1995, p.1.

¹³ Em seu início a fábrica de Perus produzia 60.000 toneladas/ano. Em 1927 esse número salta para 125.000 toneladas/ano e em 1930 o total da produção é de 200.000 toneladas/ano. (Siqueira, 2001, p.37).

crescimento habitacional de 600.000 para mais de 3.000.000. Em Perus, foi produzido o cimento utilizado na construção da maioria de seus edifícios, nos túneis e viadutos da Avenida 9 de julho, na Biblioteca Mário de Andrade, além das obras da Light em Santos, no trecho inicial da Via Anhangüera, entre outros. Em 1951, a Fábrica de Cimento Perus, incluindo a Estrada de Ferro Perus-Pirapora, é vendida ao Grupo J. J. Abdalla.

1.2. A fábrica sob a administração Abdalla

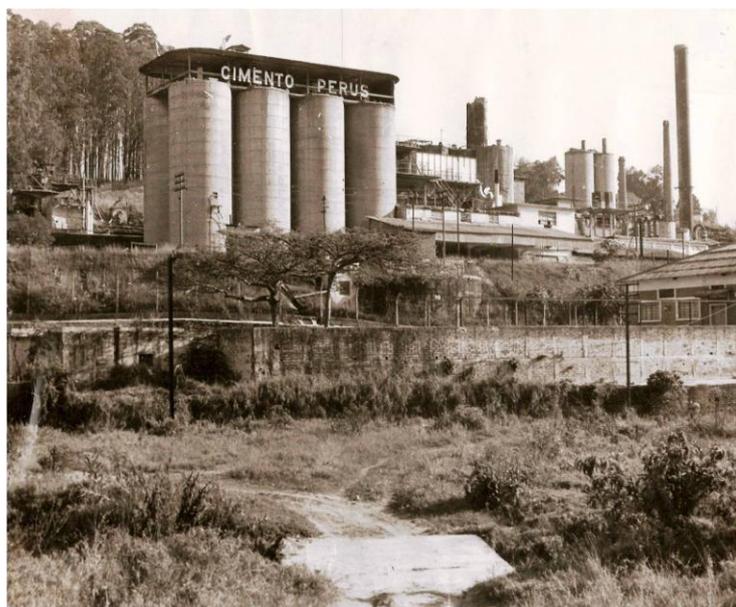


Figura 2: Foto da Fábrica
(Fonte: arquivo do Sindicato de Cimento de Perus)

Essa mudança de proprietário não pode ser considerada apenas no âmbito das negociações econômicas, pois estaria desconsiderando fatores importantes na composição da nova administração e o que esta significou para os trabalhadores. Falar sobre quem era J.J. Abdalla se faz necessário para situar o novo momento

histórico, permitindo estabelecer as primeiras relações entre os vários sujeitos envolvidos na dinâmica cotidiana das relações trabalhistas desenvolvidas na Fábrica de Cimento Perus a partir de então.

José João Abdalla, 1903-1978, tinha como formação profissional a medicina. Foi vereador (1931-1934) e prefeito da cidade paulista de Birigui (1937-1941), constituinte em 1946 pelo Partido Social Democrático (PSD), Deputado Federal (1946/1950 e 1954/1964) pelo mesmo partido, Secretário do Trabalho no governo de Ademar Barros (1950/1951) e proprietário de indústrias, bancos e fazendas.

Como se pode observar, as influências econômicas e políticas de J.J. Abdalla o configuravam como um homem de grande poder, especialmente no que diz respeito ao mundo do trabalho. Conhecendo seu itinerário político, é possível entender a alcunha de “mau patrão” a ele atribuída por um grande jornal da época.¹⁴

Os relatos de ex-operários da fábrica e antigos moradores quanto à nova administração dão conta de que as condições de trabalho pioraram sobremaneira com a mudança de proprietários. A administração Abdalla apresentava certo descuido com relação à manutenção adequada da fábrica.

As mudanças foram radicais. Quando tratam das opiniões dos operários, todos os textos consultados são unânimes em apontar que, no seio da mão-de-obra empregada, ficou a lembrança do período canadense se não como um paraíso, pelo menos como marcado por um estilo de gestão mais próximo de se aceitar como correto e coerente.

A administração canadense, por exemplo, é lembrada como muito zelosa com os equipamentos: peças desgastadas eram substituídas antes que provocassem defeitos; no almoxarifado, havia reservas para os dez anos. Com Abdalla, a precariedade da manutenção ensejaria constantes queixas. Além disso, o Forno 4, adquirido em 1951, não teria sido integralmente montado porque a nova administração dispensara os operários qualificados para reduzir a folha de pagamentos. (Fillippini & Fernandes, 1992, p. 7).

Outro aspecto instigante aparece na fala do operário João Breno Pinto que conta que o “4” possuía sutilezas que a empresa jamais se interessou em assimilar. João Breno estava presente quando orientações errôneas de um engenheiro causaram uma explosão que atingiu pelo menos quarenta operários, vários deles com as roupas postas em chamas. Conforme suas palavras literais, o Forno 4 “de mais moderno tornou-se o mais poluidor da Fábrica.” João Breno informa ainda que o pó lançado pela fábrica não era

¹⁴ SIQUEIRA, 2001. p.78.

um problema tão grave em 1951: foi “J. J.” quem desativou os equipamentos de filtragem então existentes para cortar outros postos de trabalho. (Entrevista concedida ao autor em 1994).¹⁵

Para Siqueira, o período no qual J.J. Abdalla adquire a Fábrica coincide com uma mudança radical na indústria cimenteira nacional. Sabe-se que o cimento é um produto cuja qualidade e preços são estabelecidos por tabela impedindo que um fabricante sobressaia sobre outro ao modo da concorrência entre outros produtos que podem usar de artifícios de merchandising para ganhar mercado e impor sua hegemonia. O lucro da produção cimenteira vem da diminuição dos custos de produção ou do aumento de preço justificado pelo aumento da demanda. Como este segundo item é mais difícil de ser manipulado pelos produtores – se caracterizaria como formação de cartel – o esforço de aumento de lucro se concentra na outra ponta. Para isso, o caminho passa pela modernização da fábrica com equipamentos novos, aumento do parque industrial ou diminuição da ociosidade instalada. O que se busca é que o produto unitário tenha um custo o mais baixo possível e, para isso, importa aumentar a produção.

Coincide com o início da administração Abdalla a aquisição do Forno 4, o mais potente e moderno da época. Mas o que se verificou é que a sua instalação completa e totalmente funcional não resultou no aumento da produção e potência esperada. A sua instalação foi colocada nas mãos de empregados menos qualificados para o trabalho, visando diminuir a folha de pagamento. E, mais ainda, o Forno 4 de mais moderno vai se tornar o mais poluidor, jogando sobre as casas de Perus o equivalente a 1% do cimento produzido, com desperdício do produto acabado e perda de energia térmica gasta na elevação do pó. Por ordem de Abdalla, os filtros das chaminés vão ser desinstalados a fim de cortar custos evitando

¹⁵ SIQUEIRA, 2001. p.78-79.

manutenção.

Concomitante à precarização das condições de trabalho e o desleixo na manutenção dos equipamentos, ocorreu a não garantia do cumprimento das obrigações trabalhistas. Para não atender à legislação vigente que dispunha para os trabalhadores a efetivação nos empregos ao completar 10 anos de casa, funcionários eram demitidos na proximidade do cumprimento deste tempo. Salários eram atrasados. A se julgar o que ocorreu na gestão da Usina Miranda, de propriedade de Abdalla, pode-se inferir que o mesmo se passava na Fábrica de Cimentos Perus:

(...) um bom retrato do Grupo Abdalla está em *A falência fraudulenta da Usina Miranda*. Declarada falência desta empresa em 1966, foram decretadas de prisão (sic) contra funcionários e diretores como “J. J.” (Presidente), Antonio João Abdalla (seu irmão), Saber Koury, etc. Laudo pericial anexado aos autos demonstra ausência de realização regular de Assembleias Gerais para renovação de mandatos, eliminação e adulteração de documentos com vistas a simular saldos fictícios, favorecimento de credores em prejuízo de outros com prioridade legalmente assegurada, contabilidade paralela, etc. Os bens registrados na escrituração não correspondem integralmente aos encontrados na usina. Recursos da empresa foram desviados para uma campanha política de Abdalla e para a realização de despesas injustificáveis do ponto de vista dos negócios da firma. Foram feitos lançamentos irregulares de créditos a acionista majoritária (Cia. Brasileira de Produção e Empreendimentos, CIBRAPE), pagamentos de dívidas e encargos desta última, assim como movimentações de vultosas quantias sem origem identificada.¹⁶

No fim dos anos 60, corria na boca dos trabalhadores da fábrica, a opinião de que os desejos de Abdalla eram de fato levar a fábrica à falência para, então, arrematá-la em leilão¹⁷. Isso realmente ocorreu. Em julho de 1973, a fábrica sofreu intervenção da Justiça a fim de garantir o pagamento dos direitos dos trabalhadores. Em 1974, seus bens foram confiscados pela União para ressarcir impostos atrasados. Em 1980, o Forno 4 foi desativado por ordem da Justiça para pôr fim à poluição do pó de cimento e, no mesmo ano, a fábrica foi a leilão. Arrematada pela

¹⁶ SIQUEIRA, 2001. p.82.

¹⁷ Idem 16, p.81.

família Abdalla, entra na direção dos negócios da fábrica “Toninho Abdalla”, sobrinho do já falecido “J.J.”.

Em 1984, a Fábrica de Cimento pára sua produção e em suas instalações permanece um número reduzido de empregados, apenas para ensacar cimento de outras indústrias. Em 1986, finalmente, a Fábrica de Cimentos Perus fecha as portas em definitivo.

1.3. O Movimento Operário

Há controvérsias quanto ao surgimento do sindicalismo em Perus com alegações que podem remeter a 1909, com a fundação do sindicato ligado aos anarquistas. Diante da falta de uma comprovação melhor fundamentada, nos atemos a 1933, no testemunho de João Breno, recolhido por Elcio Siqueira (2001, p. 155), por iniciativa dos trabalhadores nas pedreiras de Cajamar, antiga Água Fria, mas que representava também os operários da Fábrica de Perus:

Na fundação, a entidade chamava-se Sindicato dos Operários de Pedreiras de Água Fria, pois foi criada por iniciativa dos trabalhadores desse setor do complexo regional de produção de cimento. Água Fria é o antigo nome do atual Distrito Sede (ou Centro) do município de Cajamar. O sindicato, porém, sempre atendeu o conjunto dos funcionários da Fábrica, da ferrovia e empresas anexas, conforme documentado por ofício de 6 de setembro de 1934, dirigido ao Ministro do Trabalho, no qual o presidente da entidade solicita autorização para que a entidade continuasse procedendo assim. Em razão disso, o nome depois mudaria para Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Cimento, Cal e Gesso de São Paulo.¹⁸

A partir de 1954, o sindicato passa por uma renovação quando o Doutor Mário Carvalho de Jesus (1919-1995), advogado formado na França e militante da

¹⁸ SIQUEIRA, 2001. p.34.

Ação Católica Operária, assume a sua assessoria jurídica, tendo João Breno Pinto (1932-2002) como suplente da direção a partir de 1956. Mário e Breno serão considerados os números 1 e 2 de todo o movimento operário que levaria Perus ao cenário nacional e mundial nos anos seguintes.

O primeiro embate entre a nova direção do sindicato e Abdalla se dá em 1957. Nessa ocasião, a empresa tentou a transferência das novas lideranças para suas empresas no litoral, a 200 quilômetros de Perus. Tendo a lei como argumento, o sindicato foi vitorioso na justiça.

Em 1958, houve uma greve em todo o complexo cimenteiro que colocou o sindicato de Perus nacionalmente em evidência. Desde 1938, o preço do cimento vinha crescendo segundo a política do setor, isto é, conforme os ditames dos empresários. O reajuste salarial dos trabalhadores de Perus foi estabelecido em 30% como todos os demais sindicatos da Federação a qual este estava ligado. Utilizando-se do aumento dos salários como desculpa, os patrões estabeleceram um reajuste do preço do cimento em 7 (sete) vezes. Diante de tal situação, o Sindicato de Perus recorreu à Justiça exigindo um aumento maior aos salários (40%) ou que se voltasse atrás com relação ao preço do cimento. Esta greve transcorreu em clima pacífico, pois o que se buscava com os piquetes era angariar a simpatia da população para a causa.

A fibra dos trabalhadores fez com que fossem comparados com “queixadas”, pois “é o único bicho que, quando se sente em perigo, se une em grupo, em manada, bate o queixo – daí o nome queixada -, enfrenta a onça ou o caçador; este tem de se esconder numa árvore, porque corre o risco de ser estraçalhado.”¹⁹

Após 46 dias de greve, foi concedido o que o sindicato exigia. E, a partir deste

¹⁹ JESUS, 1992. p.31.

evento, o que antes era apenas uma comparação se torna uma denominação, pois este grupo passa a ser chamado de “Queixadas”. A não-violência-ativa utilizada passa, em 1973, a ser chamada de “firmeza permanente”. João Breno dizia: “Em situação de fraqueza, a não-violência-ativa é mais eficaz do que a violência”²⁰. Dizia ele que o trabalhador do cimento realiza um serviço bruto e, portanto, o trabalhador é “agressivo”. Nesta situação, alimentar a violência seria fácil, mas com certeza o grupo não teria alcançado a vitória; por conta disso, a violência da repressão seria muito mais organizada e eficaz.

A grande paralisação ocorreu a partir de 14 de maio de 1962 até 1969. Os trabalhadores ganharam a greve, mas os salários só seriam pagos em 1975, em frente ao Sindicato Indústria Cimento Cal e Gesso São Paulo, o qual encontrava-se sob intervenção e, à luz de velas organizadas pelas mulheres. Os trabalhadores considerados estáveis, ou seja, com mais de 10 anos de firma, receberam seus salários referentes aos 7 anos de greve²¹.



Figura 3: Mulheres com velas em frente ao Sindicato
(Fonte: Acervo UNICAMP – Arquivo Edgar Leuenroth – MCJ ASP/S pastas de 01 a 10)²²

²⁰ JESUS, 1992. p.21.

²¹ Idem 20, p.61.

²² No arquivo Edgar Leuenroth não foi localizada a data da fotografia, mas esta foto aparece no livro JESUS, 1992, p.61, tendo como data o ano de 1975.

Durante a greve, a fábrica não parou. Houve os que não aderiram à paralisação, os chamados “fura-greve”. No entanto, cerca de 1000 operários foram persistentes na paralisação por todo o tempo até alcançarem uma vitória parcial que lhes deu a reintegração em seus postos de trabalho, quando a Justiça reconheceu seus direitos declarando a legalidade da greve. Como os porcos do mato, os queixadas tiveram persistência e organização, o que caracterizou o movimento grevista.

Esta greve e sua forma não violenta foi bastante divulgada, tanto que Vieira (1980) escreve uma peça teatral sobre a mesma cujo título era: Bumba, Meu Queixada.

Tem um porco do mato
Um porco selvagem
Que quando anda em bando
Vira turma da pesada
Seu nome é Queixada (bis)
Teve uma greve na cidade
De Guarus, onde os operários
Sabedô dos seus direitos
Assinaram em cruz
Foi uma briga feia
Durou dezena e meia
Uma briga danada
E os operários
Chamavam Queixada.²³

Em 1973, algumas mulheres cuja participação no movimento já acontecia na década de 1960, voltam às ruas, desta vez, em passeata contra o pó de cimento que estava poluindo a região. “Mesmo com a prisão de J.J. Abdalla, mais de duas mil mulheres de Perus sairão em nova passeata, às 14 horas de hoje, para protestar contra a poluição provocada pela fábrica de cimento do empresário”.²⁴

Em 1980, a fábrica foi colocada à venda e o Forno 4, o maior, mais potente e

²³ VIEIRA, 1980. p.45.

²⁴ Jornal o Estado de São Paulo. Perus: Passeata é voto de confiança ao governo. 22.07.73 pag. 3. 1º caderno. Acervo do Sindicato Indústria Cimento Cal e Gesso de São Paulo.

mais poluente, foi desativado devido ao movimento iniciado em 1973. Em 1986, a fábrica definitivamente fecha as portas.

A luta dos Queixadas foi além das simples reivindicações trabalhistas, era uma luta contra as leis trabalhistas injustas e contra as fraudes e corrupção e da solidariedade a outras categorias sindicais. Os anos 80 foram marcados pela denúncia do cartel de cimento e pela luta junto a outros segmentos da sociedade, como por exemplo os sem teto. A proposta dos trabalhadores era a de autogestão da fábrica e o objetivo era garantir cimento para a construção de casas para a população que morava em barracos. Pouco a pouco, a constante falta de matéria prima levou ao fechamento definitivo da fábrica em 1986.²⁵

A greve da década de 1960 foi marcada, como vimos acima, pelo surgimento dos “Queixadas”, por sua longa duração – talvez a mais longa na história de nosso país – e, especialmente, pela estratégia de luta baseada nos princípios da não-violência. E, partindo das consequências do pó de cimento para a saúde da população, o movimento grevista, ao longo do tempo, também incorporou uma dimensão ecológica ao colocar na pauta de discussão os males causados pelo pó de cimento que invadia as casas e atingia toda a população de Perus.

Durante a greve, enquanto os homens participavam dos piquetes e das ações próprias das lutas, as mulheres, de certa forma, sofriam as suas consequências: filhos com fome e falta de crédito nos armazéns e supermercados, e uma opinião pública pouco favorável. A estratégia do patrão contava com a intimidação do comércio local e da população em geral para não apoiarem os operários “queixadas”, cortando o crédito e, conseqüentemente, o fornecimento de alimentos aos grevistas e suas famílias.

A participação feminina se deu, na maior parte das vezes, na manutenção do lar, no cuidado da casa e dos filhos. Mas também houve aquelas que, carregando sua prole, se faziam presentes nos piquetes e manifestações no centro de São

²⁵ ANSARA. 2000. p.31.

Paulo. Já em 1962, tomavam parte nas passeatas que denunciavam os maus tratos aos trabalhadores e a omissão e descaso das autoridades. Para se ter uma ideia dos maus tratos impostos aos operários, “com o ‘furo’ da greve, os trabalhadores foram obrigados a trabalhar 24 horas seguidas. Ferdinando Frisk perdeu a vida por exaustão. As mulheres dos queixadas fizeram uma passeata, denunciando a omissão das autoridades.”²⁶

Estas mulheres, de certa forma, permaneceram ocultas na história. O ocultamento desta participação feminina na luta dos “queixadas” é o motivo e a razão desta dissertação.

²⁶ JESUS, 1992. p.44.

CAPÍTULO II – MULHERES “INVISIBILIZADAS” DA FAMÍLIA

QUEIXADA

Mulheres Queixadas ²⁷					
					
NOME	QXC	QXZ	QXMV	QXEPE	QXEPR
IDADE	77 anos	76 anos ²⁸	77 anos	77 anos	82 anos
PROCEDÊNCIA	Campinas/SP	Atibaia / SP	Itália	Santa Isabel / SP	Bahia
ATUAÇÃO	Assumia, sozinha, a responsabilidade e da família	Mulher e conselheira do líder da greve. Assumia a criação dos filhos.	Cuidava da família, participava dos piquetes, da greve de fome e da organização das mulheres.	Cuidava da família, participava dos piquetes, da greve de fome e da organização das mulheres.	Cuidava da família, participava dos piquetes, da greve de fome e da organização das mulheres.
ROSTOS	 Fonte: Maria M.F. Alves	 Fonte: Maria M.F. Alves	 Fonte: Maria M.F. Alves	 Fonte: Orlando Barbi	 Fonte: Maria M.F. Alves

²⁷ Dados coletados em 2009/2010. Fotos publicadas com autorização das mulheres mediante termo de consentimento (em anexo).

²⁸ QXZ faleceu 05 meses após a entrevista.

Neste capítulo será destacada a participação das mulheres as quais, apesar das dificuldades e das barreiras encontradas, conseguiram ultrapassar um sistema de dominação e se fazerem parte nesta história.



Figura 4: Passeata destacando a representação feminina.
Fonte: www.saopaulourgente.blogspot.com. Acessado em 30.01.11.

Esse episódio [...] alterou a própria natureza do movimento: era a família operária como um todo quem decidia e sustentava os passos da luta. Diversas fotos mostram piquetes e passeatas com clara maioria feminina bem como levas de **casais de mãos dadas** dirigindo-se ao Sindicato. Depois do 'fura-greve', as mulheres foram o esteio fundamental da Cooperativa. Inexplicavelmente, porém, um estudo da atuação feminina e da resistência fora da Fábrica em 1962-1969 ainda está por ser feito.²⁹

Neste excerto, Siqueira comenta sobre a novidade da participação das mulheres no movimento, agora não são apenas os operários “Queixadas”, mas a família operária “Queixada”. Era a resistência fora da fábrica. Ele comenta ainda que elas eram a maioria e, que um estudo desta atuação feminina, ainda não foi feito.

Segundo Perrot, “escrever a história das mulheres é sair do silêncio em que elas estavam confinadas”.³⁰ As mulheres queixadas, conforme já citado,

²⁹ SIQUEIRA, 2001, p.176 (grifo nosso).

³⁰ PIERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres**. (Tradução Ângela M.S.Correa). São Paulo: Ed. Contexto, 2007. p.16.

participaram ativamente nas famílias cuidando dos filhos/as e também na porta da fábrica carregando sua prole no colo, participando dos piquetes e, às vezes, no enfrentamento aos policiais.



Figura 5: Mulheres e crianças sentadas à frente da Fábrica, impedindo a entrada dos militares.

Fonte: Arquivo do Sindicato de Cimento de Perus

Falar delas é divulgar sua participação, importância, envolvimento e, finalmente, tornar visível sua participação em uma luta social tão significativa.

Porque são pouco vistas, pouco se fala delas. E esta é uma segunda razão do silêncio: o silêncio das fontes. As mulheres deixam poucos vestígios diretos, escritos ou materiais. Seu acesso à escrita foi tardio. Suas produções domésticas são rapidamente consumidas, ou mais facilmente dispersas. São elas mesmas que destroem e apagam esses vestígios porque os julgam sem interesse.³¹

A participação feminina não era percebida porque nem as próprias mulheres viam seu valor e sua parcela de atuação nesta greve. É o “silêncio das fontes” como diz Perrot. Uma das mulheres entrevistadas, como por exemplo, QXCA nem se lembrava que havia colaborado na redação de documentos e panfletos da greve, ou seja, suas produções foram esquecidas por ela mesma e por quase todos/as.

Falar desse “esquecimento”, dessa “invisibilidade” faz pensar na questão das relações de poder e gênero, tema abordado no item seguinte.

³¹ PERROT, 2007. p.17.

2.1. Relações de Poder e Gênero

(...) as relações existentes entre homens e mulheres dentro de uma sociedade constituem-se em relações de poder que reproduzem o sistema de dominação de um grupo social sobre outro. A sociedade é concebida como palco de disputas pelo poder simbólico entre dominantes e dominados, sendo ela dividida em diversos campos como o político, o social, o econômico, o artístico e o religioso.³²

Este subitem inicia-se com uma reflexão de Elen Moura sobre Bourdieu no que se refere às relações de poder na sociedade e às constantes disputas por ele. Por conta disso, aqueles que estão à margem desta dada realidade, acabam por sofrer as consequências desta sociedade.

“Somos julgados, condenados, classificados, obrigados a desempenhar tarefas e destinados a um certo modo de viver ou morrer em função dos discursos verdadeiros, que trazem consigo efeitos específicos de poder.”³³ Segundo Foucault, somos condenados, destinados e obrigados a um modo de vida baseado nos discursos ditos verdadeiros, os quais nos obrigam a sofrer os efeitos deste poder que está enraizado nas nossas ações e, portanto, é muito difícil desprender-se dele. Isto se evidencia nas relações de gênero, quando a mulher luta, luta e acaba por ser “afogada” no poder que dita regras e que se representa como verdade nas relações, produzindo e reproduzindo seus efeitos na sociedade e garantindo o funcionamento do seu discurso, nas suas múltiplas formas de dominação.

O enraizamento do poder, as dificuldades que se enfrenta para se desprender dele vêm de todos estes vínculos. É por isso que a noção de repressão, à qual geralmente se reduzem os mecanismos do poder, me parece muito insuficiente, e talvez até perigosa.³⁴

³² BOURDIEU *apud* MOURA, 2009, p.146.

³³ FOUCAULT, 1979. p.180.

³⁴ Idem 33, p.149.

Para o autor, esse poder tem vários vínculos o que dificulta saber, realmente, quais são os seus mecanismos; por isso, estes devem ser observados nas diversas ações do dia-a-dia. São as disputas pelos micropoderes. “As relações de poder estão talvez entre as coisas mais escondidas no corpo social”³⁵, influenciando diretamente as relações de gênero, criando um discurso no qual as mulheres são caracterizadas como frágeis, cuja compleição física e capacidade mental apenas lhes conferem o destino e o poder de cuidar dos/as filhos/as e da casa, ou seja, cuidar daquilo que é mais próprio do privado e que se mantém no ambiente doméstico.

(...) Existem relações de poder múltiplas que atravessam, caracterizam e constituem o corpo social e que (sic) estas relações de poder não podem se dissociar, se estabelecer nem funcionar sem uma produção, uma acumulação, uma circulação e um funcionamento do discurso.³⁶

Quando o autor comenta as múltiplas relações de poder remete-se, exatamente, às formas de poder presentes na greve dos “Queixadas”. Nela o poder aparece em algumas de suas várias facetas. Era o “mau patrão”, que também foi ministro do trabalho e que ali representava o cartel do cimento; era o Sindicato, os operários, a polícia, a Igreja Católica, enfim, várias formas de poder nas quais, na maioria das vezes, era a figura masculina que tinha representatividade. As mulheres, naquela situação, estavam em desvantagem com relação a esses outros poderes baseados no discurso do gênero masculino.

Somos sexo por natureza? Muito bem, sejamos sexo, mas em sua singularidade e especificidade irreduzíveis. Tiremos disto as consequências e reinventemos nosso próprio tipo de existência, política, econômica, cultural... Sempre o mesmo movimento: partir desta sexualidade na qual se procura colonizá-las (sic) e atravessá-la para ir em direção a outras afirmações”.³⁷

³⁵ FOUCAULT, 1979. p.237.

³⁶ Idem 35, p.179.

³⁷ Idem 35, p.234.

As relações de poder e gênero se evidenciam em um dos trechos da entrevista de QXMV quando afirma que a mulher, por mais que faça, nunca aparece, as mulheres não são valorizadas e até são desprezadas, apresentando, talvez, um suposto motivo pelo qual nunca se falou delas.

(...) mulher nunca tem valor, pode fazer o que for, mas nunca aparece, sempre é o homem, então, não sei. Acho que sempre a gente foi um pouquinho, como se diz assim, meio desprezada, não tinha muito valor, eles não davam muito valor para a mulher.³⁸

No que se refere a gênero, Foucault afirma que a mulher foi vista durante muito tempo como apenas sexo frágil e causador de doenças aos homens. As feministas aceitaram o desafio e foram à luta.

A luta do movimento “Queixadas” tem seu início exatamente no final da década de 1950, sendo seu auge na década de 1960, coincidindo com a luta feminista. A impressão que se tem é que estas mulheres, mesmo não sendo e nem sequer sabendo o que significava ser feminista, faziam parte, ainda que inconscientemente, desta reinvenção de sua existência e, apesar das dificuldades, foram protagonistas nesta luta. A seguir será possível visualizar a mostra e busca deste novo jeito de ser.

As mulheres foram e ainda são vítimas de uma forma autoritária e excludente de viver o poder. Ainda lhes é negado (sic) qualquer participação social mais ampla, qualquer forma de decisão político-societária que toque os interesses da maioria, e parece que este campo de batalha não começou a apaixoná-las.³⁹

Segundo Ivone Gebara, as mulheres não têm direito de participar nas decisões da sociedade; durante toda a vida foram vítimas do poder autoritário que assusta, impedindo-as de perceber algo agradável nesta batalha que despertasse

³⁸ QXMV, 77 anos.

³⁹ GEBARA, 1991, p.11.

seu interesse. É como se o poder fosse completamente perverso, que apenas fizesse o mal, servindo a interesses manipuladores, por isso causa medo de que, ao aceitá-lo, esteja aceitando tudo de ruim que ele representa.

Para Elizabeth Lobo, o “cuidar da família” é uma espécie de destino do qual as mulheres não podem fugir. Uma mulher não pode simplesmente arrumar uma mala e ir para a luta. Ela primeiro precisa preocupar-se com o bem estar da família. Ao homem é dado o direito de ir e vir sem essa preocupação, ou seja, pode ausentar-se de casa sem pensar em quem cuidará de suas crias, é “(...) um destino de mulheres construído pela família, os filhos para cuidar, enquanto os homens não parecem ter um destino, seus caminhos podem ser feitos e refeitos”.⁴⁰

O motivo pelo qual as mulheres são reconhecidas cidadãs, quando a cidadania repousa sobre a igualdade, não é certamente neutro. As mulheres não são integradas da mesma maneira na nação, se sua integração repousa, por exemplo, na maternidade ou no trabalho assalariado. Essa justificação não é evidentemente aleatória e também não depende somente de um estado de desenvolvimento da idéia de nação.⁴¹

Elizabeth Lobo também afirma que as ações das mulheres não são igualmente reconhecidas como as ações dos homens. As ações necessitam ser justificadas para serem reconhecidas, porque as mulheres historicamente não aparecem no domínio público. É como se as ações delas fossem apenas de nível privado, doméstico e com valor inferior.

(...) Cuando se habla de “mundo del trabajo”, el trabajo doméstico no es considerado. El hecho de que las mujeres contribuyan con más horas de trabajo que los hombres no aparece como un dato de relieve. Tampoco se discute la inserción del trabajo doméstico en la contabilidad nacional (en el producto nacional), lo que contribuye para la invisibilidad del trabajo de las mujeres en el hogar.⁴²

⁴⁰ LOBO, 1991, p.80.

⁴¹ Idem 40, p.233.

⁴² ROSADO-NUNES, Maria José./et al/.comp. Elza Tamez. 1989. p.43.

Quando se fala do “mundo do trabalho”, o trabalho doméstico não é considerado. O fato de que as mulheres contribuem com mais horas de trabalho do que os homens não aparece como dados em destaque. Tampouco se discute a inclusão do trabalho doméstico, na contabilidade nacional (produto nacional), o que contribui para a invisibilidade do trabalho feminino em casa. (Tradução nossa)

O trabalho doméstico não é considerado trabalho e, mais uma vez, se reproduz um discurso de poder em mais uma de suas múltiplas formas, pois trata-se de um trabalho que não aparece, que não é contado da mesma maneira que as outras atividades, evidenciando a afirmação de Rosado-Nunes sobre a desconsideração do mundo do trabalho em relação ao trabalho doméstico e sua qualidade e reconhecimento como trabalho igual ao assalariado.

Some of the women researchers I have interviewed recently made similar points from their own experiences. One woman found it both a hindrance and a help being accompanied by her husband on research visits. It brought her additional respectability, but he became the focus of attention in the interview setting.⁴³

Ainda sobre o que está escondido entre as relações de poder e, principalmente, nas relações de gênero, KNOTT comenta sobre um obstáculo encontrado por uma mulher que, ao realizar um trabalho em outro país, foi acompanhada por seu marido nas visitas de estudo. Ele, por ser do sexo masculino, tornou-se o centro das atenções no cenário da entrevista. Parecia que o homem que estava apenas acompanhando-a é quem era o responsável pela pesquisa.

2.2. Ouvir algumas para dar visibilidade a muitas!

Neste subitem, serão mostrados os rostos das esposas, companheiras e filhas dos operários do movimento dos trabalhadores “Queixadas” de Perus para,

⁴³ KNOTT, 1995, p.203.

Algumas das pesquisadoras que tenho entrevistado recentemente tinham idéias semelhantes (apontaram questões semelhantes) a partir de suas próprias experiências. Uma das mulheres considerava a companhia do marido em visitas de pesquisa tanto um impedimento quanto uma ajuda. Isso lhe dava maior "respeitabilidade", mas ele se tornava o foco das atenções no local da entrevista. (Tradução nossa).

através deles e de suas falas, após quase 50 anos do evento, finalmente mostrar a presença e participação das mesmas. Aqui, serão muito utilizados os resultados das entrevistas e do grupo focal realizado e melhor especificado a seguir.

2.2.1. Das Entrevistas⁴⁴

A pesquisa iniciou-se com as esposas de alguns líderes operários da greve dos queixadas já conhecidas anteriormente; estas mulheres e outras lideranças locais indicaram outras mulheres para serem entrevistadas. Uma delas, já sem condições de falar com clareza, vítima de um problema sério de saúde, talvez tenha tido na entrevista a última oportunidade de sair da invisibilidade histórica e do anonimato.

Foram entrevistadas 05 mulheres dos operários do movimento “Queixadas”, 02 filhas destes operários e uma colaboradora do movimento na época. Os questionários foram formulados com perguntas abertas, garantindo-se a possibilidade de uma maior flexibilidade, visto que, algumas respostas poderiam levar a novas perguntas. Houve também uma pergunta diferente para cada segmento: mulheres, filhas e colaboradora. Os questionários na íntegra estão inclusos no anexo.

A partir de toda a análise que já vinha se fazendo dos dados qualitativos adquiridos com a pesquisa, além de toda a análise da conversação, foi possível perceber a diversidade que compunha este grupo de mulheres – negras, brancas, brasileiras, estrangeiras, migrantes, imigrantes. Mas, um ponto era comum: os motivos de suas ações.

⁴⁴ Nas entrevistas, as letras QX significam Queixadas e as outras letras referem-se às iniciais dos nomes das entrevistadas. Todas autorizaram a inclusão de suas fotografias no trabalho. As entrevistas, na íntegra, estão nos anexos.

2.2.2. Do Grupo Focal

O grupo focal faz parte da abordagem qualitativa, o qual consiste na apresentação de um tema para o grupo debater.

Não se trata de uma entrevista coletiva, pois durante o período em que os/as participantes irão debater, não será ao/à pesquisador/a que as opiniões serão reveladas, mas sim ao próprio grupo. Dessa forma, é bom ressaltar que não devem ser feitas perguntas para serem respondidas individualmente.⁴⁵

Segundo Valéria Busin, não se trata de uma entrevista em grupo, mas de um debate entre os participantes, não será o/a pesquisador/a o/a protagonista do grupo, mas o próprio grupo, cujas perguntas não terão como finalidade respostas individuais.

Essa metodologia é importante e interessante para atingir os objetivos propostos, pois permite não só o registro dos dados que o grupo trouxe, mas também a percepção de sentimentos e sensações que se fazem necessárias quando se quer um resultado com mais qualidade de informações não tão acessíveis e conscientes no dia-a-dia das relações que se estabelecem.⁴⁶

Para Suellen Gonçalves, é uma metodologia que permite, além do registro dos dados, perceber os sentimentos e sensações que o grupo trouxe colaborando ainda mais para a qualidade das informações.

Essa técnica é capaz de produzir muitas informações em pouco tempo. Nesta pesquisa, o grupo focal contribuiu para valorizar ainda mais as informações encontradas nas entrevistas. E ainda permitiu incluir novos dados ao resultado. O grupo focal possibilitou tanto o registro dos dados, como também a percepção de outros elementos que enriquecem a qualidade de informações talvez pouco acessíveis nas relações diárias.

⁴⁵ BUSIN, 2008. p.91.

⁴⁶ GONÇALVES, 2009. p.31.

Foram convidadas 05 (cinco) mulheres, as quais já haviam participado das entrevistas, uma faleceu e outra não quis participar por timidez. Portanto, o grupo acabou formado por 03 mulheres.

O local escolhido foi o Sindicato das Indústrias de Cimento Cal e Gesso de São Paulo, palco dos acontecimentos nos quais elas participaram. Foram colocados sobre a mesa cartazes contendo recortes de jornais da época da greve para contribuir no resgate da história.

Em se tratando de um grupo pequeno, sua duração foi de 45 minutos. O grupo contou com uma moderadora, uma “secretária” que digitou, fotografou e gravou, e uma pessoa que filmou o evento. O ambiente estava bastante tranquilo visto que o local era conhecido de todas as participantes. No final, todo o grupo foi convidado para uma confraternização num café da região, escolhido por sua decoração que conta a história destas lutas.

Alguns temas foram sugeridos ao grupo com o intuito de se chegar ao que esta pesquisa se propõe. Para tanto, garantiu-se a possibilidade de abordar outros assuntos que não foram pré-estabelecidos de acordo com o que a conversa das mulheres apresentava como pertinente, a qual encontra-se em anexo.

A princípio foram sugeridos os seguintes temas:

- Relação de vocês (mulheres) com os homens (maridos), na época da greve.

- Comentários e comportamentos das mulheres com relação à greve.

- Pensamentos dos maridos e outros homens sobre a greve.

- Motivação tanto dos operários quanto das mulheres para a participação.

- Maiores dificuldades encontradas.

- Lugares ocupados pelas mulheres (na casa, na família, na sociedade, no bairro).

- Ausência de registros sobre a participação da mulher na greve dos Queixadas.

Quando deu-se início ao encontro, estavam presentes senhoras que pareciam a própria história viva e que, do alto dos seus 70, 80 anos, estavam tendo a oportunidade de falarem da história a partir do seu ponto de vista.

2.2.3. “Mamães Queixadas”: uma batalha fora do campo

Vítimas de um anonimato imposto pela sociedade e incorporado pelas próprias mulheres, pois, durante as entrevistas, foi perguntado a uma delas, QXCA, sobre sua colaboração na redação e correção dos textos, ela respondeu afirmando que nem se lembrava disso; outra, QXZ, dizia que não ajudou muito. Esses comentários enfatizam o texto de Michelle Perrot quando afirma que elas próprias não acreditam no valor do seu trabalho, favorecendo o esquecimento e destruindo suas próprias lembranças.

Perrot, no trecho a seguir, parece estar falando exatamente das mulheres que participaram da pesquisa: “Uma certa familiaridade pode vencer as resistências e liberar, ao contrário, um desejo recalcado de falar de si, com o prazer de ser levada

a sério e, enfim considerada sujeito da história”.⁴⁷

São aquelas que vivenciaram a própria história, mas, até o momento, não eram as que chamavam a atenção; permaneceram durante muitos anos silenciadas. Aliás, só recentemente, após a morte da maioria dos operários, QXMV começa a ser convidada para falar sobre a greve nos eventos atuais. “Agir no espaço público não é fácil para as mulheres, dedicadas ao domínio privado, criticadas logo que se mostram ou falam mais alto”.⁴⁸ Por isso, elas eram mal interpretadas pela vizinhança de um modo geral e pelas próprias mulheres.

Buscando fidelidade às entrevistas, este subitem se utilizará de outros itens que trarão alguns trechos comentados e que vão ao encontro do objetivo desta dissertação. Serão apresentados os perfis e algumas das histórias vivenciadas por essas mulheres que fizeram parte da trajetória dos/as “Queixadas”. São histórias de luta, muitas vezes, fora do campo de batalha, mas tão importante quanto a dos operários.

- **A filha é minha, eu não “abro mão” de jeito nenhum**⁴⁹

Mulher, ainda jovem, casada, descobriu-se grávida e teve que esperar, aproximadamente, 3 meses para encontrar o companheiro e dar-lhe a notícia, visto que o mesmo estava ausente por causa da greve. Teve a filha sem a companhia constante do marido e, meses depois, a criança adoece e a mãe sofre a perseguição contra as famílias dos grevistas: por ser esposa de grevista, não era benquista na unidade de saúde local e o médico se recusou a atender sua filha; a mãe nem entrou no consultório, foi impedida por uma enfermeira da unidade.

Dias depois sofreu a incompreensão, inclusive dos amigos, por ter

⁴⁷ PERROT, 2005. p.42.

⁴⁸ Idem 47, p.146.

⁴⁹ QXC, 77 anos.

denunciado o tal médico. Até o representante da Igreja local – o padre – pede que ela “se cale” afirmando que ela deveria ter consideração; ela responde que essa consideração é por sua filha.

Além da dificuldade de conseguir recursos financeiros para garantir o sustento da família, ainda era vítima do “boicote” dos comerciantes. O padeiro, por exemplo, deixou de vender-lhe o pão, afirmando que preferia não vender do que vender para mulher de Queixada.

A minha filha, tem uma que é da greve. Essa aqui é da greve. Ela que foi a encomenda que o pai dela deixou para mim. (...) Tem um médico aqui, não sei se a senhora chegou a conhecer, o tal doutor N, eu morava ali embaixo e ele morava aqui para cima; a minha filha, a segunda, um dia amanheceu ruim, vomitando, fazendo “por baixo e por cima”, era oito horas da manhã; levantei, enrolei ela em um cobertor, subi um “pedacinho” e fui lá; era tempo de vacina; a enfermeira dele não deixou eu falar, simplesmente fechou as portas do consultório. Fechou as portas do consultório e não me deixou consultar; ele disse que mulher de Queixada ele não atendia. Era a enfermeira dele, mas ele era do lado dos pelegos⁵⁰ e eu era Queixada. Eu nem estava preocupada com isso porque eu não sabia, porque médico é médico (...); mas eu vim num desespero porque eu olhava nela (...) e ela vomitando, e eu falei: meu Deus do céu! Cheguei lá, ela falou não, (...) virou as costas, fechou as portas e mandou eu sair que ela não ia atender. Voltei para casa chorando. [uma amiga] minha falou: “o que foi C?” (...) “não C, você dá um ‘chazinho’ para ela, quem sabe ela melhora”, mas ela não tinha animação. Naquele tempo, no sindicato, tinha um médico que vinha por conta dos Queixadas; eu levei ela lá, passei no médico; a médica me deu uma “raspada”, me deu “um pega” sabe, como nunca tinha feito comigo, pelo contrário, eu sempre atendi meus filhos muito bem. Ela falou: “a senhora é uma irresponsável de estar andando com essa criança, deixou essa criança nesse estado, ela podia ter morrido”. Quando ela falou isso eu peguei e falei para ela, eu não sabia que tinha um repórter, “por que a senhora não trouxe?”, eu expliquei para ela, eu falei: “levei no médico de manhã, ele recusou, a enfermeira recusou, recusou a atender; eu vim trazer aqui”; ela atendeu e deu remédio. Quando foi no outro dia, cedinho, eu estava lá, tratando, com a menina no colo e chega o repórter me procurando; estava lá, sentada em cima da cama dela; tirou fotografia, saiu no jornal. Naquele tempo, em Perus, era o padre M, e todo mundo virou contra mim porque disse que eu não devia ter feito isso, porque eu não sabia o que eu estava fazendo; veio “um cabra” lá da fábrica, puxar assunto comigo, “é, mas você não devia ter feito isso”. Quem não devia ter feito era ele, sabe por quê? Porque eu não sou cachorro, o filho é meu, cachorro não dá um filho assim, não deixa perder, e como é que eu vou deixar? “É, mas você é irresponsável”; eu falei: “podia fazer isso que eu faço e vocês seus..., nem que for no pé do Papa eu vou e tento, se eles não quiserem atender meu filho; se ela tivesse morrido iam dizer que eu era culpada”; “mas a

⁵⁰ “Pelegos”, segundo as entrevistadas “eram aqueles que não entravam, era o furão da greve, aquele que não aguentou a greve e saiu fora, se acovardou por dinheiro” (QXEPE); “ele era visto também como o amigo da onça, porque traiu os outros colegas, entraram para trabalhar e traíram os que ficaram de fora, era um traidor” (QXMV).

senhora não pode falar”; “posso”; daquele dia em diante vieram todos os puxa-saco, cada dia vinha um, até meus vizinhos “viraram a cara” para mim. “Ele vai vir aqui de tarde e você vai desmentir”; eu falei: “não vou, eu não vou desmentir porque o que ele fez para mim não se faz com ninguém”; [até] a enfermeira dele, depois, um dia, [falou]: “é, mas você não devia ter feito isso, ido na reportagem”; eu falei: “por quê? Por que não é neto da senhora, não é filho? Então, quer dizer, ‘elas por elas?’”; ela falou: “é, mas não é assim”; “é assim sim, a filha é minha, fui eu quem pari; (...) eu não abro mão de jeito nenhum (...) eu sustento o que eu falo”.

(...) Mas a senhora sabe que teve um padeiro que todo mundo comprava dele, quando estourou a greve mesmo, fazia uns três ou quatro meses, ele parou de vender tudo, porque quem era freguês dele era queixada e ele falou que [preferia] fechar, que ele não vendia, que ele queria vender água com sal, mas não queria dar pão para os Queixadas de graça; mas não era de graça nem ele dava, vendia e, no fim do mês, ele recebia; ele não vendeu mais.

(...) [Um dia] eu estava com a mulher do, a dona C lá do seu R, e ela, infelizmente, é da minha raça; ela passou perto de mim e falou “eu tenho bronca desses negros sem vergonha”, e cuspiu no chão.

(...) No meu quintal eu plantava verdura, abobrinha daquela de 40 dias; então, quando era tempo, dava até em cima, cozinava, vinha aqui [no sindicato] e pegava feijão branco; eu pegava a abobrinha, batia na farinha e fritava; então o meu filho mais velho, o T., até hoje ele não come; ele falou “do jeito que eu comi abobrinha, eu não vou comer”; mas eu fazia, cortava e batia, fritava, quebrava um ovo em cima, pronto; aí ele não reclamava.

(...) Teve uma senhora, que eu lavava roupa para ela, ela veio em casa, deu a roupa; lavei a roupa; depois ela falou assim: “a fulana e o marido viram o seu marido lá em São Carlos”; aí eu falei: “ele está bem?” “Está, só que ele está pedindo esmola”; quando ela falou aquilo, desceu, sabe, e eu falei “e daí dona G?”, era G, aí ela falou: “ele estava pedindo!”; eu falei: “ele não estava pedindo, ele estava a favor do sindicato”; ela falou: “mas ele estava pedindo”; eu falei: “não estava”; aí ela pegou e veio no outro dia buscar a roupa; eu falei: “olha, não está seca a roupa, porque não tinha sol”; ela falou assim: “mas você está precisando de dinheiro?”, “estou, o dinheiro nunca é demais”; aí ela começou a falar um monte de... ofendendo, falando mal dos Queixadas; eu peguei, juntei toda a roupa no balde e falei: “faz favor de levar que eu não estou precisando do dinheiro da senhora não”.

(...) Fui sustentar os filhos, porque ele acostumou assim, a gente ia fazer as compras, sempre teve tudo dentro de casa e, nessa época, a gente tinha o que pensar para não faltar para eles; aqui era tudo mato, então, para eles não pedirem, em casa, para eles não acharem falta, eu fazia um lanche e a gente andava por aqui tudo. Andar para distrair, para cansar eles, porque assim distraía, porque aqui em casa era “duro” a senhora chegar em um lugar com eles e, vamos supor, as vezes ver uma criança comer e a gente não tem nem dinheiro. Eles cansavam, eu chegava, dava banho, jantava e dormia; no outro dia cedo, a gente ia para a minha mãe; lá eles tinham de tudo, minha mãe sempre dava; e nós passávamos o dia lá.

(...) É verdade. É muito bom. Para mim ele é pai, ele é marido, é tudo. Só depois de velho, tem hora que dá uns foras, mas... Tem hora que a gente aceita, cinquenta e poucos anos, a gente aceita. Só peço que Deus dê saúde para ele, para ele me aturar; tenho dado trabalho para ele.⁵¹

- **Nosso amor era muito intenso, acho que é por isso que aguentei⁵²**

Esposa e confidente do operário considerado líder da greve dos Queixadas,

⁵¹ QXC, 77 anos.

⁵² QXZ (1933-2010).

afirmou, inclusive, que o patrão ofereceu dinheiro ao seu companheiro para que ele abandonasse a luta, o qual, antes de dar a resposta final, veio perguntar a ela o que esta pensava a respeito da questão. Afirma também que foi um período de muito sofrimento e medo. Certa vez, estava apenas com seus filhos/as em casa, à noite, e homens, talvez enviados pelos representantes do patrão, bateram em sua porta dizendo: “Ele já morreu”, aterrorizando a ela e a sua família.

Mesmo assim, afirma que gostaria de ter ajudado mais, apoiado mais, de tê-lo acompanhado nas manifestações. Disse que, muitas vezes, fraquejou. Segundo ela, seu companheiro reconhecia sua colaboração, afirmando que ela o ajudava assumindo a responsabilidade dos filhos/as, apoiando-o como se fosse o seu “escudo”.

Nesta entrevista, destacamos duas falas. Uma, é a mulher ser chamada pelo companheiro de “escudo”. Na maioria das vezes, a mulher é colocada atrás do homem. Até existe um dito popular: “Atrás de um grande homem, sempre existe uma grande mulher”. Neste casal, a mulher é chamada de “escudo”, ou seja, está na “frente” do homem, protegendo-o.

A outra fala é que ela afirmou algumas vezes: “O nosso amor era intenso”. A entrevistada afirma que seu companheiro era um líder que amava a família e os companheiros. Viveram 49 anos juntos, desde sua adolescência. Nos últimos anos da vida do companheiro, sofreu muito com a doença do mesmo, mas fazia tudo de novo.

Uma noite, chegaram “uns caras” batendo na porta, falando: “ele já morreu, pode abrir a porta”, e o meu filho mais velho pegava uma faca “deixe entrar, deixe entrar mãe que eu ‘malho’ ele na faca”.

(...) O JB era um líder. Certa vez, o patrão ofereceu muito dinheiro. Naquela noite ele não dormiu. Pedi minha opinião. Eu disse “você é quem tem que decidir”; ele falou: “então, não vou trair meus companheiros”. Ele amava os companheiros e a família. O que a gente sofreu não desejo para ninguém, mas, se é para o bem dos outros, fazia de novo.

(...) Mexer nas lembranças dói. Para mim, o JB foi viajar, mas, vai voltar. Nosso amor era muito intenso, acho que é por isso que eu aguentei. Eu o

conheci ele tinha 14 anos, namorei 7 anos, depois a gente casou. Faltou 1 ano para 50 anos. Depois, a luta com a doença, 5 anos correndo com a doença dele (...) [Eu] falava para ele que eu não chegava aos pés dele, eu não o acompanhava. Ele dizia: “você faz muito melhor do que me acompanhar, está me apoiando, é um escudo”. Mas eu queria participar mais, mas não dava com aquelameninada. (...) Eu não me arrependo não, foi uma causa justa, não dei nenhum dos meus filhos. O meu caçula, um advogado amigo do JB queria levá-lo embora; eu falei: “não, eu luto, mas não abandono”; e sempre apoiando o JB, sempre apoiei; quantas vezes ele veio em casa desanimado, chorando. Eu não o acompanhei, mas eu o apoiei (...) Tiveram muitas [vezes que] os meninos pediam as coisas e eu não tinha. Aquela vez que eles fizeram aquela greve de fome, eu queria ir lá, mas o cunhado dele que morava aqui não deixou. Era época de natal. Eu não tinha nada.⁵³

- **“Eu achei que eu devia estar do lado dele”⁵⁴**

(...) foi porque o meu marido trabalhou 22 anos lá e ficou de fora, ele não quis entrar [na fábrica]; então, eu achei que eu devia estar do lado dele e comecei a participar com eles, com os outros, assim, a gente começou a participar. (...) Olha, se eu falar para você que, graças a Deus, a gente nunca passou fome, nada; às vezes até eu fico pensando, acho que Deus ajudou tanto a gente, porque meu pai ficou doente, minha mãe ficou doente e eu ajudava eles; ele [meu marido] começou a fazer um “biquinho” no começo, depois o sindicato dava um pouco de mantimento para a gente, eles ajudavam a gente, ia buscar lá na sede do sindicato; aí apareceu serviço, ele começou a trabalhar e, graças a Deus, fome nunca passamos. (...) Eu gostava quando eu sabia que tinha assembleia, tinha reunião, eu queria sempre ir, eu sempre gostei de participar de todas essas coisas assim, sabe; eu estava sempre no meio. (...) Então, a que nunca esqueci foi essa que a gente falou que teve na praça Luis Neri, que teve uma assembleia e o pessoal da Fábrica começou a agitar e jogar pedra, e disseram que eram os Queixadas que estavam jogando, no fim, eram os Pelegos que estavam jogando. Isso chamou muito a atenção porque foi uma mentira muito grande, foi uma mentira grande porque não aconteceu isso. (...) Eles queriam vencer, eles não queriam furar a greve, não queriam deixar os amigos, os companheiros de serviço para fora, nada, então se reuniram, fizeram a greve e foram até o fim.⁵⁵

- **“Não foi fácil fazer isso tudo para manter a família, encorajar o meu marido”.⁵⁶**

Por que é que eu ia? Para ajudar o povo. (...) Caminhar com eles para ver se a gente conseguia resolver logo a greve; uma greve que nunca acabava; então, a gente participava de tudo um pouco: a gente fez greve de fome, lá no Largo São Francisco e caminhávamos com eles; íamos pedir para os filhos no hospital porque não tinham o que comer, todo mundo com a

⁵³ A entrevista da QXZ (1933-2010) foi, parcialmente, gravada, visto que a mesma já se encontrava com dificuldade de falar.

⁵⁴ QXMV, 77 anos.

⁵⁵ Idem 54.

⁵⁶ QXEPE, 77 anos.

sacolinha ia para a rua pedindo para os filhos, era pedir para ter alguma coisa para comer, porque não tinha. A dificuldade [era que], geralmente, a gente não tinha o que comer e eu tinha três crianças pequenas e não tinha o que dar para eles comerem; então, quando vinha, de vez em quando, um pouco de mantimento: arroz, feijão, essas coisas, porque lá era dividido um “quilinho” para cada um; levou muito tempo isso, mas, depois, quando o meu marido viu que as crianças não tinham nada e eu não podia trabalhar porque eles eram pequenos, ele pediu para o doutor M uma carteira nova para ele poder arrumar serviço fora; aí ele arrumou lá na Santa Marina. (...) Não foi fácil fazer isso tudo para manter a família, encorajar o meu marido que, desempregado, porque ele estava também, a gente manteve unida a família, uma coisa muito boa que a gente conseguiu.⁵⁷

- **“Acho que [minha participação] foi em casa, costurando”⁵⁸**

(...) Tudo era dificuldade porque tinha um filho e tudo era difícil, não tinha dinheiro para a gente comprar tudo o que queria, mas passou. Depois, o meu marido foi trabalhar, porque ele era muito assim, ele foi trabalhar, do que aparecia ele trabalhava. (...) Não, nas passeatas eu não ia muito não, mas a gente ia na sede lá em cima. De vez em quando a gente ia para lá assistir as palestras das pessoas que vinham. (...) Acho que [minha participação] foi em casa, costurando, distribuindo costura para os outros. Elas traziam e nós distribuíamos para as mulheres.⁵⁹

As três destas últimas entrevistadas, QXMV, QXEPE e QXEPR, além do trabalho doméstico, participavam das passeatas e piquetes, greve de fome e organizavam o grupo de mulheres numa espécie de clube de mães para gerar renda e diminuir as dificuldades financeiras e o sofrimento com relação à alimentação das famílias.

Eu gostava quando sabia que tinha assembleia, tinha reunião, eu queria sempre ir. Eu sempre gostei de participar de todas essas coisas, sabe; eu estava sempre no meio (...) A gente pode dar graças a Deus porque os maridos ficavam tristes porque, as vezes, não tinham dinheiro para por dentro de casa, mas a gente sempre apoiou; nunca [questionamos] “por que você não vai trabalhar?” ou coisa assim, não. Eu acho que, se fosse hoje em dia, a maioria das mulheres teriam separado dos maridos; e a gente ficou ali, firme, incentivando eles, apoiando; “não, deixa”, eu mesma falava “não, não tem aquele ditado: ‘onde comem dois, comem três’?; vamos comer” (...) A gente participava porque sempre faziam a reunião deles lá no cimento; eles ficavam vigiando a portaria para ninguém entrar e ninguém sair; e a gente, eu morei lá na Fábrica de Cimento, morei 22 anos; quantas vezes a gente reunia as vizinhas e os filhos, e nós sentávamos na porteira, na entrada, para não deixar ninguém entrar nem sair; os caminhões não tiravam cimento de lá; nós sentávamos no meio da rua; ficavam as crianças

⁵⁷ QXEPE, 77 anos.

⁵⁸ QXEPR, 82 anos.

⁵⁹ Idem 58.

e nós; então, a gente ajudou; quando tinha, também, audiência na cidade...; uma vez eu lembro da gente, era o Ademar de Barros que estava e o Jânio Quadros, e a gente ia lá, conversava; o Jânio apoiou muito aquela época, o Jânio Quadros apoiava muito a gente; então, ele disse: “não, fiquem mesmo, lutem”. Ele achava bom que a gente estava apoiando os maridos. (...) Mesmo na igreja, não fala mulher, fala os homens, tudo são os homens. Quando descobriram que Jesus estava morto e não estava mais no túmulo, foram as mulheres que descobriram, mas não foi para a frente. Padre, não tem mulher padre! E as mulheres, infelizmente, não têm muito valor; tudo eles põe o homem na frente; é mais homem, tudo homem, homem, a gente não tinha muito. (...) É, como falam, mulher nunca tem valor, pode fazer o que for, mas nunca aparece, sempre é o homem, então, não sei. Acho que sempre a gente foi um pouquinho, como se diz, meio desprezada, não tinha muito valor, eles não davam muito valor para mulher assim.⁶⁰ Caminhar com eles para ver se a gente conseguia resolver logo a greve, uma greve que nunca acabava; então, a gente participava de tudo um pouco; a gente fez greve de fome, lá no Largo São Francisco e, caminhava com eles. (...) Geralmente, a gente não tinha assim o que comer e eu tinha três crianças pequenas e não tinha o que dar para elas comerem.⁶¹ (...) Porque a mulher estava esquecida. (...) Mas muitas iam nas assembleias lá na cidade; iam lá e ficavam gritando; muitas iam, mas por que não falavam? Ninguém falava que a mulher estava lá no meio (...) Não sei se valeu a pena, mas valeu, pelo menos foi uma greve que deixou uma história.⁶²

Apesar dos fatos ocorridos, ao perguntar sobre a maior dificuldade que elas haviam passado na época da greve, a maioria afirmou ser a alimentação dos filhos. Não a comida em si, mas tudo o que se refere ao que as crianças pediam e que elas não podiam promover. Resistência é uma palavra que define parte da luta destas mulheres quando afirmaram ser uma causa justa e que, apesar do sofrimento, conseguiram criar todos os filhos.

Após conhecer melhor esta história percebe-se quantas mulheres participaram da mesma e o quanto elas foram importantes para a manutenção da greve por tanto tempo.

2.2.2. “Filhas Queixadas”: os frutos de uma batalha atual

As entrevistadas, QXL, QXCE e QXW são filhas de “Queixadas”, que

⁶⁰ QXMV, 77 anos.

⁶¹ QXEPE, 77 anos.

⁶² QXEPR, 82 anos.

descrevem a participação de suas mães na greve e as dificuldades que elas sofreram. Elas afirmam que aprenderam bastante, mas questionam a participação dos pais: QXL diz que sofreu com a ausência do pai. Ele, por causa da greve, deixava sua mãe e seus irmãos muito sozinhos; QXC descreve o sofrimento da mãe e da falta de convicção do seu pai com relação à greve, comenta que sua mãe questionava e dizia para ele participar de forma convicta; QXW descreve a participação de sua mãe, já falecida, na greve dos “Queixadas”. A filha fez questão de relatar⁶³ a participação da mãe nesta história. Para a filha, a mãe era tímida, humilde e não gostava de falar em público. Nas horas da refeição, em volta da mesa, é que ela partilhava suas angústias, revoltas e esperanças.

ROSTOS	NOMES	IDADE	PROCEDÊNCIA	ATUAÇÃO
 Fonte: Maria M. F. Alves	QXL	46 anos	São Paulo / SP	Nasceu durante a greve.
 Fonte: Maria M. F. Alves	QXCE	48 anos	São Paulo / SP	Quando criança, lembra de um movimento grande de pessoas; acredita que era alguma reunião.

⁶³ Nesta pesquisa, nomeia-se “relato” o que alguém descreve sobre o fato sem nenhuma interferência da pesquisadora. Foram recolhidos dois relatos: um operário que participou da greve da década de 1960, o qual relata a participação das mulheres, principalmente de algumas freiras, citadas nas entrevistas, as quais participaram da organização e orientação das mulheres dos queixadas na época; e uma filha que, ainda criança, acompanhava sua mãe nos piquetes e reuniões e descreve sua participação à época.

	<p>QXW</p>	<p>56 anos</p>	<p>São Paulo / SP</p>	<p>Aos 4 anos, participava da greve no colo do pai.</p>
-----------------------------------------------------------------------------------	------------	----------------	-----------------------	---------------------------------------------------------

Fonte: QXW (Arquivo Pessoal)

- **“Você tenta ajudar, você tenta fazer o melhor”.**⁶⁴

Eu já participei muito na paróquia e me envolvia muito nos trabalhos, e, hoje em dia, eu já não faço mais isso, mas, como dizem que a gente nunca foge da raiz (risos), o meu trabalho é numa ONG [Organização Não-Governamental] e eu trabalho com crianças carentes; então, tem hora que eu mesma fico pensando: “meu Deus, eu ganho tão pouco”, mas a gente se envolve tanto, e você traz aquela carga, e você tenta ajudar, e você tenta fazer o melhor. (...) Aprendi, aprendi que é assim, sempre você precisa aprender a ver o momento de reivindicar alguma coisa, precisa reconhecer o momento de reivindicar, porque, na verdade, eu vejo pouco, de longe, que a luta dos queixadas foi uma luta que poucos se envolveram de verdade, que acho que essa coisa do meu pai, essa loucura de sair e de nos deixar foi uma coisa meio de mártir.⁶⁵

- **“Sempre fui muito inconformada com a injustiça (...), essa é uma herança muito forte”.**⁶⁶

Eu acho que eu, desde criança, sempre fui muito inconformada com a injustiça; eu não tinha muita noção, mas eu sempre questionei; mesmo na escola eu questionava as coisas. Até na época da ditadura militar a gente questionava coisas que, hoje eu sei, os professores não podiam responder, mas a gente questionava. Essa coisa da justiça sempre foi uma coisa que me incomodou muito; essa coisa da pobreza, enxergar a pobreza como uma situação de injustiça, isso, para mim, sempre foi muito... acho que essa é uma herança muito forte.⁶⁷

⁶⁴ QXL, 46 anos.

⁶⁵ Idem 64.

⁶⁶ QXCE, 47 anos.

⁶⁷ Idem 66.

- “[A refeição] era o momento da partilha, da opinião, das orientações, da esperança, da revolta”.⁶⁸

Levava uma vida tranqüila; meu pai trabalhava, agora, de auxiliar de laboratório; minha mãe, muito tímida, humilde, ainda tinha poucas amizades, mas ia aprendendo a lidar com a vida doméstica. (...) Minha mãe, como as outras mulheres, não falava nada em público, mas em casa, quando punha na mesa o arroz e o chuchu cozido, era o momento da partilha, da opinião, das orientações, da esperança, da revolta também, depois de tanto tempo (...), mas ela era muita esforçada, ainda de dieta do caçula, saiu para trabalhar de diarista e foi o que nos salvou, porque o pouco que ganhava trazia o pão e o leite, o feijão e o arroz. (...) Para ela, trabalhar com outras famílias fez muito bem, tirava um pouco da angústia, do sofrimento e ficava longe das provocações das mulheres dos “pelegos”. (...) Ela falou: “Nós sofremos, doutor Mario, mas vencemos”; ele perguntou: “se tivesse que passar por tudo de novo, você faria o mesmo, Atília?” Ela respondeu: “o mesmo não dá, mas faria melhor”.⁶⁹

⁶⁸ QXW, 56 anos, que descreve o quanto aprendeu com a mãe a lidar com as situações difíceis diárias.

⁶⁹ Idem 68.

CAPITULO III – A PARTICIPAÇÃO FEMININA NO MOVIMENTO “QUEIXADAS” E A RELIGIÃO

Na década de 60, surgem inovações no catolicismo trazidas pelo Concílio Vaticano II. O Concílio, segundo Mainwaring, impulsionado e estimulado pelas bases, fez a Igreja viver um movimento de abertura de suas estruturas às preocupações sociais, enfatizando sua missão social e declarando a importância do laicato. “Instituições, mesmo as altamente burocráticas como a Igreja Romana, não mudam sempre devido a iniciativa da cúpula. Também podem alterar porque suas bases inovam e estimulam algumas transformações.”⁷⁰

No Brasil, surgem os movimentos leigos e de base, a chamada esquerda católica. É nesse tempo que despontam conhecidos líderes como: Dom Helder Câmara, Dom José Maria Pires, Dom José Távora, Dom Antonio Fragoso, Dom Waldir Calheiros, Dom Marcelo Cavalheira, Dom Fernando Gomes, Dom Candido Padim e Dom David Picão.⁷¹

Na cidade de São Paulo, o Arcebispo era Dom Carlos Carmelo de Vasconcellos Mota. Na época, a Ação Católica, através da JOC – Juventude Operária Católica - apoia oficialmente a greve dos “Queixadas” em documento escrito por D. Vicente Zioni, bispo auxiliar do Cardeal Motta⁷², o qual sempre se colocou solidário ao movimento. Nesta mesma década, 1966, inicia seus trabalhos nesta cidade, Dom Paulo Evaristo Arns como bispo auxiliar do Cardeal Agnelo Rossi. Na década seguinte, em 22 de outubro de 1970, Dom Paulo foi nomeado Arcebispo de São Paulo.

⁷⁰ MAINWARING, 1989. p.82.

⁷¹ Idem 70. p.94.

⁷² JESUS, 1992. p.32.

Esta efervescência religiosa, de certa forma, animava os grevistas os quais encontravam, na Bíblia e na sua fé em Deus, com romarias à cidade religiosa de Pirapora do Bom Jesus e greves de fome, meios de perseverarem na luta.

Os “Queixadas”, com muitos participantes das Comunidades Cristãs Católicas, encontraram na espiritualidade libertadora promovida pelas CEBs uma fonte de sustentação da luta. As CEBs são conhecidas exatamente por serem um “novo modo de ser igreja”, cuja característica fundamental é a união entre fé e vida: entenda-se, uma fé com repercussões sociais e políticas que incentiva o compromisso social em torno das causas “muito humanas” que são as conquistas dos direitos através da mobilização popular.

A fé ilumina a vida e a vida é rezada nos encontros de grupos em torno das Sagradas Escrituras, usada como fonte de compreensão da realidade, de partilha dos sofrimentos e fortalecimento do grupo pela solidariedade e compreensão de um destino comum. A espiritualidade libertadora das CEBs trazia uma compreensão nova com relação às realidades espirituais, misturando a vontade de Deus com o querer humano, o céu e o paraíso com a reivindicação de condições dignas de vida e direitos respeitados. Como exemplo, o texto do Evangelho de João 10,10 no qual Jesus diz “Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância”.

Para uma espiritualidade libertadora, a vida da qual fala Jesus é a vida eterna (neste ponto coincide com as espiritualidades de traços mais tradicionais), no entanto, sem deixar seu caráter escatológico e transcendental, vida eterna é também compreendida como vida em plenitude que se realiza em todas as necessidades humanas, incluindo aquelas que poderíamos considerar “mais materiais”. Vida em abundância, portanto, não é entendida apenas como uma dimensão espiritual a ser alcançada numa vida para além da vida – depois da morte

– mas é um conjunto de fatores que perpassa o cotidiano das relações humanas, incluindo as relações de poder, qualificando-as de forma plena. E, por plenitude, se entenda, antes de tudo, cumprir com os desígnios de fraternidade segundo a pregação de Jesus.

A fé tem repercussões práticas que envolvem as relações com todos os seres humanos, desejando estabelecer uma relação de fraterna comunhão. Por isso se entende o modo como os “Queixadas” trataram os “novos”, aqueles que, por não terem a estabilidade dos 10 anos de trabalho na empresa, não foram contemplados na indenização. “A nossa fé, sempre alimentada com sinais visíveis, nos anima a procurar meios para honrar o nosso compromisso com os ‘novos’, que também vêm descobrindo a força da não-violência evangélica.”⁷³

Parte do dinheiro da indenização é dividida com todos aqueles que participaram na greve e, no entanto, por lei, muitos não tinham direito ao ressarcimento: Cr\$ 2.300,00 (dois mil e trezentos cruzeiros) para cada operário com menos de 10 anos de firma.

Os traços identificadores de uma espiritualidade libertadora não impedem que, para alimentar a fé, haja a intercessão de elementos vindos da espiritualidade popular. Aliás, a espiritualidade das CEBs – nascida do meio popular – não tem dificuldade nenhuma de se misturar com os elementos que compõem a religiosidade popular. Por isso, ao lado dos piquetes grevistas, os “Queixadas” também se misturavam aos romeiros do Bom Jesus de Pirapora ao modo de quem faz penitência, mas com um objetivo que vai muito além de um cumprimento de voto ou pagamento de uma promessa. “Sabendo que os homens se agitam e Deus os conduz, fizemos duas romarias de Perus a Pirapora, percorrendo mais de 30 Km e

⁷³ JESUS, 1992. p.62.

pedindo a Deus que iluminasse os julgadores do nosso processo”.⁷⁴

Na Bíblia, o Livro do Êxodo, que narra a libertação do povo de Israel do Egito, é quase o “livro de cabeceira” da espiritualidade libertadora. A identificação do povo simples com os escravos do Faraó se dá de forma natural e sem atropelos. No meio dos escravos, com uma convocação de Deus, surgiu um líder, Moisés, que foi capaz de levar seu povo da terra da escravidão à terra prometida. O enfrentamento do Faraó por Moisés e seu povo é o paradigma das lutas dos oprimidos contra as forças opressoras e os poderosos de todos os tempos. O Faraó é identificado, pelos “Queixadas”, como o mau patrão, Abdalla, que os oprime e não respeita o direito dos trabalhadores. Ao lado do poder do patrão, o sistema econômico e político. Alguns trabalhadores não entendiam a necessidade do Grupo Abdalla em esmagá-los e, Pe. Bianchi animava-os comparando o patrão ao faraó, alguém muito poderoso, o qual só seria vencido através da fé e purificação. “Abdalla é o novo faraó. Aparentemente ele é forte. Mas os pequenos, conduzidos por Deus, destronam os poderosos. A luta vai demorar. Nós também temos de nos purificar”.⁷⁵

A fé ajudava os grevistas que, apesar das dificuldades, enxergavam o “mau patrão” como ser humano e acreditavam que seriam ajudados a sair daquela situação de greve.

“Abdalla, com todas as safadezas, é um ser humano. Não podemos matá-lo. As leis são muito fracas para alcançar os poderosos, mas cremos em Deus, haverá um jeito de sairmos desta greve.”⁷⁶ Neste trecho, vemos que, além do reconhecimento do patrão como um “igual a nós” por ser humano, entra a concepção de “não podemos matá-lo”. A espiritualidade libertadora anda de mãos dadas com a não-violência ativa que os “Queixadas” praticaram durante toda a luta

⁷⁴ JESUS, 1992. p.53.

⁷⁵ Idem 74, p.50.

⁷⁶ Idem 74, p.46.

grevista.

Houve momentos de dúvidas se esse era o caminho ou se deviam buscar algum atalho. Quando se aproximava o dia da audiência, no abatimento e exaustão da luta, alguns trabalhadores pensavam em invadir a fábrica e “acertar as contas” com os “pelegos”⁷⁷, mas alguém questionou: “A gente sabe que a violência física pode ser praticada depois de esgotados todos os recursos. Será que já fizemos tudo?”⁷⁸ E aí, novamente é a fé quem fortalece e anima. “Lembram-se da passagem do Evangelho em que os apóstolos foram se queixar a Cristo, porque não eram capazes de fazer algumas curas? Cristo respondeu: Certos tipos de demônio só são expulsos com jejum e oração”.⁷⁹



Figura 6: Recorte de imagem de passeata que comprova a relação dos “Queixadas” com Deus através da frase “Deus tarda, mas não falta” (em destaque).

Fonte: www.saopaulourgente.blogspot.com. Acessado em 30.01.11.

3.1. Igreja Católica Local: Apoio X Resistência

Sabemos que as mudanças não ocorrem numa data fixa, mas num processo; e neste movimento não foi diferente. No início, os operários não tinham um total

⁷⁷ Pelego: Aquele que, nos sindicatos, trabalha sorrateiramente contra os interesses dos trabalhadores (definição do Mini Dicionário Aurélio Escolar, 2001).

⁷⁸ JESUS, 1992. p.49.

⁷⁹ Idem 78, p.49.

apoio da Igreja. Parte dela, aquela formada por padres que celebravam de tempos em tempos nas comunidades da região, junto com as famílias tradicionais – ligadas, especialmente, aos comerciantes –, colocava dificuldades ao movimento operário. Essa resistência pode ser percebida na fala de uma das mulheres entrevistadas, a qual comenta o fato de um padre tê-la repreendido por ter feito denúncia contra um médico que negou-se a atender sua filha: “(...) aí veio o padre M; o padre M: ‘sabe filha, eu vou falar com você’; eu falei, pode falar; ‘você não acha melhor retirar a queixa?’; eu falei, não!; ‘é, mas eu tenho muita consideração por vocês’, eu falei, e eu tenho pela minha filha (...).”⁸⁰

Outra entrevistada comentou que um padre aceitou terras do JJ Abdalla para não apoiar os grevistas: “(...) e o Dr. M brigou com o padre que era, meu Deus, quem era o padre, esqueci o nome dele, Coutinho; como o Dr. M brigou com ele, viu! Eles ganharam uma parte lá do Santa Fé para ‘calar a boca’ dos seminaristas (...).”⁸¹

Este mesmo padre, em outro momento, disse: “Deus tem fome de Cimento!” e o operário respondeu: “Isso não. Deus tem é fome de justiça.”⁸²

(...) Havia muito apoio da parte da igreja, mas havia também muito... você sabe como é que as coisas são, não apoiavam muito não. O doutor M era muito corajoso, ele era muito corajoso. Ele movia os bispos e os padres... A igreja estava muito, na minha opinião, naquele momento a igreja estava despertando para uma coisa nova, mas tinha aquela igreja que não aceitava nada também... então havia esse, como hoje existe, antigamente, começou naquele momento e então a coisa parece que foi muito mais assim, como é que fala, chamava muito mais a atenção... Teve uma marcha também enorme e teve gente da Frente Nacional que foi; a mãe de um advogado nosso, o Dr. C, ela foi e, pensando que era uma coisa, ela viu que era outra; mas então estava naquela confusão enorme a igreja, porque de um lado vinha toda uma coisa nova, um compromisso mais sério e, do outro lado, uma igreja que não aceitava (...).⁸³

No entanto, uma outra parte significativa da Igreja se colocou ao lado dos

⁸⁰ QXC, 77 anos.

⁸¹ QXCA, 80 anos.

⁸² JESUS, 1992. p.31.

⁸³ QXCA, 80 anos.

grevistas. Bom exemplo podem ser consideradas as participações do padre Bianchi, recém-ordenado e feito pároco da Igreja Católica da cidade vizinha (Cajamar / SP), e do Frei Luiz Maria Sartore, fundador do Instituto Cristo Operário juntamente com algumas freiras do mesmo Instituto.

Essa relação era tão forte ao ponto de líderes do movimento receberem de um padre, um cálice⁸⁴ para vender em seu favor; o mesmo, por ser religioso, não foi vendido e ainda hoje se encontra em uma Comunidade da Região. Como vender um objeto de tão grande valor simbólico, mesmo que fosse em favor do próprio sustento do movimento?



Figura 7: Cálice
Fonte: Arquivo da Comunidade São Mateus – Perus

QXCA lembra também da participação de alguns bispos, entre eles, Dom

⁸⁴ Cálice – Copo utilizado pela Igreja Católica, para colocar o vinho durante a missa.

Paulo Evaristo Arns:

(...) então, havia assim, sabe, um entrosamento muito grande de todos eles. O Dom Pelé, lá no nordeste, muito ligado a todo mundo; o Dom Fragoso; Dom Pelé, Dom Fragoso, tinham outros Dons; então, havia todo um envolvimento muito grande, não de todos os bispos, mas a maior parte; e, aqui em São Paulo, o doutor, o Dom Paulo (...).⁸⁵

Entre os anos de 1966 e 1967, chegam a Perus os padres Monfortinos: Guilherme, Carlos e o irmão Bento, iniciando uma liturgia com maior participação do povo. Em 1969, houve algumas mudanças entre os Monfortinos e chega o padre Pedro para trabalhar junto ao padre Carlos. Neste tempo existiam grupos de rua e grupos bíblicos, os quais podem ser considerados a gênese das primeiras CEBs – Comunidades Eclesiais de Base – de Perus. Em 1975, chega o Pe. Matheus que permanecia à frente da Paróquia Santa Rosa de Lima, em Perus, por ocasião desta pesquisa (2010-2011).

Pensar em gênese das CEBs nos permite pensar em processo de surgimento:

Surgimento transmite uma noção de imediatismo, algo que pode ser localizado pontualmente no espaço e no tempo. Gênese indica um processo, o que vem acontecendo e o que acontece como processo e que, como tal, não é facilmente manipulado em nossas categorias de espaço e tempo.⁸⁶

Segundo Ruiz, gênese indica algo que vem acontecendo. A impressão que se tem é que essa nova experiência de Igreja, chamada CEBs, vinha acontecendo desde o final da década de 1950 e continua na década de 1960, a partir das mudanças das bases que impulsionaram o Concílio Vaticano II. Por sua vez, a efervescência advinda do Concílio impulsionou e animou as ações populares nas bases.

⁸⁵ QXCA, 80 anos.

⁸⁶ RUIZ, 1997. p.24.

3.2. Liderança Operária e Igreja Local



Figura 8: QXS, 77 anos.
Fonte: M^a M. F. Alves

Dos maridos das mulheres “Queixadas” entrevistadas, QXS é o único Operário participante da greve ainda vivo. Segundo este operário, o movimento foi um dos responsáveis pelo início das CEBs – Comunidades Eclesiais de Base – em Perus. Como exemplo, ele cita a iniciativa do advogado do sindicato em criar um grupo para estudar a doutrina social da Igreja e os documentos papais:

Após o sucesso da greve de 46 dias, com as reivindicações atendidas, que foram: reajuste de 40%, salário família, comissão dos trabalhadores dentro da Fábrica para discutir problemas internos da empresa; prêmio produção; casa própria, etc., MCJ, advogado do Sindicato, procurou discutir com a diretoria a necessidade de formação da Doutrina Social da Igreja e documentos papais, sobre a relação do trabalhador e empregador. Para mim, esse foi o início das Comunidades Eclesiais de Base, pois lá estavam todos os casais que aprenderam a se reunir, colocar em comum seus problemas, opinar nos casos de ajuda, sempre iluminados pelo evangelho (...). Lembro-me da minha primeira participação na reunião de casais na casa do R e L; ao perceber que todos falavam abertamente dos defeitos do casal, entrei de sola achando que só eu tinha razão, porém, após minhas colocações, chegou o momento de ouvir o que achavam da minha opinião, recebi lições dos companheiros que colocaram os meus pés no chão e me fizeram entender que eu não estava sozinho no mundo, mas que ao meu lado tinha alguém que era o próximo, mais próximo que era a minha família e meus amigos.”⁸⁷

⁸⁷ QXS, 77 anos.

3.3. Lideranças Femininas e Igreja Local

Neste item serão mostradas outras formas de participação no movimento, não só da família queixada, como apresentada no capítulo anterior, mas também outras mulheres que fizeram parte desta história: freiras, leiga consagrada, lideranças de comunidades e missionária; algumas já falecidas, mas ainda presentes na memória.

3.3.1. As freiras e a costura da teia de relações

QXS, antigo operário da fábrica, relata a participação de algumas freiras, já falecidas, as quais colaboraram na organização das mulheres dos “queixadas”. Ele admite ainda que, na época, tinha uma visão diferente com relação às mulheres, sentia-se o dono da verdade absoluta e que os grupos de casais organizados principalmente pelas freiras, mudaram sua opinião sobre sua companheira, a educação dos seus filhos e o bem-estar de sua família.

(...) [Mário Carvalho de Jesus] convidou para um trabalho de formação em Perus, Frei Luiz Maria Sartore, franciscano que havia fundado uma congregação feminina chamada Missionárias do Instituto Cristo Operário. Assim começaram, ele com os trabalhadores e elas com as famílias, reunindo-se nas casas, uma vez por semana. Já se discutia a relação marido e mulher, economia, partilha, ajuda mútua etc. Tinham, também, médicos que participavam das reuniões com suas esposas, orientando o casal na questão da saúde, planejamento familiar e etc. (...) Lembro-me da minha primeira participação na reunião de casais na casa do R e L; ao perceber que todos falavam abertamente dos defeitos do casal, entrei de sola achando que só eu tinha razão, porém, após minhas colocações, chegou o momento de ouvir o que achavam da minha opinião; recebi lições dos companheiros que colocaram os meus pés no chão e me fizeram entender que eu não estava sozinho no mundo, mas que ao meu lado tinha alguém que era o próximo e, mais próximo, que era a minha família e os meus amigos (...).⁸⁸

⁸⁸ QXS, 77 anos.

QXC, também descreve a participação das freiras, e a importância dos seus ensinamentos na organização das atividades.

(...) Foi aí que eu aprendi mais, porque, naquele tempo, a irmã Iracy vinha para Perus, as irmãs vinham e pegavam as mulheres dos queixadas; a gente fazia reunião e elas participavam com a gente. Aí começou a reunião de comunidade; então elas vinham e faziam reunião com as crianças, com as mulheres, explicavam o que vinha a ser a greve porque tinha mulher que não entendia, sabe. É, explica até sobre a greve. Aí a gente entendeu ser mais alguém na vida. Eu aprendi muita coisa, para mim foi muito bom; vinha a irmã Iracy, a irmã Adélia e a Íris; elas vinham toda semana. Para quem estava precisando elas “davam uma mão”. Elas passavam o dia na casa da gente. Eu estava grávida da minha menina e ela vinha, falava e explicava (...).⁸⁹

Nas entrevistas também aparece a participação alternativa, através das oficinas de costura, assemelhando-se aos clubes de mães citados nos itens anteriores e como Ansara descreve:

Neste longo período de greve, os trabalhadores fizeram diversas campanhas para angariar fundos. Atividades que envolviam mulheres e filhos. As mulheres dos grevistas organizaram também uma cooperativa de costura para cobrir a ausência dos salários.⁹⁰

Isso não seria possível sem a ajuda da igreja e de mulheres que se reuniam para organizar as outras mulheres.

O Frei Luís arrumou bastante tecido, então, a gente cortava e dava para as mulheres costurar, para arrumar um “dinheirinho” para melhorar a situação. A Dona V cortava, até a minha irmã foi cortar também na casa dela; cortava e fazia “pijaminhas” de flanela. Teve um tempo que era na casa de uma amiga, lá em cima, e, depois, foi ficar na minha casa. (...) Acho que foi em casa, costurando, distribuindo costura para os outros. Elas traziam e nós distribuíamos para as mulheres. (...) Tudo era dificuldade porque não tinha... Eu tinha um filho e tudo era difícil, não tinha dinheiro para a gente comprar tudo o que queria, mas passou. Depois, o meu marido foi trabalhar, porque ele era muito assim, ele foi trabalhar, do que aparecia ele trabalhava (...) E a gente não queria que saísse da greve, queria que permanecesse (...) As mulheres dos Queixadas, a gente dividia com elas, arrumava alguma “coisinha”. Serviço tinha muito; quem arrumou isso para a gente era para dar, pelo menos, para comprar os palitos, não dava para muita coisa. Mas era bom, a mulherada se unia, ficaram mais unidas.⁹¹

⁸⁹ QXC, 77 anos.

⁹⁰ ANSARA. 2000. p.29.

⁹¹ QXEPR, 82 anos.

Com estes trechos é possível perceber o quanto o trabalho das freiras foi importante tanto para manter as relações entre homem e mulher, marido e esposa, apesar das dificuldades da greve, quanto na contribuição financeira das mulheres graças aos grupos de costura por elas organizados.

3.3.2. Consagração na frente do trabalho: um dos poucos registros realizados

QXCA era funcionária da FNT – Frente Nacional do Trabalho⁹² – e colaborava na correção ou redação dos relatos, panfletos e outros materiais dos grevistas. Ela afirma que, sem a participação ativa destas mulheres, estes senhores jamais teriam conseguido manter esta greve por sete anos; a participação das mulheres assumindo as dificuldades do dia-a-dia foi fundamental para o êxito da greve. Por isso, sente um contentamento em ajudar a desvelar esta história.

ROSTO	QUEIXADA	IDADE	PROCEDÊNCIA	ATUAÇÃO
 Fonte: Maria M. F. Alves	QXCA	80	Rio de Janeiro	Leiga Consagrada, funcionária da FNT (Frente Nacional do Trabalho), colaborava com o movimento na parte dos registros e panfletos.

Elas não iam à Frente Nacional, mas o trabalho delas, que não foi o meu trabalho, mas o trabalho dessas mulheres de operários, era a retaguarda deles e, não sei como que é visto isso agora, mas sem elas não havia família também, porque elas que sustentavam; a T sustentou aquela “filharada”, às vezes, até com falta de coisas dentro de casa para dar para os filhos; dona N, que é a mulher do doutor M, que morreu agora, há pouco tempo, dona N, eu lembro que ela fazia tricô para poder ajudar em casa. (...)

⁹² FNT – Frente Nacional dos Trabalhadores – fundada em 27 de maio de 1960 – espaço político para garantir a livre e autônoma organização dos trabalhadores sem as amarras impostas pelas leis trabalhistas. Extraído do livro: Mário Carvalho de Jesus. Um testemunho a ser seguido. Frente Nacional dos Trabalhadores. São Paulo, 1997.

A mulher segurava as pontas dentro de casa, mas de uma maneira assim, não é que veio, não é uma coisa assim premeditada, vou fazer um trabalho escondido, não, é porque era o trabalho da mulher. (...) Olha, não sei não, a única coisa que eu gostaria de destacar é, de fato, essa importância das mulheres, de maneira geral, até escondida, porque o que aparecia era o que os homens faziam; e, depois, a greve era de fato dos operários da Perus, mas a presença da mulher nas suas famílias, o apoio que elas deram aos maridos... A minha participação na greve foi muito mais no fundo de greve e ali na Frente Nacional, ali dentro, junto com o pessoal todo, com os operários todos; aí tinham as assembleias em Perus, às vezes, tinha assembleia na Frente Nacional e havia as passeatas; a gente estava ali, junto (...) A gente nem sentia como dificuldade. Agora a gente acha que era, que podia ter dificuldade, mas, só para você ter uma ideia, eu estava lá na Frente Nacional, os advogados estavam na Justiça do Trabalho para as audiências e a polícia do DOPS [Departamento de Ordem Política e Social] chegou lá, procurando o doutor M; e prenderam o doutor M naquela hora, ali; e a polícia entrou com mais três e tomaram conta da situação; não era problema para mim isso não, acho que fazia parte da vida da gente, não era, não vi como problema (...) Uns operários que promoveram uma Romaria, Romaria não, uma passeata para Pirapora, “meu Deus do céu”, uma beleza, mas um cansaço danado. Fomos para lá, para Pirapora, saímos de Perus e fomos andando; andamos a noite inteira; no dia seguinte, o padre Bianc chegou até nós, lá em Pirapora do Bom Jesus; quem promoveu foi um, como é que fala?, um operário que não era da Perus, mas era da Frente Nacional, ele organizou e foi todo mundo, foi muito bacana. Então tinha coisas assim, por exemplo, de Cajamar vinha o trem que levava as pedras para Perus e, na greve, os operários ficaram, deitaram na estrada de ferro para o trem não passar e o trem parou, não passou. Então, tinham situações assim, sabe, que a gente..., hoje não tem mais isso, eu não vejo mais essas coisas; antigamente, há 30, 40 anos atrás, tinha um negócio assim muito firme; lembra de uma passeata que fizeram passando pelo largo de São Francisco.⁹³

QXCA não era mulher de queixada, ela vinha a Perus para colaborar com os operários e fez questão de reconhecer a participação das mulheres dos mesmos nesta luta. Mulheres essas que comentam sobre sua participação, umas falam do prazer de caminhar juntas, de participar, de organizar grupos de geração de renda e outras ainda, sofrem por achar que participaram pouco.

3.3.3. Igreja Católica e Ação Social: uma experiência torturante no Brasil

QXCL, juntamente com duas amigas, na década de 1970, acolhem uma jovem da suíça em sua casa e depois descreve sobre o que ocorreu naquele

⁹³ QXCA, 80 anos.

período com a mesma.

ROSTO	NOME	IDADE	PROCEDÊNCIA	ATUAÇÃO
 Fonte: Maria M. F. Alves	QXCL	76 anos	São Paulo / SP	Autora do documento histórico ⁹⁴

3.3.3.1. Do Documento Histórico

Durante a pesquisa no arquivo do Sindicato de Cimento Cal e Gesso de Perus, foi encontrado um caderno manuscrito por uma brasileira sobre uma jovem da Suíça que esteve no Brasil na década de 1970, participou da Ação Social da Paróquia local e ao participar de uma passeata contra o pó de cimento, foi presa, torturada e deportada.

Foi feito contato com a brasileira, a qual autorizou a utilização do documento; houve uma tentativa de contato com a pessoa citada que, ainda na década de 1970, retornou à Suíça, infelizmente não foi possível entrevistar a mesma.

Este documento trata do fato ocorrido na década de 1970 e relata a história de uma jovem enfermeira vinda da Suíça, colaboradora da Ação Social da Paróquia Santa Rosa de Lima, em Perus. Por ser estrangeira, chamou a atenção e foi notícia em um jornal ao participar de uma passeata contra o pó de cimento. Um mês depois, foi levada para o DOPS, permaneceu presa por vários dias e, finalmente, foi deportada.

⁹⁴ Documento Histórico, manuscrito, pertencente ao acervo do Sindicato de Cimento Cal e Gesso de Perus. Utilização do material autorizado pela autora.

A autora do documento não só autorizou sua utilização, como demonstrou seu contentamento: “Finalmente alguém lembrou de falar sobre esta mulher”⁹⁵.

Neste documento aparecem mais duas mulheres, as quais, acolheram a jovem em sua casa. “Numa noite do mês de outubro de 1971, padre C. chegou à casa da E para dar-nos a notícia de que, possivelmente, uma moça da Suíça ficaria conosco por 3 meses. ‘Que fique conosco, ficaremos felizes por ter alguém para nos ajudar’”.⁹⁶

A chegada da jovem no nosso país foi marcada por um incidente: seu contato, quem a incentivava a deixar seu país e ajudar em São Paulo, não lhe deu a devida atenção e acolhimento na sua vinda:

Este foi o primeiro sofrimento de R. aqui no Brasil. Por muitas vezes ela repetiu que não podia compreender o padre, não por ter tomado uma decisão, mas por não ter contado a ela por carta, sabendo do desejo que ela tinha de vir ao Brasil para ajudar no seu trabalho de perto.⁹⁷

As impressões de uma nova realidade marcaram a jovem. Aqui ela descobre um mundo onde falta tudo e aprende o lado injusto de um mundo onde tudo está mal dividido.

Descobriu que existe um mundo onde falta tudo e ela estava com o coração cheio de amor para dar a esta humanidade sofrida. Percebeu o falso de toda uma sociedade super protegida e que cria sofrimentos e necessidades sem razão. Percebeu claramente o lado injusto de um mundo onde está tudo mal dividido pelo egoísmo dos poderosos da terra. R. quis dar a si mesma, no desejo de melhorar vidas e realizar sua própria vida junto à humanidade que tanto ama.⁹⁸

Na época, o Brasil vivia em uma ditadura

Com o general Emílio Garrastazu Médici, inicia-se a segunda fase do governo militar (1969-1977), a mais repressiva do regime militar, onde as perseguições policiais se tornaram mais violentas. O regime militar foi

⁹⁵ QXCL, 76 anos.

⁹⁶ Idem 95.

⁹⁷ Idem 95.

⁹⁸ Idem 95.

aprimorando o esquema de repressão, impondo uma rigorosa censura à imprensa e a todos os meios de comunicação. As mortes e as torturas realizadas nos órgãos de repressão não chegavam ao conhecimento da população ou chegava de forma deturpada. Muitas mortes eram noticiadas como resultantes de resistência armada da vítima ou de suicídio. As prisões se multiplicam e os suspeitos eram retirados de suas casas, trabalho ou da escola, a qualquer hora por policiais.⁹⁹

E a estrangeira chamou a atenção dos jornalistas, os quais aproximaram-se da mesma como amigos.

E tudo começou quando os jornalistas, vendo aquela moça, diferente das nossas, estrangeira, acompanhando as mulheres do bairro: “Você é daqui? O que acha da passeata? Do pó de cimento? Do patrão?” E R. cometeu um grande pecado: disse só a verdade e, dentro das verdades estava que estranhava que aqui um homem rico não pagava impostos e os pobres todos são obrigados a pagar. Os repórteres não deixaram por menos, eles, que são capazes de tudo para fazerem uma notícia, publicaram a “grande reportagem” e ainda se fizeram de amigos da R., convidando-a a visitar a redação do jornal. R. nunca pensou o quanto lhe custaria confiar sua sinceridade e simplicidade a gente que não mede esforços para fazer notícia e, nada melhor, que uma estrangeira que sai do seu país para fazer o bem a outro povo, para servir de pretexto e de suspeitas para quem vê o mal em tudo, não acreditando que o bem ainda existe.¹⁰⁰

Investigadores se apresentam como representantes da Igreja Católica. A jovem não tinha malícia, achava que era bem quista, até brincou com os policiais.

- Tocaram a campanha, vou ver quem é!
 - E, são uns homens.
 - O que é?
 - Somos da “cúria” e queremos falar com a R.
 - R., estão aí uns homens da “cúria” e querem falar com você.
 - Queremos ver seu passaporte!
 - Meu Deus, são investigadores! Vou mostrar o que eles querem.
 - Por favor, por favor, não a levem.
 - Para onde vão levá-la?
 - Não importa.
- R. foi presa.

A jovem conheceu a ira dos policiais, passou por sofrimentos, tristezas e medo. Os policiais nem pareciam seres humanos.

Tudo era vigiado. Conhecemos seres de outro mundo para nós. Não sei o que sentem ou se sentem alguma coisa; se procedem daquela forma por

⁹⁹ ANSARA, 2000. p.20.

¹⁰⁰ QXCL, 76 anos.

um ideal, se são produtos do meio, etc. Mas nós dissemos muita coisa que só peço a Deus [que] um dia eles se lembrem. Dissemos sempre a verdade, não usamos subterfúgios. O sentimento era um misto de cansaço, horror, tristeza e dor por tudo o que estava acontecendo. Fomos chinchalhados por palavras obscenas, as conversas mudavam de rumo e, de repente, ouvíamos horrores. Nunca pensei que pessoas humanas pudessem trazer dentro de si tanta baixeza e tanto requinte para ferir com palavras. R. era um exemplo de força e de dignidade humana, consolava a nossa fraqueza, mas seus olhos não eram os mesmos. Era evidente, ela havia sido torturada e sofrido demais. Eu não sabia o que dizer para consolá-la.¹⁰¹

As mulheres Queixadas pediram perdão em nome do país, beijando a mão da jovem.

Beijei suas mãos e pedi perdão por tudo aquilo; daí para frente só uma coisa importava: saber que tudo passou, rever R., olhar seus olhos, ouvir sua voz dizendo que nos perdoava e que era outra vez a nossa querida amiga. Sei que sua personalidade deixou lembranças, mesmo naqueles homens aparentemente sem alma.¹⁰²

Apesar de todo sofrimento, a jovem dizia que não queria ser mito, queria apenas “ser gente que amava gente”, só não aceitava a suspeita injusta e a tortura simplesmente por prazer.

Quando do encontro deste documento, confessa-se uma grande emoção e comoção. Por isso, se faz necessário remeter ao texto de Dom Paulo Evaristo no prefácio do livro *Brasil Nunca Mais*: “Quem repete a tortura quatro ou mais vezes se bestializa, sente prazer físico e psíquico tamanho que é capaz de torturar até as pessoas mais delicadas da própria família.”¹⁰³

O livro *Brasil Nunca Mais*, comenta a forma como as mulheres eram torturadas. Não sabemos como esta senhora foi torturada, mas sabemos que os agentes nem pareciam seres humanos, torturavam por prazer, para aterrorizar, amedrontar, como se, realmente, estivessem bestializados pelo exercício da bestialidade.

¹⁰¹ QXCL, 76 anos.

¹⁰² Idem 101.

¹⁰³ EVARISTO, Paulo./et al /. 1985. p.13.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciei esta pesquisa, a intenção era dar visibilidade à participação das mulheres naquele movimento operário. A pesquisa não teve como finalidade “esconder” a participação dos homens. O objetivo da mesma foi mostrar a participação das mulheres para que a história não seja incompleta. Se elas garantiram a retaguarda familiar, se elas estavam presentes na porta da fábrica e nos piquetes, se elas colaboraram nas redações dos textos, elas também fizeram parte desta história.

A primeira intenção era tirá-las do anonimato para o qual foram relegadas. Neste sentido, acredito que o objetivo foi alcançado: elas foram ouvidas e seus rostos aparecem em todo o “corpo” do trabalho.

Como é o primeiro estudo abordando, exclusivamente, a participação destas mulheres, acredito que foi apenas o início. Muita história há para se pesquisar, muitas mulheres a revelar.

É importante localizar a senhora na Suíça. A greve aconteceu com operários de Perus e Cajamar/SP, cidade vizinha. É importante falar sobre as mulheres daquela cidade. É importante pesquisar as mulheres que mudaram para outras cidades. É importante entrevistar outras filhas para saber sobre as lutas atuais.

Esta pesquisa também quis tirar a mulher deste movimento da conhecida frase “de natureza frágil”, pois elas lutaram em dupla ou mais jornadas: domésticas, mães, trabalho informal, pressão da sociedade, fome, solidão e o desafio de encorajarem seus próprios companheiros a permanecerem na luta.

Concluindo este item, percebe-se que a mulher, nesta história, mostra a sua

astúcia: é ela quem denuncia o médico, o homem; é ela quem enfrenta, na calada da noite, a repressão do patrão, o homem, através de seus capangas¹⁰⁴, os homens, e, sozinha, dá à luz a uma filha; é ela quem mata a fome das filhas/os; é ela quem se organiza em grupos de geração de renda para amenizar as dificuldades financeiras; é ela quem, também, com os/as filhos/as no colo, sentam-se na entrada da fábrica com o intuito de impedir que a empresa retome suas atividades; é ela quem tem a disponibilidade de redigir os documentos e panfletos para os grevistas; é ela quem apóia e encoraja seu companheiro a permanecer na luta; é ela a confidente do companheiro sobre seus sofrimentos, perseguições e decisões durante a greve; é ela quem acolhe a estrangeira em sua casa; é ela quem, também, é presa e torturada; é ela quem é deportada; é ela quem pede perdão; é ela quem, no final da vida do companheiro, vítima de uma esclerose, revive com ele todo o sofrimento da época, porque, na doença, em delírio, toda a perseguição e sofrimento da época da greve vem à tona novamente.

¹⁰⁴ Capanga: 2.Valentão (1) posto ao serviço de quem lhe paga; guarda-costas, cabra, jagunço. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro. RJ: Ed. Nova Fronteira. 1985.

ANEXOS

Anexo 1: Questionários para entrevistas

➤ Mulheres “Queixadas”

Nome:

Idade:

Naturalidade:

Quando veio morar em Perus?

Por que?

Tinha alguma religião na época? Qual? Como era sua participação religiosa na época?

Qual a sua motivação para participar da greve, na época?

Qual a sua maior dificuldade durante o período da greve?

Qual a sua maior ação/participação na época?

Na sua opinião, qual era o principal motivo da luta dos queixadas?

Você lembra de alguma frase ou música utilizada nas manifestações?

➤ **Filhas de “Queixadas”**

Nome:

Idade:

Naturalidade:

O que significa para você ser filha de “Queixada”?

Você participou de alguma manifestação ou ato na época?

Quais?

Na sua opinião qual era a motivação da luta dos queixadas?

Qual a experiência que aquela vivência trouxe para sua vida atual?

Na sua opinião, o que motivava seus pais naquela época a participarem da luta?

Você se lembra de alguma frase ou música utilizada nas manifestações?

Você participa de alguma religião hoje?

Qual?

Você participa de algum movimento social hoje?

Qual?

➤ **Mulher colaboradora dos “Queixadas”**

Nome:

Idade:

Naturalidade:

Por que ajudou na greve dos “Queixadas”?

Tinha alguma religião na época?

Qual?

Qual a sua participação na greve?

Qual a sua motivação para participar da greve, na época?

Qual a sua maior dificuldade durante o período da greve?

Na sua opinião, qual era o principal motivo da luta dos “Queixadas”?

Você lembra de alguma frase ou música utilizada nas manifestações?

Existe algum outro comentário que você gostaria de fazer?

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Este Projeto de Pesquisa é parte obrigatória do Curso de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica – PUC/SP, desenvolvido pela mestrandia Maria Madalena Ferreira Alves e consiste na entrevista e fotografia de algumas mulheres que direta ou indiretamente participaram da luta dos trabalhadores da Fábrica de Cimentos Perus, nos anos das décadas de 60/80 do século passado, e que ficou conhecida como “Queixadas”. O objetivo geral da pesquisa é tornar público a participação e importância das mulheres nesta luta.

Essa pesquisa prevê a gravação de entrevistas a serem usadas unicamente dentro dos fins acadêmicos à proposta desta dissertação de Mestrado. As entrevistas serão realizadas individualmente, abordando o objeto desta pesquisa.

Eu _____ concordo voluntariamente em participar da pesquisa e dos estudos que serão publicados a partir de sua realização, sabendo que posso desistir de participar da pesquisa, antes e durante a realização da mesma.

Declaro, outrossim, que minha participação depende exclusivamente de minha anuência, as informações aqui prestadas são de minha inteira responsabilidade não necessitando de aprovação de nenhuma associação civil, religiosa ou empresarial ou comercial que seja.

A entrevistada faleceu, os filhos assinaram o termo de consentimento.

	_____	____/____/____
	Local	Data
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____

_____	_____	____/____/____
Assinatura (PUC/SP)	Local	Data

Testemunhas:

Anexo 3: Entrevistas Transcritas

➤ QXC, 77 anos

M - Olá! Primeiro eu vou fazer umas perguntinhas, tá?

M - Qual a sua idade?

M - Nasceu onde?

QXC - Campinas, Souza. É uma cidadezinha Souza.

M - Quando veio morar em Perus?

QXC - Ai a senhora sabe, por que morava em fazenda ai eu fui pra trabalhar em Campos, quando eu voltei pra Perus eu acho que foi em 60 foi 40 ai eu não me lembro agora, não acho que foi 60.

É por que eu trabalhei muito tempo em campos depois que meus pais mudaram pra cá e eu vim com eles né, mais ai eu não me lembro o ano (.....) risos.

M - E por que veio pra Perus?

QXC - Porque o meu pai trabalhava num sitio lá em Valinhos eu tinha uma prima que morava aqui em Franco da Rocha e ela trabalhava com um médico aqui no sitio é na fazendinha e ele precisava de uma pessoa que é tomasse conta do sitio e da horta que ele ia é plantar ai ela foi atrás do meu pai e meu pai veio pra cá, naquele tempo a estrada aí era teimosa, não tinha nem estrada.

M - Tinha religião na época a senhora?

QXC - Não eu sempre, né, a gente foi mais nunca assim que nem agora, a gente, por que meus pais eram católicos mas nunca que era como agora, que tinha missa por ser de fazenda bem distante, né.

M - E na época da greve a senhora já participava da comunidade?

QXC - Já, já.

M - E era católica?

QXC - Foi ai que eu aprendi, mais, porque ai naquele tempo a irmã Iracy o (.....), ele vinha pra Perus e as irmãs vinha ai e pegava as mulher do queixadas né a gente fazia reunião elas participava com a gente.

M - E pra que, que era estas reuniões?

QXC - É, ai começou a reunião de comunidade, né então elas vinham e fazia reunião com as crianças com as mulheres, explicava como o que vinha ser a greve que tinha mulher que não entendia, sabe.

É explica até sobre a greve

É ai a gente entendeu ser mais alguém na vida que nem eu aprendi muita coisa, pra mim foi muito bom vinha a irmã Iracy a irmã Adélia e a Íris, que elas foram muito boa, elas ensinaram muita coisa boa pra gente.

M - Iracy, délia e Adélia?

QXC- Adélia irmã Iris.

M - Iracy Iris e Adélia.

QXC - É, e elas faziam elas vinham toda a semana (.....) a isso, pra quem tava precisando ela dava uma mão né e elas passavam o dia na casa da gente eu tava grávida da minha menina e ela vinha falava e explicava sabe, tinha gente que tava precisando eu precisava mas tinha alguém que precisava muito mais e eu acompanhava elas até pela fabrica . Foi muito bom, olha eu aprendi muita coisa e foi dali então que nós que eu comecei mais (.....) fizemos encontro de casal, encontro de oração né e trabalhamos com jovem muito tempo ai e foi ai que eu fui muita vez alguma coisa na vida. (risos)

M - tem uma foto das mulheres participando né então a senhora participou desses eventos de alguns deles?

QXC - Olha eu vou dizer uma coisa pra senhora, eu morava, o Tião chegou a ir viajar e eu ficava na minha casa mas eu ia dormi na casa dos meus pais.

M - E quantos filhos tinha?

QXC - Naquele tempo só tinha três, dois.

M - Ai ele viajava pra que? Por causa da greve?

QXC - Foi, foi (.....) foi naquele tempo que tinha aquela arrecadação né pra ajudar os grevistas e ele foi e eu fiquei com as duas crianças ai eu me internei que eu fiquei grávida da minha terceira filha e ele nem sabia quando ele veio eu já tava grávida e foi uma época muito dura porque no começo a gente tinha muita coisa boa ia lá no sindicato eles davam pão davam dinheiro pra pagar a conta de luz de água.

M - No começo da greve?

QXC - No começo da greve, mas teve uma época que não tinha mais nada quantas vezes eu não ia

lá de manhã que tinha que ir cedo, eu deixava as crianças com a minha mãe e ia lá pegar, chegava lá e não tinha mais então, sabe no começo da gravidez a gente não tinha nada (.....) sabe, chorando desesperada, e meu pai coitado (.....) sempre me ajudou então ele falava não esquentar não filha (.....) não vai faltar e graças a Deus nunca faltou nada porque os meus pais me ajudaram porque o Tião não tava nem ai ele não tava, ele nem sabia o que tava se passando que até ele tava passando necessidade.

M - E quanto tempo ele ficou fora nessa época?

QXC - Eu acho que ele ficou um mês ou dois meses fora, quando ele veio nem sapato ele já não tinha mais a sola já tava com cada buraco a roupa danada sabe, quando ele veio o meu menino mais velho nem conheceu ele de tão magro que ele tava. Ai o meu pai sempre me ajudou né então eu nunca participava vamos supor em reunião de mulher grevista não nunca sai da minha casa, sabe eu ficava quieta no meu canto né nunca participava, e mesmo assim ainda tinha gente que brigava. Aqui no lado tem uma quitanda deve ser japonês tem lá então eu comprava lá porque eles me conheciam né eu chegava lá eu era bem servida o dinheiro que eu tinha né eu ia lá comprava, mesmo, não filha pode levar. Ai sempre tinha mulher como se diz dos furador de greve, chegava lá elas começava a falar, ah vamos levar tal coisa nossos maridos pra isso não é vagabundo eles trabalham. Sabe, eu ficava quieta no meu lugar porque eu digo meu marido não tá trabalhando (risos) tem que ficar quieta né, mas eu comprava minhas coisas e saia, mas aqui nesse pedaço aqui em baixo teve uma, da minha cor ela chamava C também e daí eu vinha vindo conversando com a mulher do encarregado do cimento a dona Cc, eu vinha conversando com ela normal ela me tratava muito bem e esta pessoa olhou na minha cara e disse pra mim você não tem vergonha ai eu foi obrigada a falar pra ela eu falei assim olha eu, a fábrica não é minha eu não to ganhando dinheiro com isso e quem vai levar isso bem é eles né, porque ele é o dono, agora meu marido tá trabalhando filha eu falei pra ela. Ah você também é outra queixada igual seu marido.

M - Elas eram contra, né além de tudo tinha essa.

QXC - Ela era pelega (risos). Ai, eu fiquei quieta nunca briguei nunca fiz nada sabe, eu não trabalhava né, se oferecesse alguma casa pra mim limpar eu ia pra nunca faltar nada pro meus filhos, até pra lavar roupa limpar casa qualquer coisa eu fazia pra não faltar o pão dos meus filhos sabe, agora eu não tinha tempo pra tá brincando não é verdade (.....) ela me tratava muito bem eu morava lá em baixo, ai então é que eu nunca tive tempo participar nada, só queria que ele tivesse com a gente né que era duro né.

M - Quantos anos que a senhora tinha?

QXC - Quantos que eu. Nessa época. Nessa época. Era jovem. É mais jovem, agora eu já to (.....) mas eu trabalhava assim sabe, procurava ajudar ele né, mais foi difícil foi muito difícil mesmo, mas graças a Deus e gente (.....), depois ele é saiu né ficou muito tempo desempregado ai já era quatro filhos e a gente sempre continuava trabalhando pra ajudar ele que a minha mãe e meu pai sempre me ajudaram sempre me apoiaram muito me deram muita força.

M - E ter participado da greve atrapalhou arrumar emprego depois?

QXC - Atrapalhou, ele ficou muito tempo desempregado, por que não tinha (.....) ele saia ele saia de manhã e voltava de tarde ai chegou numa época Deus é bom ai ele foi ele foi procurar serviço ele achou era de motorista. É, ai ele foi trabalhar quando ele foi trabalhar eu não tenho vergonha eu vou falar isso a verdade quando ele foi trabalhar ele chegou em casa e falou assim Cida eu arrumei serviço, a minha mãe né (.....), e por sorte, só que eles que eu uso Kep, camisa branca, calça azul marinho e sapato, ai eu falei ta e agora, e a minha mãe escutou coitada, ela pegou ele falando ele falou assim que seu eu tivesse o (.....) ela pegou o dinheiro deu pra ele, ele foi na Lapa, comprou veio e nem almoçou já foi pro trabalho ai ele trabalhou um tempo ai pra gente foi melhorando por tinha que pagar aluguel luz, porque naquele tempo água não era encanada, ai no fim a gente venceu graças a Deus.

M - E nessa luta toda qual foi parte mais difícil, o que foi mais difícil?

QXC - Olha, (.....) Neste período grande né. Foi sustentar os filhos né, porque ele costumou assim a gente fazer as compras sempre teve tudo dentro de casa e nessa época a gente tinha o que pensar em não faltar pra eles, aqui era tudo mato então pra eles não pedirem em casa pra eles não achar falta ai eu fazia um lanche e a gente andava por aqui tudo (.....)

M - Com quem?

QXC - Com os três filhos, a gente andava aqui.

M - E Pra Quê?

QXC - Pra andar pra distrair, pra cansar eles né, que assim distraia por que aqui em casa era duro a senhora chegar num lugar com eles e vamos supor a vezes ver um criança comer né e a gente não tem nem dinheiro, né.

M - Cansava e depois dormia, né.

QXC - Ah, cansava eu chegava dava banho, jantava e dormia no outro dia cedo a gente ia pra minha mãe, lá eles tinham de tudo, minha mãe sempre, minha mãe dava lá sempre e ela então, e nós passava o dia lá e pagando aluguel né ai nós ficamos devendo aluguel, quando ele arrumou o serviço, então numa quinzena ele pagava o aluguel na outra quinzena ele fazia a compra, e assim a gente pôs a vida pra frente, e ai nisso ai a gente conseguiu cumprir a meta (risos) e nesse ponto a gente ai conseguiu manear a vida um pouquinho melhor.

M - A senhora sabe que até hoje não acabou, né.(risos)

QXC - A minha filha tem um (.....) que é da greve. Essa aqui é da greve. Ela que foi a encomenda que o pai dela deixou pra mim.

M - Essa é a que ele não sabia?

QXC - Essa ele não sabia, (risos) quando ele voltou que ele, já falamos eu já falei pra ela essa é do tempo da greve. É, ela que (.....) o pai dela foi quando ele voltou (.....), ai começou a complicar né, porque ai eu acho que a pressão também começou é como é que se diz, subir né, quando foi na eu tava acho que de quatro a seis meses dela, ai a pressão começou a complicar né, mais graças a Deus nasceu bem.

M - Venceu né.

QXC - Venci, graças a Deus já tive os seis, os seis tenho quatro mulheres e dois homens.

M - A senhora achou que tudo isso valeu a pena?

QXC - Ah, eu acho, sabe o que eu penso, eu penso assim que muitas vezes a gente reclama, fala né, mas sabe que isso daí a gente aprendeu muita coisa, eu aprendi a não reclamar (risos), então eu pensava assim pegava a latinha (.....) tem que deixar um pouquinho pra agora um pouquinho pra depois, mas eu olhava pra trás tinha pior do que eu, então eu pensava assim a manhã a gente dá um jeito e dava mesmo, sabe sempre (.....) trabalhava né, e nas casa de família.

M - A senhora trabalhava em casa de família?

QXC - Em casa de família, em casa de família todo dia é assim, ah Cida leva isso pra suas crianças, ah Cida tal coisa, pra mim né, tava tudo bem eu recebia naqueles tempos era minxaria que eles pagavam também né, mas eu lavava roupa pra fora tudo isso eu fazia, passava como tinha que passar também me ajudou muito, eu aprendi muita coisa, hoje em dia eu falo assim muitas vezes eu quero uma coisa não dá certo eu fico assim poxa vida (....) mas eu penso assim naquele tempo a gente nem pensava nisso né, mas eu venci e pagando aluguel, trinta anos nós pagamos aluguel, olha a senhora vê, graças a Deus tenho minha casinha, não é de luxo mas é minha, Deus me deu saúde que eu pude criar os meus filhos, que a única coisa que eu pedia era isso sempre pedia a Deus que me desse saúde, para eu poder criar eles, graças a Deus estão tudo comigo tudo bem né, com saúde, e ele né que eu falei ai meu Deus, por que ele pra mim ele era pai marido era (.....)

M - Em momento nenhum ficou contra ele não?

QXC - Não, o pessoal marretava mas eu não ligava (risos), o pessoal falava, falava, assim é porque ele devia, o próprio irmão dele falou que ele devia de trabalhar, que agora já morreu também é devia de trabalhar que não preciso disso, que isso ai era vagabundo que fazia isso, mas ele coitado, sustentou a família dele e hoje estamos aqui.

M - Então o que eu entendi a senhora tinha a dificuldade financeira.. Não podia comprar nada, nada.

QXC - Não podia comprar nada.Tinha o falatório do povo né, inclusive até dos familiares né, no caso do irmão dele que era também contra. É o irmão dele era contra, que ele era pelego né, ele não era, chegou um dia que meu menino foi cumprimentar ele, ele falou vamos lá, vamos comprar o doce que pra isso o tio trabalha, pra mim foi uma ofensa. Ele era muito legal eu gostava dele ele me dava coisa, mas isso ai eu guardei né, sabe a gente guarda na mente. Olha pra isso seu tio trabalha, eu falei, mas olha eles tão ai né, criados, a greve continua, que eu falei meu filho não adianta você brigar nem xingar, não teve resultado nenhum não é verdade.

M - O que, que não teve resultado?

QXC - Não tem, a greve ta dando resultado? não teve, porque até agora continua na mesma né (risos), ainda.

M - Mas será que se não tivesse tido não estava pior?

QXC - Ah eu acho que se tivesse todo mundo trabalhando era melhor claro né, todo mundo empregado, agora né. Agora sabe quantos que não morreram que não viram o dinheiro nem o cheiro do dinheiro.

Chegou gente a morrer antes de receber. Ah, muita gente morreu bastante. Só vê pra começar eu morava na casa de um queixada, sabe, eu morava na casa e pagava aluguel e ele também era queixada.

M - Mas era grevista também ou não?

QXC - Era grevista também. Ele era grevista e nós morava na casa dele, e a mulher dele era uma mulher chamada Tereza ela era, foi muito boa pra mim eu sempre achei gente boa graças a Deus e

nós ficamos devendo a casa ainda não dava pra pagar não dava a gente morava né, quando o Tião recebeu a primeira (.....) nós pagamos logo em seguida pra ela e ela ficou toda contente agradeceu tanto, que eu sai de lá porque eu quis, ela não queria que eu saísse da casa, se eu fosse uma ruim né se a gente fosse pegava vamos embora né, mas não o marido dela era um queixada dura também e ela xingava ele porque né ela é hungareza e hungareza não gosta de perder né (risos), mas nós moramos lá acho que foi 12 anos nós moramos naquela casa, lá nasceram três, os três filhos meus nasceram lá, ela foi muito boa pra mim era durante o dia a gente de noite precisava dela ela tava sempre pronta, mas a senhora sabe que teve um padeiro que todo mundo comprava dele, quando estourou a greve mesmo fazia uns três ou quatro meses ele parou de vender tudo porque quem era freguês dele era queixada, e ele falou que pra fechar ele não vendia que ele queria vender água com sal mas não queria dar pão para os queixadas de graça, mas não era de graça né ele dava, vendia e no fim do mês ele recebia ai ele não vendeu mais.

M - Ai ele parou.

QXC - Só vendia pra quem tinha dinheiro né.

M - Então ele não vendia mais?

QXC- É nesse intermeio tempo veio outro, né vendia, recebeu tudo bem, em casa ele vinha lá nem tava em casa ele deixava o pão lá, dizia que nunca faltou pão para os meus filhos porque dia não ele tava lá, por causa disso não vai ficar sem os meus negrinhos ficar sem pão, mas também quando o Tião recebia a gente pagava direitinho né, mais foi duro viu, vou dizer pra senhora foi muito duro.

M - Eu fico imaginando.

QXC - A tem um médico aqui, não sei se a senhora chegou a conhecer, tal doutor N.

M - Já ouvi falar.

QXC - morava ali em baixo e ele morava aqui pra cima, e a minha filha, a segunda ela, ela ficou um dia ela amanheceu tudo ruim, mas vomitando fazendo por baixo e por cima era oito horas da manhã ai levantei enrolei ela num cobertor subi um pedacinho e fui lá, e era tempo de vacina, a enfermeira dele não deixou eu falar com ele simplesmente ela fechou as portas do consultório.

M - porque?

QXC - Fechou as portas do consultório, e não deixou eu consultar, ele disse que mulher de queixada ele não atendia.

M - Era a enfermeira dele, né.

QXC - Era enfermeira dele mas ele era do lado dos pelegos né e eu era queixada eu nem tava preocupada com isso porque eu não sabia, porque médico é médico ai eu peguei, mais eu vim num desespero porque eu olhava nela isso aqui dela tava baixo sabe e ela vomitando e eu falei meu Deus do céu passei ela não passa, ai cheguei lá ela falou não ela pegou e virou as costas e fechou as portas e mandou eu sai que ela não ia atender porque não dia atender, ai eu voltei pra casa chorando ai essa minha (.....) ela falou o que foi Cida eu peguei e falei pra ela, ela falou não Cida você dá um chazinho pra ela quem sabe ela melhora, mas ela não tinha animação, e naquele tempo no sindicato tinha médico que vinha por conta dos queixadas ai eu cheguei lá levei ela lá né, passei no médico, a médica mas me deu uma raspada me deu um pega sabe, como eu nunca tinha feito comigo pelo contrário né, eu sempre atendi meus filhos muito bem, ela falou a senhora é uma irresponsável de ta andando com essa criança, deixou essa criança nesse estado, ela podia ter morrido ai quando ela falou isso doida.

M - Mas já tinha tentado, né. (risos)

QXC - Ai eu peguei (risos) eu peguei e falei pra ela, eu não sabia que tinha um repórter branca, ai porque que a senhora não trouxe, eu expliquei pra ela, eu falei levei no médico de manhã ele recusou, a enfermeira recusou, recusou atender, então eu falei eu vim trazer aqui né, ai ela pegou atendeu deu remédio, quando foi no outro dia cedinho eu tava lá tratando com a menina no colo chega o repórter me procurando, tava lá sentada em cima da cama dela tira fotografia ai saiu no jornal, ai naquele tempo de Perus era padre João é ai todo mundo virou contra mim porque disse que eu não devia ter feito isso, porque eu não sabia o que eu tava fazendo, ai veio um cabra lá da fabrica né, puxa assunto comigo, é mais você não devia ter feito isso. Quem não devia ter feito era ele. Sabe por que, porque eu não sou cachorro o filho é meu, cachorro não dá um filho assim não deixa perder e como é que eu vou deixar, é mais você é irresponsável, eu falei podia fazer isso que eu faço e vocês seus (.....) eu falei nem que for no pé do papa eu falei pra ele eu vou e tento se eles não quiserem atender meu filho, eu falei se ela tivesse morrido ai ia dizer que era eu que era culpada por ter oração, mais a senhora não pode falar, posso, olha da minha casa em diante veio todos os puxa-saco cada dia vinha um, até meus vizinhos virou a cara pra mim, ele vai vir aqui de tarde você vai desmentir, eu falei não vou, eu não vou desmentir porque o que ele fez pra mim não se faz com ninguém. e a mesma enfermeira dele ai depois ela um dia ela na (.....) é mais você não devia ter feito isso ido na reportagem eu falei, porque, porque não é neto da senhora não é filho falei então quer

dizer assim elas por elas né, ela falou é mais não é assim, é assim sim a filha é minha fui eu que pari, eu sei, eu falei eu não abro a mão de jeito nenhum (.....) é porque tal dia a senhora, eu digo vou, eu sustento o que eu falo ai veio o Padre João, padre João (.....), sabe filha eu vou falar com você, eu falei pode falar, você não acha melhor retirar a queixa, eu falei não, é mais eu tenho muita consideração a vocês, eu falei tenho pela minha filha, mas o Bastião, não tem nada a ver com ele o negócio foi comigo fui eu fui eu quem foi lá e eu não vou tirar ele veio pensei que ele também tava do lado dos pelego lá eu falei ô (risos) e até hoje eu sei palavra por palavra viu, a minha filha hoje ta casada tem duas filhas mas eu não me esqueço, de jeito nenhum.

É quando mexe com os filhos da gente NE. Lógico né, depois o pessoal nossa aquele tempo foi uma época muito dura. Foi muito dura, mas passamos.

M- Eu também quero tirar uma foto.

QXC - Ai eu to tão bonita, né.

M - Uma foto pra ficar na história.

➤ QXZ, 76 anos

M - Qual era a sua motivação, para participar disso tudo na época, de ser mãe e pai de agüentar as pontas aqui, porque você fazia isso?

QXZ - Achava que, eu teria que ajudar ele né, muitas vezes eu fraquejei.

M - Muitas vezes fraquejou, como?

QXZ - Não por que, saia de casa não tinha dia pra voltar, sumia, não dava notícia eu pensava uma coisa, esse meu pai que ta no céu ele me ajudava, o pessoal né conhecido sabe, a dona Y mãe do R, (.....) conheceu né?

M - Não to lembrado.

QXZ - Irmã, do pai do J, ela sempre ia em casa com as mulheres ela sabia que eu conhecia.

Elas eram unidas sim, mais depois (.....) poucas delas que foram, porque eu não participei junto com as mulher que no meu tempo não dava, além de eu ter as crianças eu trabalhava fora, eu costurava pra fora.

M - Fazia o quê, costurava?

QXZ - Costurava pra fora trabalhava na José Paulino, e hoje o pessoal traz costura na porta, (.....). Eu ia buscar.

M - Tinha que ir buscar né, hoje eles trazem né.

QXZ - Por que, que hoje meus braços não prestam mais pra nada eu to com bursite, as pernas toda arreventada, mas eu não me arrependo não foi uma causa justa, não dei nenhum dos meus filhos. O meu caçula, um advogado amigo do João queria levar ele embora, eu falei não, eu luto mas não abandono, e sempre apoiando o João sempre apoiei, quantas vezes ele veio em casa desanimado, chorando. Eu não acompanhei, mas eu apoiei.

M - E sempre tem várias formas de participar né.

QXZ (.....) falava pra ele eu não chegava aos pés dele, eu não acompanhava ele (.....) não você faz muito melhor do que você me acompanhar também, é ta me apoiando. É um escudo. Mas eu queria participar mais, mas não dava com aquela meninada.

M - A senhora segurava as pontas né.

QXZ - Uma noite chegou uns cara batendo na porta, falando, ele já morreu, pode abrir a porta, e o meu filho mais velho pegava uma faca, deixe entrar, deixe entrar mãe, que eu malho ele na faca.

QXZ - Mexer nas lembranças dói. Pra mim o B foi viajar, mas vai voltar. Nosso amor era muito intenso, acho que é por isso que eu agüentei. Eu conheci ele tinha 14 anos, namorei 07 anos, depois a gente casou. Faltou 01 ano para 50 anos. Depois a luta com a doença, 05 anos correndo com a doença dele.

M - Será que ainda cabe uma pergunta assim. Qual foi a maior dificuldade?

QXZ - Teve muitas, Os meninos pedir as coisas e eu não ter.

Aquela vez que eles fizeram aquela greve de fome eu queria ir lá, mas o cunhado dele que morava aqui não deixou. Era época de natal. Eu não tinha nada. Mas no dia de natal chegou um monte de coisas, o cunhado dele trouxe.

M - Teve muita solidariedade?

QXZ - Teve muita coisa boa.

M - Na sua opinião né, para que eles lutavam?

QXZ - Acho que era para defender né, os trabalhador. O J era um líder. Certa vez o A ofereceu muito dinheiro. Naquela noite ele não dormiu. Pediu minha opinião. Eu disse você é que tem que decidir ele falou então não vou trair meus companheiros. Ele ama os companheiros e a família... O que a gente sofreu não desejo pra ninguém, mas se é para o bem dos outros fazia de novo.

Um dia ele chegou com três companheiros e disse: Ô Zinhona o que você tem pra gente comer? Eu respondi: Se você trouxe tem.

Você quer que eu largue da luta? Eu disse você me desculpe, eu falei em momento de desespero. Você continue! Eu conheci você na luta, não fui enganada.

➤ QXMV, 77 anos

Nascida na Itália (mas o documento consta na Iugoslávia, por causa da nacionalidade do país)

M - Quando veio morar em Perus?

QXMV - 48, 1948.

M - Por que veio para Perus?

QXMV - Então, porque quando acabou a guerra lá da Itália e Alemanha, tudo, que perdeu a guerra, aí falaram que quem quisesse trabalhar para outro lugar, assim, que podia ir né; aí meu pai pegou e resolveu vir para cá, porque diz que ou para a guerra ou trabalhar para fora; aí meu pai resolveu vir para cá.

M - Aí já veio direto para Perus?

QXMV - Viemos direto para Perus; não, quer dizer que nós viemos para Campo Limpo Paulista né, que ficavam lá, o pessoal ficavam tudo lá; aí o pessoal que se interessasse ia lá e pegava as famílias para levar para o interior, para levar; e, nós, foi um senhor daqui de Perus que levou nós até para trabalhar no “cal link”; aí nós mudamos para cá.

M - E a senhora tinha alguma religião na época ou não?

QXMV - Católica, sempre católica.

M - Como era a sua participação na religião na época, na igreja?

QXMV - A gente não tinha, só ia mesmo na missa e só né; se tivesse, assim, algum evento, alguma procissão, alguma coisa, participava, mas não tinha essas atividades que nem tem agora, aquela época não tinha, não.

M - E qual a sua motivação para participar na greve, na época?

QXMV - Então, aí foi porque o meu marido trabalhou 22 anos lá né; e ele ficou de fora, ele não quis entrar né; então eu achei que eu devia estar do lado dele e aí comecei a participar com eles, com os outros, assim a gente começou a participar né.

M - Ele também participou na greve?

QXMV - Participou.

M - E qual a sua maior dificuldade durante aquele período? O que foi mais difícil para a senhora enquanto ele estava na greve?

QXMV - Olha, e se eu falar para você que graças a Deus a gente nunca passou fome, nada, não sei, às vezes até eu fico pensando, acho que Deus ajudou tanto a gente, que meu pai ficou doente, minha mãe ficou doente e eu ajudava eles tudo; ele começou a fazer um biquinho no começo né, depois o sindicato dava também um pouco de mantimento para a gente, eles ajudavam a gente né, ia buscar lá na sede do sindicato né; aí começou, aí apareceu serviço, ele começou a trabalhar e graças a Deus fome nunca passamos.

M - E a sua participação? Qual a sua maior participação na época?

QXMV - Ah, eu gostava quando eu sabia que tinha assembleia, tinha reunião, tudo, eu queria sempre ir, eu sempre gostei de participar de todas essas coisas assim, sabe; eu estava sempre no meio.

M - E tem alguma que marcou a senhora, que a senhora nunca esqueceu?

QXMV - Então, a que nunca esqueceu foi essa que a gente falou que teve na praça Luis Neri né, que teve uma assembleia e o pessoal da Fábrica começou né a agitar e jogar pedra tudo, e dizer que eram os Queixadas que estavam jogando, no fim eram os Pelegos que estavam jogando né. Isso chamou muita atenção porque foi uma mentira muito grande, foi uma mentira grande né, porque não aconteceu isso, né.

M - E na sua opinião, qual era o principal motivo da luta dos Queixadas, da luta deles, dos trabalhadores?

QXMV - Ah, eles queriam vencer né, eles não queriam furar a greve, não queriam deixar os amigos, também, os companheiros de serviço para fora, nada, então se reuniram, fizeram a greve e foi até o fim.

M - A senhora se lembra de alguma música ou alguma palavra de ordem que vocês usavam na época das passeatas, dos piquetes?

QXMV - Ai agora não lembro não.

M - E a senhora gostaria de falar alguma coisa que eu não perguntei, que a senhora se lembrou?

QXMV - Não. Eu sei que os Pelegos sempre, as mulheres dos Pelegos ficavam provocando a gente né, não queriam que os filhos brincassem juntos né, tudo assim, mas... uma vez, aquelas polícias que ficaram lá né, então a Pelega, eu ficava conversando com ela né, até ela já morreu também, então, eles passaram e ele para se fazer de gostosa né, foi, “ai querendo brigar por causa do marido da gente né, não sei o que né”, aí o investigador “não, mas não tem nada o que brigar não” e pegou e mostrou banana para mim “olha aqui para eles” ele fez, sabe; ai, mas aquilo me doeu tanto; aí eu fui

no chefe dele e conversei, e falei olha, nós ficamos de fora porque a gente quis, mas a gente nunca provocou ninguém, nunca desejou mal para ninguém e também a gente também não quer que eles mexam com a gente, a gente não mexe com eles, mas também não quer que mexam com a gente; agora, banana, dá banana para a gente, para mim, significa muita coisa, tem muito sentido e a gente é uma dona de casa, é mãe de família e não tem nada que ver coisa de fora né. Aí ele ficou assim, no fim ficou sendo amigo da gente, levava o meu filho mais velho, que tem 55 anos agora, levava ele para passear, para caçar passarinho no mato e tudo.

M - Durante as manifestações?

QXMV - Das manifestações e durante a greve, que a gente morava em uma casa embaixo e eles moravam na casa grande, em cima; então dava de frente da minha casa.

M - Ah, vocês eram vizinhos também né?

QXMV - É, aí passavam lá na frente e tudo, aí ficou sendo amigo da gente... o meu filho, o primeiro ano que ele entrou na escola, sabe; então ele veio, chegou em casa, trocou de roupa e ficou lá; daí começou a escurecer, e eu “cadê o menino, cadê o menino”, não achava ele de jeito nenhum, né; meu marido gostava de sentar na porta e ler jornal, né, “ele passou aí?” “não, aqui ele não passou não” “e onde está e onde está?” e aquilo eu fui, tanto Pelego como Queixada, todo mundo ajudando a procurar, o investigador e tudo, mandaram chamar até cachorro farejador, sabe, da cidade e tudo; no fim, o menino meu apareceu, mas foi um milagre, ele apareceu deitado na cama e a gente já tinha entrado lá e ele não estava lá; meu pai veio, ele morava lá para cima, ele veio e eu fui no quarto, abri a cômoda para pegar um farolete para ajudar, tudo, o menino não estava e eu estava com um colcha branca na cama; quando foi depois, de tanto eu pedir para a Nossa Senhora, que eu fui lá dentro, o meu filho deitado atravessado na cama e até hoje me arrepia menina, um milagre muito bonito; nossa, saiu até no rádio e tudo; não sei se você ouviu falar no Chico Carretel, que tinha na rádio Piratininga? Muito antigo. Então, ele era de Socorro. Então, e ele até falou no programa, tudo, sabe, fez questão que a gente fosse lá falar tudo assim, isso foi muito comovente.

➤ QXEPE, 77 anos

Nascida em Santa Isabel/SP

M - Quando veio para Perus, lembra?

QXEPE - Há uns 30 anos.

M - Por que veio para Perus?

QXEPE - Ah, eu vim para Perus porque a minha mãe morreu e eu era bem criança, e daí nosso pai, aqueles tempos, ele queria que a gente arrumasse um casamento por causa que ele já estava sozinho há muito tempo né; então daí ele arrumou um casamento para a gente lá e o meu marido já estava trabalhando aqui em São Paulo né...

M - Já era na Fábrica?

QXEPE - Não, não era na Fábrica ainda, mas ele já estava trabalhando aqui, daí a gente veio e ficou para cá.

M - Tinha alguma religião na época, a senhora?

QXEPE - Eu só tive uma, só a católica, só.

M - Na época, a senhora participava de igreja, só ia à missa, como era sua participação?

QXEPE - Bom, lá no interior era muito longe a igreja de onde a gente morava né, então a gente participava né, vinha com os nossos pais, né, com nossos irmãos, a gente vinha na Igreja Isabel lá que tem até hoje.

M - Qual a sua motivação para participar na greve, na época? Por que é que a senhora ia?

QXEPE - Por que é que eu ia? Para ajudar o povo.

M - Para ajudar o povo?

QXEPE - É o nosso advogado né.

M - Quem era o advogado? O doutor M?

QXEPE - É.

M - E o que era ajudar o povo para a senhora?

QXEPE - Ah, caminhar com eles para ver se a gente, né, conseguia resolver logo a greve, né; uma greve que nunca acabava, então a gente participava de tudo um pouco, né: a gente fez greve de fome, lá no Largo São Francisco, né, e caminhava com eles; ia pedir os filhos para o hospital porque não tinham o que comer, todo mundo com a sacolinha para a rua pedindo para os filhos, era pedir para ter alguma coisa para comer, né, porque não tinha.

M - E qual a sua maior participação, a senhora acha, a maior coisa que a senhora, não, minto, volto, qual a sua maior dificuldade durante o período da greve?

QXEPE - A dificuldade geralmente a gente não tinha assim o que comer e eu tinha três crianças pequenas e não tinha o que dar para eles comerem; então quando vinha de vez em quando um pouco de mantimento: arroz, feijão, essas coisas, porque lá era dividido um quilinho para cada um, né, então levou muito tempo isso daí, mas depois quando o meu marido viu que as crianças não tinham nada e eu não podia trabalhar porque eles eram pequenos aí ele pediu para o doutor M uma carteira nova, né, para ele poder arrumar serviço fora, né, aí ele arrumou lá na Santa Marina. Daí eu comecei a fazer cortina, danei a costurar, né, aí eu falei, né, que eu tenho prejuízo, né; então, daí nós começamos a costurar, né, para vir costura para nós e nós, então, para ganhar um pouquinho de dinheiro daí, então, a gente ia...

M - Então quer dizer, vocês assumiram a questão econômica da família?

QXEPE - Isso, é, mas nós não deixamos as crianças, porque as crianças...

M - Lembra quantas mulheres eram?

QXEPE - Era bastante, né.

M - Foram tudo costurar?

QXEPE - Isso; essa daqui, né.

M - E qual, então, aí eu perguntei qual a maior dificuldade; agora, qual a sua maior ação? O que a senhora acha que fez que ajudou?

QXEPE - Ah, que não foi fácil fazer isso tudo, né, para manter a família, encorajar o meu marido que, desempregado, que ele estava também, né, da gente manter unida a família, uma coisa muito boa que a gente conseguiu.

M - Na sua opinião, qual era o principal motivo da luta dos Queixadas?

QXEPE - Ah, o motivo eu não sei, eu sei que meu marido ia trabalhar e encontrou gente voltando, né, aí ele não sabia bem o que estava acontecendo e foi ver e diz que estavam tudo de greve já, todo mundo parado, de greve, aí continuou a greve, né.

M - Aí ele se uniu aos outros?

QXEPE - É, se uniu aos outros; é, ele foi até o fim, até que ele pudesse... vendo que demorava muito

a greve, né, de terminar, então ele tirou um novo documento com a ordem do advogado, do doutor M, né, daí ele foi trabalhar na Santa Marina.

M - Daí ele trabalhou muito tempo?

QXEPE - Não, lá ele não trabalhou muito tempo porque daí ele foi chamado para participar aqui outra vez, né, para ele poder aposentar, daí ele saiu de lá, né, voltou, ficou um pouco de tempo e, para poder aposentar, daí ele aposentou aqui.

M - A senhora lembra, nessa época, de frase, nessa época de jejum, de luto, dessas coisas, a senhora lembra de alguma frase que vocês mulheres usavam ou música?

Nossa, não me lembro não.

M - E qual, o que é que a senhora diria, hoje, da greve?

QXEPE - Ah, como aquela de lá, eu não sei não, acho que é um pouco difícil.

M - Acha que é difícil ter outra de novo?

QXEPE - Ah, daquele jeito eu acho que é difícil; é muita, sei lá, muita judiação das crianças, fome demais.

M - A coisa mais forte mesmo foi a fome, para a senhora?

QXEPE - Foi a fome, porque criança não ter o que comer, né, então era muito triste.

M - Mas valeu a pena ou não?

QXEPE - Valeu a pena porque ele conseguiu né, depois ele aposentou também, né, e a gente conseguiu melhorar mais né, e agora, geralmente, é meio, está mais ou menos agora, né, apesar de ele morrer, né, ele já se foi também, né.

M - Faz muito tempo?

QXEPE - Já faz sete anos já, mas a gente está conseguindo agora com a família, junto com a família, a gente está conseguindo.

M - Conseguiu manter a família?

Isso, conseguiu manter a família, estão junto comigo.

➤ QXEPR, 82 anos

Nascida na Bahia.

M - Quando veio para São Paulo, para Perus?

QXEPR - Para Perus? Já vim direto para Perus e fiquei aqui em Perus até hoje; tem 55 anos.

M - Por que veio para Perus? Veio da Bahia direto para Perus?

QXEPR - Para Perus, isso. Ah, a gente achou que devia vir embora, não sei o que, meu marido deu na cabeça de querer vir embora, nós não tínhamos filho, né, então vamos embora.

M - Tinha alguma religião na época?

QXEPR - Tinha.

M - Qual?

QXEPR - Católica, toda vida.

M - E como é a sua participação na igreja?

QXEPR - A gente trabalhava na igreja em tudo o que podia ali na igreja, que dava para a gente trabalhar.

M - Desde lá, desde a Bahia?

QXEPR - Na Bahia nem tanto porque lá é mais difícil de, naquele tempo era muito difícil de ter padre né, mas chegou aqui nós começamos; depois nós fizemos a nossa comunidade.

M - E qual era a sua motivação para participar na greve? Por que a senhora participava?

Porque o meu marido era grevista também.

M - Aí a senhora falava: já que meu marido é, eu vou participar...

QXEPR - É eu também vou ser.

M - Por que a senhora tinha que participar porque ele era?

QXEPR - Ah, não sei, porque aí depois nós fomos costurar né, o Frei Luís arrumou bastante tecido, então a gente cortava e dava para as mulheres costurar para arrumar um dinheirinho para melhorar a situação. A Dona V cortava lá, até a minha irmã foi cortar também na casa dela; cortar e fazia pijaminha de flanela né. Teve um tempo que era na casa de uma amiga lá em cima e depois foi ficar na minha casa.

M - Ah, então era nas casas?

QXEPR - É. Veio uma, ficou lá um bom tempo.

M - Lembra quantas pessoas mais ou menos?

QXEPR - Ah, acho que tinha mais de umas vinte. Então a dona L também entrou no meio porque era muito amiga do nosso frei e trazia os tecidos, vendia os tecidos para ele que eles tinham a fábrica lá em Contagem e saía mais barato né, para a gente. E cortava, a costura, trazia, a gente costurava, trazia a linha, trazia tudo; quem não sabia a gente ensinava para aprender a fazer bonitinho. E foi isso aí, muita coisa, muita gente pegava aquele dinheirinho e já ia comprar as coisas de mais necessidade, né. Mas era com o auxílio do Frei Luis, que ele trazia aquele montão de gente para fazer reunião, para melhorar a situação porque ele ficava preocupado com a turma da greve.

M - Qual a sua maior dificuldade no período da greve?

QXEPR - Ah, tudo era dificuldade porque não tinha, aí depois eu tinha um filho né e tudo era difícil, não tinha dinheiro para a gente comprar tudo o que queria, mas passou. Depois o meu marido foi trabalhar, porque ele era muito assim, ele foi trabalhar do que aparecia ele trabalhava.

M - Era como se fosse os bicos de hoje?

QXEPR - É. Não, mas que nem era, porque ele afundava poço que naquele tempo... ah, fazia tudo o que, limpava quintal, fazia tudo, mas dificuldade a gente nunca passou em casa.

M - Você também participou das passeatas?

QXEPR - Não, nas passeatas eu não ia muito não, mas a gente ia na cede lá em cima.

M - Mas a senhora ficou no grupo da costura também e na cede né?

QXEPR - De vez em quando a gente ia para lá assistir as palestras das pessoas que vinham né.

M - Então, e nisso tudo qual a sua maior, no que a senhora participou mais, qual foi a sua maior ação? Foi lá na cede, foi em casa?

QXEPR - Acho que foi em casa costurando, distribuindo costura para os outros né. Elas traziam e nós distribuíamos para as mulheres.

M - Na sua opinião, qual era o principal motivo da luta dos Queixadas?

Ah, porque eles queriam ter mais justiça né; ter um ar melhor para Perus, porque era muito poluído.

M - Ah, a questão do ar também né, ar melhor né?

Ter um ar melhor, porque, muita poeira e, então, às vezes, a gente estava lá na cede lá em cima e o brucutu, um carro grande que vinha, aí todo mundo: Ah, gente, olha o brucutu.

M - E isso assustava vocês?

QXEPR - Assustava né, porque ficava lá na pracinha em frente. Mas a turma não voltava não, ia fazer passeata, fizeram greve de fome né, como João Breno e tudo, que morreu faz pouco tempo.

M - A senhora acha que valeu a pena?

Eu acho que valeu, porque pelo menos a gente lutou e uns depois foram beneficiados porque receberam a indenização, mas meu marido que só tinha acho que oito anos, sete, oito, nove anos, ele não entrou naquele bolão né.

M - Ah, o seu marido não recebeu. E como ficou a questão do seu marido?

QXEPR - Aí ficou, os outros davam um pouquinho de dinheiro assim, mas ninguém queria dividir nada com ninguém.

M - Também, depois de tanto tempo né?

QXEPR - É, aí acabou.

M - Aí ele ficou sem receber?

QXEPR - Não, acho que ficou porque ele não, nessas alturas já estava trabalhando em outro lugar e, quem tinha direito, quem já tinha mais de dez anos recebeu, ficou dentro da greve né.

M - Ah, então quem tinha mais de dez anos de firma conseguiu receber?

QXEPR - É, conseguiu receber. E as pessoas que tinham menos de dez não receberam.

M - Nunca mais?

Não. Até que muitos, meu marido até, as vezes, achou que foi injustiçado, mas quer dizer que ele entrou ali para trabalhar com a turma né; ajudou muito porque o pessoal respeitou mais depois disso aí né, da greve.

➤ QXL, 46 anos

M - Nasceu onde?

QXL - Em Perus

M - É, o que significa pra você ser filha de queixada? Qual é o que trás no ombro? (risos)

QXL - É, acho que é o verdadeiro sentido da luta da coisa do buscar os direito de procurar e muito sofrimento.

M - Nossa! É, bom essa pergunta aqui nem precisa fazer porque é seria assim, você participou de alguma manifestação? Na época não né.

QXL - Não, na época não

M- Na sua opinião qual era a motivação da luta dos queixadas? A motivação, o que motivava?

QXL - A situação que eles viviam e a falta de alguém que olhassem né, que voltassem pra eles.

M - Qual é a sua religião?

QXL - Católica

M - Católica. Qual é a experiência que aquela vivência né a vivência deles eu to falando, trouxe pra sua vida? Que você acha que aprendeu, assim com seus pais?

QXL - Aprendi, aprendi que é assim, é sempre você precisa aprender a ver o momento de reivindicar alguma coisa precisa reconhecer o momento de reivindicar, porque na verdade é eu vejo assim de pouco de longe que a luta dos queixadas foi uma luta que poucos se envolveram de verdade que nem acho que essa coisa do meu pai dessa loucura de sair e de nos deixar foi uma coisa meio de mártire porque as pessoas acharam se acomodaram por aqui não tem quem vai indo lá a gente fica por aqui.

Entendeu, aprendi que a coisa não é assim, que a minha classe que é a minha classe tem que lutar por isso né, porque a gente não, eu não cheguei a perceber a falta do meu pai mas eu acredito que os mais velhos até perceberam né, que ele não estava e que ele era uma pessoa que não poderia estar tão distante, minha mãe eu acho que ficou muito tempo sozinha as pessoas dizem né, foi muito sofrido e então eu acho que a gente sempre tem que ta assim é essa a hora, do avaliar, avaliar o movimento ele vale, essa é a hora de ir né, avaliar o que eu perco e o que eu ganho.

M - Bom, eu perguntei, eu perguntei assim na sua opinião o que motivava a luta dos queixadas. Certo.

Né, do grupo todo, agora eu pergunto o que motivava o seu pai? Você acabou de dizer que ele foi uma espécie de mártire o que levava a ele fazer isso?

QXL - Eu acho que é um espírito que você tem, é aquela necessidade do crescer profissionalmente né, por que era um trabalho em que eles trabalhavam muito se davam muito e tinham, ganhavam muito pouco de retorno né, e ele via a necessidade de estar assim é melhorando a situação de vida dele e da família eu acho que muito até da família do que dele até.

M - Hummmmm. Essa aqui eu já te perguntei que é a Católica. E você participa de algum movimento, (.....) de alguma coisa?

QXL - Muito fracamente (risos)

M - O quê? Do que?

QXL - Não eu já participei muito na paróquia e me envolvia muito nos trabalhos e tal, e hoje em dia eu já não faço mais isso, mas como dizem que a gente nunca foge né da raiz (risos) eu, o meu trabalho é numa ONG e eu trabalho com crianças carentes, então tem hora que eu mesmo fico pensando, ah meu Deus eu ganho tão pouco mas a gente se envolve tanto e você traz aquela carga e você tenta ajudar e você tenta fazer o melhor né, e como a gente gostaria que as coisas caminhassem pra cá e elas vão pra lá então de vez em quando você passa por chata porque você fica implicando né, mas eu acho que aqui não é assim por ser né, só que eu prefiro ser um pouquinho insistente no, ser taxada de chata mas ainda ver o defeito onde ele ta né, ainda ter uma visão do que deveria ser.

M - Na época o seu pai tinha religião?

QXL - Já.

M - Já era católico, você acha que isso motivava também, ou não tinha nada a ver?

QXL - Motivava, não acho que sim. Meu pai, eu acho que é aqui outro dia a gente tava comentando até, que se fosse é antes de ele conhecer a minha mãe, ele deveria ter sido, ter tido uma vida dentro sacerdócio, de alguma coisa, pra alguma coisa porque eu percebo que é dele que é dom ele quer ajudar ele quer participar, e se ele não tivesse até conhecido a minha mãe acho que ele teria (...) por esse lado.

➤ QXCE, 47 anos

M - É. Você nasceu aqui?

QXCE - Nessa mesma casa. (.....) naquele quarto, eu nasci lá. mas o meu sonho é botar as tralhas num caminhão e mudar.

M - A, então me diz o que significa ser filha de queixada, o que, que isso traz, o que você carrega com essa coisa?

QXCE - Pra mim, foi uma coisa assim pra mim uma coisa de muita contradição porque o meu pai ele era ele foi grevista, mas ele não era um grevista convicto ele não sabia bem porque que ele, porque que ele participou da luta e ele ficava na luta entendeu, acho que ele foi meio no embalo e no momento que ele estava ele estava de todas as formas, ele participou do jejum lá no largo São Francisco, ele ia arrecadar doações, ele ia assim nas coisas, mas ele não era uma pessoa que tinha uma reflexão mais teórica de sabe, de luta de classe, ele tinha uma coisa, ele não tinha muito claro não eu acho que ele foi meio no embalo.

M - Hummmmm

QXCE - E acho que ele se arrependeu.

M - Mas se arrependeu porque foi no embalo, ou por ter participado?

QXCE - Eu acho que ele se arrependeu de ter participado, porque ele tinha 9 anos de empresa ele tinha 9 anos e pouco e quando o processo foi julgado as pessoas que não tinham 10 anos que era a lei da estabilidade na época, elas não ganharam o direito de retornar ao trabalho e não receberam os anos todos parados né, então é eu acho que eu acho que isso criou uma divisão no trabalhador, como ele não era assim muito convicto, tinha momento que ele parecia muito convicto mas tinha outros que ele dava uma vacilada eu acho.

M - E você participou de alguma coisa?

QXCE - Então é, todo mundo tira sarro da minha cara né.

(risos)

Por que eu conto uma história, que na verdade eu não sei mais se ela é verdadeira, pra mim eu sempre considerei verdadeira hoje eu tenho dúvida se ela é verdadeira porque eu tenho uma imagem a primeira imagem que eu tenho da minha infância eu tinha um ano um ano e dois meses mais ou menos, eu sei que por exemplo uma criança nessa idade ter memória é uma coisa meio estranha mas assim eu tenho uma memória visual ela não é, ela não é auditiva, eu não sei das palavras eu tenho uma memória visual de uma assembléia dos trabalhadores no sindicato é sou capaz de dizer da sala da mesa das pessoas que tinham pessoas que compunham a mesa, é que minha mãe ficava comigo por ser criança do lado de fora na porta e todo mundo me chamava de mascotinho da greve, é eu tenho essa memória mas é uma memória visual é e eu sei que pelo tempo da greve que eu deveria ter um ano um ano e dois meses mais ou menos eu não sei se e possível uma criança nessa idade ter, ter a memória do fato, mas eu sempre brinquei né, que na verdade é que eu era envolvida nas lutas porque a primeira a primeira memória que eu tenho da minha infância é de uma assembléia dos trabalhadores.

Com um ano e meio. A minha mãe acompanhava né, agora já me disseram que uma criança nessa idade não lembra né, então eu não sei se, eu não sei de tanto eu ouvi é eu acredito que isso é verdadeiro se isso é verdadeiro mais depois de um certo tempo eu acho que não importa mais se é verdade eu se não é entendeu, é a minha verdade né eu acho que se isso de fato aconteceu ou não.

M - Seus pais tinham religião?

QXCE - É eles sempre foram católicos.

M - E praticantes, e participavam?

QXCE - Participantes, o meu pai ele é quando ele trabalhava, ele já era, ele já era praticante lá no interior, mas quando ele veio pra Perus é logo que ele começou a trabalhar na fábrica, ele teve outros empregos mais assim, quando ele começou a trabalhar na fábrica é os trabalhadores da fábrica tinham um rodízio de trabalho é tanto pra construção da moradia essa casa e a casa dos amigos dele na verdade eles compravam o material e um operário ajudava o outro a construir então a minha casa foi construída em mutirão e dos amigos dele foi tudo construída em mutirão, mas eles tinham um mutirão pra construção da igreja é porque era um capelinha muito velha e ai eu acho que era o padre João na época ele quis construir uma igreja de, de com alicerce com tudo que tinha direito né, e eles se revezavam nos horários, como eles trabalhavam em turnos na fábrica então ele, ele trabalhou na construção desde o alicerce ai da igreja e foi sacristão durante trinta anos né, então ele era o responsável de abrir a igreja durante a semana de finais de semana é era ele quem arrumava a missa a mesa pra celebração fez isso durante muito tempo, era vicentino então sempre foi participante da igreja.

M - E na sua opinião, qual era a motivação deles na época, dos trabalhadores?

QXCE - Ah eu acho que, acho que tinha uma, uma noção da questão da justiça que o salário era injusto que as condições eram injusta, mesmo o meu pai que não era tão convicto na motivação ele tinha uma noção de justiça muito clara, isso sim, que o salário e que as condições de trabalho não eram justas isso ele tinha claro.

M - Mesmo sendo criancinha né, mas por exemplo, você era criancinha na época já contou a sua história mais você conviveu com eles todo esse tempo depois disso, o que essa vivência deles trouxe pra sua vida?

QXCE - Ah eu acho que, eu desde criança eu sempre fui muito inconformada com a injustiça é eu não tinha, eu não tinha muita noção mais eu sempre questioneei é mesmo na escola eu questionava as coisas é, na época até na época da ditadura militar a gente questionava coisas que hoje eu sei que os professores não podiam responder mas a gente questionava é, e essa coisa da justiça sempre foi uma coisa que me incomodou muito essa coisa da pobreza enxergar a pobreza como uma situação de injustiça isso pra mim sempre foi muito, é acho que essa é uma herança muito forte.

M - Bom aqui diz se você lembra de alguma coisa você já disse né, que era do espaço do local da mesa (riso).

QXCE - Eu lembro das histórias também né, da época de greve, meu pai conta, contava que é que eles não podiam, eles não podiam se encontrar na rua se tinham mais do que dois é se tinham três reunidos a policia vinha e dispersava né, e ele contava um fato de um amigo dele era um senhor que a gente chamava de Zé dos Coelho eu imagino que porque ele criava coelhos né, e eles estavam uma vez ali na esquininha aqui no finzinho dessa rua que era perto da boca do túnel, porque o túnel funcionava a gente usava o túnel pra ir na fábrica e eles estavam conversando e.

M - Túnel, não conhece o túnel.

QXCE - É, tudo, tudo a base de tudo era o túnel.

M - Mais ainda existe?

QXCE - Existe, é ele é, eu a eu não sei se ele ta fechado hoje. Não, não é como era entendeu, o túnel ele era um túnel mesmo de pedra tinha um trilhozinho lateral, e uma pinguela a gente atravessava a pinguela porque que ai que ta, quando a gente é criança eu, a minha memória do rio e que ele era um rio muito mais forte do que ele é hoje, e a gente passava na pinguela e passava no trilho embaixo do túnel e cortava caminho pra ir pra fabrica mesmo, era o caminho que eu fazia pra ir na fábrica.

M - Então é a ligação (.....), que eu também nunca vi a ligação da estrada de terra Pirapora

QXCE - É.

M - É, é a ligação.

QXCE -É, é com a fabrica, é o caminho da ferrovia, é sabe ali a rua do Mário.

M - Onde, essa rua aqui de cima, o final dessa rua acaba no túnel.

QXCE - Essa rua aqui de cima, a Doutor João (.....) de Abreu, onde.

M - Ah ta, não.

QXCE - Atravessa lá embaixo, ai. Cruza a rua, a outra rua.

E vai, ela é uma rua sem saída ali tem o túnel.

M - Então apesar de eu saber né, é você participa de alguma religião hoje?

QXCE - A eu participo (riso) (.....)

M - E de movimento social você participa de algum?

QXCE - É eu participo né, eu ando meio, meio devagar né,

➤ QXCA, 80 anos

M - Estudou até que série?

QXCA - Olha eu fiz primário, primário, colegial e fiz teologia.

M - Teologia.

QXCA - Eu acho que agora tá tudo muito mudado, mas eu fiz teologia.

M - Na época da greve, morava onde?

QXCA - Na época da greve... eu morava no Morro Grande, na favela, morava na favela.

M - Já era religiosa, já era católica?

QXCA - Já, já era.

M - Qual era a sua participação religiosa na época?

QXCA - Olha, eu fui do Instituto Frei Luis Maria e depois eu parti para ser leiga consagrada e foi como leiga consagrada.

M - Na época já era leiga consagrada?

QXCA - Já.

M - Uma das coisas que eu quero saber nessa pesquisa é se a religião influenciou, como eu disse, é Ciências da Religião né, no que a religião influenciou nessa sua participação?

QXCA - Olha, é, a religião influenciou porque a minha religião, a religião que eu aprendi foi uma religião muito mais, muito comprometida né, foi especial.

M - Essa religião comprometida, na época, podemos dizer que já tinha a ver com CEBs ou ainda não tinha nada a ver com CEBs?

QXCA - Não, eu nunca tive a ver com CEBs. Eu trabalhava na Frente Nacional do Trabalho, então lá... apesar de ser um movimento assim... partidário como também a nível de religião era, não tinha nada assim definido, essa ou aquela religião, porque era operário então cabe todo mundo, cabe todos, cabe isso, cabe aquilo, cabe todo mundo, mas eu pessoalmente e outros, nós éramos católicos.

M - Mas essa força, essa vontade de ir à luta, de... Eu fico querendo entender, na verdade, se na década de 60, lá em 62, a gente já tava, já tinha alguma coisa de Comunidade de Base ou se não tinha nada ainda, se essa fé diferente já era ou não era, o que é que você acha?

QXCA - Olha, como é que eu vou explicar isso, falar isso né?... Essa minha preocupação com o social, eu acho que é de família viu, porque meu pai era alemão e ele veio da Alemanha já, não veio como imigrante, ele veio por causa do programa político da Alemanha que ele já tinha e então eu acho que isso foi transmitindo; a família da minha mãe também, é mineira não é carioca não, a família da minha mãe toda é mineira, mas também tudo metido em política, nesses negócios de poder, então a gente, eu sentia isso, eu senti essa...

M - Então era exemplo né do pai né?

QXCA - Eu não sei se é exemplo, se o meu pai já era assim também e foi transmitindo pra gente isso também; a gente, eu já cresci nisso né, eu já vivi nessa, nessa visão toda; desde criança eu sempre estava metida em coisas assim, no colégio, sempre metida nesses, nesses movimentos todos né, e aí, à medida que a gente vai crescendo, eu fui da Ação Católica também; é, eu fui da Ação Católica; quando eu vim para cá, para São Paulo, eu... já fui me empenhando também com o movimento de Frei Luis Maria que também é social, é operário né.

M - E qual, para participar da greve de Perus, da greve dos Queixadas, qual a sua motivação? Por que você foi parar lá em Perus?

QXCA - Olha, a minha motivação foi porque, trabalhando com o Frei L, que trabalhava com operários, o Frei L estava muito ligado, também, ao doutor M, ao JB, à todo esse povo e eu fui trabalhar na Frente Nacional justamente para poder conciliar tempo de, que antigamente falava de apostolado né, agora é militância, então esse tempo nosso de militância com o trabalho para eu poder ganhar a vida também né, então eu fui trabalhar na Frente Nacional porque a gente podia fazer esse jogo para conciliar tudo isso, hora de serviço, trabalho, reuniões, tudo, a Frente tinha o caminho aberto para isso.

M - Você era funcionária, então, da Frente Nacional?

QXCA - Também, é, funcionária também.

M - E qual a sua maior dificuldade naquele período? Pensando na greve né.

QXCA - A gente nem sentia como dificuldade. Agora a gente acha que era, que podia ter dificuldade, mas só para você ter uma ideia, eu estava lá na Frente Nacional, os advogados estavam na Justiça do Trabalho para as audiências e a polícia do DOP chegou lá, procurando o doutor M e prenderam o doutor M naquela hora ali; e a polícia entrou com mais três e tomaram conta já da situação; não era problema para mim isso não, viu, acho que fazia parte da vida da gente, não era, não vi como

problema.

M - Aí eles prenderam o M?

QXCA - Prenderam, levaram o doutor Mário, os outros advogados a gente mandou avisar que a polícia estava lá na Frente Nacional, então eles não voltaram aquela hora para a Frente Nacional, porque eles levaram o doutor Mário.

M - E você estava ali e assistiu tudo isso?

QXCA - Levaram o Dr. M, vasculharam a Frente todinha, aí a gente pegou o pouco dinheiro que a gente tinha, guardou na nossa bolsa justamente para poder atender alguma coisa que precisasse né, mas eles vasculharam todas as gavetas de todos nós lá, para ver o que é que tinha; e, gozado, é que nós estávamos com a pilha deste tamanho do Brasil Urgente e eles não viram; incrível, incrível, a gente não entende como, viu, a gente estava com uma pilha do jornal do Brasil Urgente lá, tinha chegado, e eles viram tudo, abriram as gavetas, tudo, para ver o que é que tinha, foram para ver livros, tudo o que tinha lá né, mas o Brasil Urgente que se eles tivessem visto acho que pegavam todo mundo, eles não viram o Brasil Urgente, acho que eles pensaram que era papel velho viu, jornal velho, uma pilha assim que tinha do jornal do... como é que chamava ele, era o frei... esqueci o nome dele agora viu, não sei se ele era dominicano...

M - Então, agora, qual foi a sua participação na greve?

QXCA - A minha participação na greve foi muito mais no fundo de greve e ali na Frente Nacional, ali dentro junto com o pessoal todo, com os operários todos; aí tinha as assembléias em Perus, às vezes tinha assembléia na Frente Nacional e... haviam as passeatas, a gente estava ali, junto.

M - Mas essas vinham de onde? Vinham não sabia de onde né?

QXCA - Olha, vinha de muitos lugares que conhecia, sabia, dava apoio, e mandavam para nós né. É, porque lá em Perus né, o padre M, o padre. P... tinha divisões, tudo, beneficente né, mas tinha um movimento também.

Tinha, tinha lá em Perus se eu não me engano, não posso garantir muito, uma espécie de tintaria de papel e papelão lá.

M - E falava muito de Cajamar, aquele padre Bianc.

QXCA - O padre B estava em Cajamar, se eu não me engano e Cajamar era onde pegava acho que as pedras que mandavam lá para Perus para fazer cimento.

M - Está escrito em um dos trabalhos que eu li, acho que é no livro mesmo dos Queixadas, que ele deu o dinheiro da construção da casa paroquial, ele deu para o fundo de greve.

QXCA - O padre M também né, lá na paróquia lá. Perus, Perus eu acho que tem nomes, não só justamente da greve; e Dr. M brigou com o padre, que era, meu Deus quem era o padre, esqueci o nome dele, Coutinho, como o Dr. M brigou com ele, viu.

Eles ganharam uma parte lá do Santa Fé para calar a boca dos seminaristas.

Havia muito apoio da parte da igreja, mas havia também muito... você sabe como é que as coisas são, não apoiavam muito não. O doutor M era muito corajoso né, ele era muito corajoso. Ele movia os bispos e os padres.

Movia. Onde o Dr. M ia ele procurava o bispo, ele dizia que tinha que convencer o bispo.

M - Ele era religioso, ele era praticante! É aí onde fica a minha dúvida, entendeu, quem era esse povo, o que era isso?

QXCA - A igreja estava muito, na minha opinião né, naquele momento a igreja estava despertando para uma coisa nova, mas tinha aquela igreja que não aceitava nada também... então havia esse, como hoje existe, antigamente, começou naquele momento e então a coisa parece que foi muito mais assim, como é que fala, chamava muito mais a atenção né.

M - É, então, isso aí que me chama atenção porque eu estava lendo também, o Concílio também começa nesta época; então eu fico pensando, se o Concílio está aí, é o Concílio que traz, oficializa a mudança, então significa que essa mudança já vinha acontecendo?

QXCA - Já, já vinha acontecendo. Teve uma marcha, marcha da família, não sei o que, com coisa de direita mesmo e que a igreja encabeçou; e teve gente da Frente Nacional que foi pensando que era uma outra coisa e de repente, viu o que era.

M - Então as coisas estavam se misturando? Como é que é: TFP?

QXCA - Teve uma marcha também enorme, viu; e teve gente da Frente Nacional que foi a mãe de um advogado nosso, o Dr. C, ela foi, e, pensando que era uma coisa e ela viu que era outra; mas então, estava naquela confusão enorme a igreja né, porque de um lado vinha toda uma coisa nova, um compromisso mais sério e do outro lado, uma igreja que não aceitava né, então...

M - E nesta misturada toda, está aí também a greve?

QXCA - Estamos nós, a greve também, os padres, o, todo mundo, o padre Bianc também estava né, o padre B foi ótimo; e o padre Mateus também, e outros né.

D B, olha o Dr. M na ocasião foi preso, uma das prisões, quem foi o... o coronel, sei lá o quê, que

interrogava o Dr. M era irmão de um padre, eu esqueci o nome dele viu, que... vigário de uma paróquia em Santo Amaro, se eu não me engano, um padre muito bacana, viu, muito bacana, o padre muito bacana; e o irmão dele era quem interrogava o Dr. Mário, porque o Dr. M ia preso muitas vezes; ele vinha com a Bíblia, ele pedia licença lá para os policiais, "deixa eu pegar a minha Bíblia", ele pegava a Bíblia e na prisão ele fazia a pregação dele.

M - Foi assim que eu descobri que eles fizeram a Romaria para Pirapora.

QXCA - Ah, fizemos, uns operários que promoveram uma Romaria, Romaria não, uma passeata, Romaria, para Pirapora, meu Deus do céu, uma beleza, mas um cansaço danado. Fomos para lá, para Pirapora, saímos de Perus e fomos andando né, andamos a noite inteira, no dia seguinte o padre Bianc chegou até nós lá em Pirapora do Bom Jesus; quem promoveu foi um, como é que fala, um operário que não era da Perus, mas era da Frente Nacional, ele organizou e foi todo mundo né, foi muito bacana. Então tinha coisas assim, por exemplo, de Cajamar vinha o trem que levava as pedras para Perus e, na greve, os operários ficaram, deitaram na estrada de ferro para o trem não passar e o trem parou, não passou. Então, tinham situações assim, sabe, que a gente, hoje não tem mais isso, eu não vejo mais essas coisas, antigamente, há 30, 40 anos atrás, tinha viu, um negócio assim muito firme; lembra uma passeata que fizeram passando pelo largo de São Francisco.

É, tinha até greve de fome.

Greve de fome, é, que nós, nós da não-violência, a gente não dá o nome de greve né, porque é comum falar greve de fome, mas é jejum, jejum, só de água mesmo, sabe, mas era muito comum, era muito comum isso, fazer jejum.

M - Aí aparece, aí que reforça, no meu ponto de vista, reforça muito a questão religiosa; a não-violência, o jejum...

QXCA - O pessoal da Frente Nacional era todos, quase todos eles, católicos; nem era crente que nem tinha assim tanto crente né, era católico; então, tudo muito ligado à igreja católica, então padre para todo lado nessa greve aí. Então a presença do católico nesta época, o pai do Dr. M, esqueci o nome dele, ele morava lá em Santo Amaro, com esse padre aí que era vigário lá, que era irmão do torturador, não é torturador, ele não era torturador, mas ele era o que interrogava mesmo; e o Dr. M tinha uma liberdade de falar com todo mundo, o pai dele foi falar no púlpito, lá no sermão lá e ele pediu para falar da prisão do Dr. M na igreja; então havia assim sabe um entrosamento muito grande viu de todos eles. O Dom Pelé, lá no nordeste, muito ligado a todo mundo, o Dom Fragoso; Dom Pelé, Dom Fragoso, tinha outros Dons aí; então havia todo um envolvimento muito grande, não de todos os bispos, mas a maior parte né; e aqui em São Paulo, o doutor, o Dom Paulo.

M - Apareciam outros também aqui em São Paulo, aparecia, é que eu não... aparece no livro de história, não da greve, mas porque eu fui buscar o que é que estava acontecendo né, qual era o contexto de São Paulo em 62, aí tem outros bispos, como é que é, eu esqueci o nome deles, mas tem mais dois bispos, aí eu vi na CNBB que aí tem: Maria o que, ah esqueci, só sei que eu pesquisei né quem era bispo em São Paulo e quem era da CNBB na época né, para poder chegar nesta questão do Concílio, mas eu esqueci, eu já escrevi, mas está lá, mas era dito que até hoje o pessoal, aí está o Dom He né, que ele participou do Concílio, não é?

QXCA - Eu estava ainda no Rio, nem havia nada disso, eu estava ainda no Rio quando Dom He era bispo de lá, mas ele era, tinha bispos muito comprometidos, ele saiu de lá não sei para onde lá para o nordeste, ele foi por conta da atitude dele lá no Rio, eu estava ainda no Rio, não estava nem em movimento nenhum.

Mandaram ele... perna pra quem tem né.

M - Na sua opinião, qual era o motivo da luta dos Queixadas, o que motivava né?

QXCA - O que motivou? Os Queixadas tem esse nome por causa justamente do, acho que é porco né, porco cheio de espinho e tudo né, andam sempre em grupos né, então Queixada em boa parte era por causa disso. Agora, o que provocou a greve foi...

M - E o que manteve por tanto tempo né? Por sete anos, por exemplo?

QXCA - Foi de fato, em grande parte, foi a atitude do doutor Mário na greve.

M - Foi a maior greve do Brasil?

QXCA - Não sei, eu acho que foi, em termos de tempo eu acho que foi. Teve São Bernardo que também nós participamos, não foi assim tão... não sei, porque São Bernardo, quando teve a greve, estava aquele grupo que depois foi para o sindicato né, o grupo lá de São Bernardo, daquela fábrica de automóveis e tudo, inclusive o Lula não sei de onde que ele era, mas também era presidente na época dos Queixadas né. E como era, eu acho que como era, como a Frente Nacional era um movimento que arrebanhava todo tipo de operário, qualquer tipo de operário e encaminhava para os sindicatos. Sabe a, uma das muitas fé lá da Frente era encaminhar todo o operariado para o seu sindicato e a Frente arrebanhava todo mundo, quando a CUT apareceu é que criou sombra em termos de Frente Nacional; porque a Frente era uma central sindical, não tinha esse nome, mas ela

era uma central sindical. E agora o motivo... e a CUT, o pessoal da Frente Nacional também era, foi de CUT e tudo, mas a Frente Nacional era uma central sindical, com outro nome, sabe, com outra bandeira, e depois sim, acho que foi se organizando em várias centrais sindicais né, mas a Frente foi a pioneira né, a Frente foi a que surgiu primeiro. A pioneira tem que fazer mesmo um trabalho muito bom viu. Agora, a luta dos operários, do... era, não sei como é que a gente pode falar, você leu alguma coisa sobre... o que significa de fato, o que motivou a greve.

M - Hoje o povo não se organiza, e quem manda embora, aliás tem até a pressão psicológica, já tem duzentos na fila.

QXCA - Eu acho que naquela época, de agora, que eu estou vendo, olha eu acho que a situação do pessoal, dos trabalhadores hoje está pior do que aquela época.

M - Agora, Carmem, era ditadura, era machismo, e como é que era uma mulher trabalhar numa época dessa, nesse tipo de trabalho?

QXCA - Em Perus não tinha mulher trabalhando lá na fábrica, porque a fábrica só para, o trabalhar era para homem né.

M - Não, mas eu falo você, na frente do trabalho, enfrentando polícia, ou pelo menos assistindo, não sei, mas como é que era ser mulher numa loucura dessas?

QXCA - Olha, eu acho, aí é uma opinião pessoal minha... eu não sou feminista, eu não sou feminista, acho muito, muito... mas lá na Frente Nacional havia sim machismo, mas o respeito pela mulher era e continua sendo assim muito grande. Também a mulher fazia tudo o que tinha que fazer, não tinha os problemas, por exemplo, quantas vezes eu fui para São Bernardo no caminhão porque não tinha ônibus. Então, a gente ia, continuava a viagem e nos dávamos muito bem, havia machismo sim; então havia, por exemplo, esse negócio da mulher né, a mulher do doutor Mário, a mulher do JB, a mulher de outros Queixadas lá e tudo, muitas outras mulheres lá e tudo, elas não iam na Frente Nacional, mas o trabalho delas, que não foi o meu trabalho, mas o trabalho dessas mulheres de operários e tudo, era a retaguarda deles e não sei como é que é visto isso agora, mas sem elas não havia família também, porque elas sustentavam; a T sustentou aquela filharada, as vezes até com falta de coisas dentro de casa para dar pros filhos; dona N que é a mulher do doutor M, que morreu agora há pouco tempo né, dona N eu lembro que ela fazia tricô, sabe, para poder ajudar em casa. Pelo doutor M, pelos operários, aí sim eu achava que era muito forte o machismo viu, como homens, eles faziam o que podiam para poder manter a greve; por exemplo, doutor M vendeu uma porção de coisas que eles tinham, as vezes sem consultar ninguém ele vendia, a mulher dele segurou a casa para não perder a casa que eles tinham lá na Lapa, para poder ter um lugar onde tinha os seus filhos e tudo mais né; e JB do mesmo jeito; doutor A do mesmo jeito, tinha filhos, e todos pequenos ainda, ele foi preso na porta da casa dele, quando a polícia chegou e levou o doutor A também; o B foi preso também, mas o B não tinha, não tem filhos né, a gente chama B, mas outros lá do mesmo jeito, a mulher segurava as pontas dentro de casa, mas de uma maneira assim sabe, não é que veio, não é uma coisa assim premeditada, vou fazer um trabalho escondido, não, é porque era o trabalho da mulher.

M - Ou faz ou diz porque não faz né?

QXCA - E o respeito de todos eles né, também não era comum? É escritório lá da Frente, é a coisa de vanguarda né?

Candidato, igreja, tudo, quer dizer, é, de fato as mulheres, não era só eu, tinha mais duas, três.

P. comentou que você que fazia os textos para ele, ajudava, ele dizia né, mas você que ajudava.

É, eu nem tava me lembrando disso, sabe, mas a atuação nossa lá, a presença nossa lá na Frente Nacional, minha, da Délia que já morreu, a Araci também morreu, tinha mais duas né.

M - A Délia e mais duas que a C citou.

QXCA - A Délia, a Araci, foram as primeiras lá na Frente Nacional, eu fui depois.

M - Mas, me fale mais destes textos então.

QXCA - Eu não estou me lembrando, você falou agora, agora que eu estou, você falou que eu estou me lembrando. A gente ajudava em termos talvez de português, uma redação um pouco mais elaborada, em tudo isso a gente ajudava. Tinha o jornalzinho da Frente, depois ficou bem melhor, sabe, quem ajudou muito a fazer foi eu, não sei se a Araci, de mulher mesmo assim, as mulheres, éramos nós três.

Advogada, não tinha?

Tinha a, advogada tinha a S, que agora está lá na Bahia, tinha, tem né, acho que a S, tem uma japonesa chamada M, tem a, como é que chama a outra muito bacana, ela trabalha nessas coisas de acidente de trabalho, esqueci o nome, mas eu achava ela muito bacana, muito boa, mas assim muito...

M - Vocês três vinham à Perus...

QXCA - A gente ia nas Assembleias né.

M - E com as mulheres, porque a C, que é a mulher do T né, ela citou o nome, alguns nomes e ela citou a Délia e a Iraci também e ela dizia, ela disse que eram freiras, então não era, eram freiras?

QXCA - A Délia e a Iraci eram freiras sabe, de Frei L, do movimento de Frei L.

M - Ela diz uma frase muito bonita, ela diz que foi vocês, foram essas pessoas que fizessem com que elas conhecessem os seus direito.

QXCA - Porque tinha, era assim, o movimento de Frei L estava junto com a Frente Nacional, distintos, mas juntos; então, em Perus, tinha grupos de famílias que se reuniam, quem ia era a Délia e a Iraci; então nestes encontros, nesse grupo de família aí, tinha, uma vez por mês, tinha um encontro para discutir os direitos, direitos trabalhistas, no caso; tinha uma reunião para aprofundar e conhecer o Evangelho, sempre dentro dessa perspectiva né, de social e direitos civis, e tinha uma reunião de fato para conhecer a CLT.

M - E parece que tinha um grupo de mães também, pelo que a Cida falou.

QXCA - É que eram famílias né, não eram os operários só, era marido e mulher que iam, então eram famílias que iam; ainda tem esse trabalho aí. E Perus tinha o grupo deles né e quem ia era a Délia e a Iraci; uma vez por mês, cada um desses assuntos eram discutidos, tinha um dia no mês que se reuniam para fazer...

E aquela que foi expulsa, que participou da manifestação lá do...

Foi expulsa?

M - Talvez ela não foi para frente. M. que falou dessa também; agora essa, não sei se ela voltou para o Brasil.

QXCA - Não, acho que ela voltou para visitar. Nunca mais voltou para o Brasil.

Eu não estou me lembrando dela, viu.

M - Outra coisa, lembra de alguma frase, algum, algum, palavra de ordem, alguma coisa assim, dessa época?

QXCA - Olha, o lema da gente é esse: a paz é fruto da justiça; que é bíblico né, é da Bíblia, mas aí a não-violência né; geralmente tem muitas, muitas frases assim que a gente sempre usava, por exemplo, a paz é fruto da justiça é o lema da frente né, mas tinha, deixa eu ver se me lembro de alguma, firmeza permanente, os operários não respeitavam muito o nome não-violência.

M - Não, porque eu conheci um rapaz que ele falou que ele estava passando por uma greve lá na Praça da Sé em 62 e disse que as mulheres cantavam alguma coisa como assim Abdala morreu, rogai por nós, coisa parecida.

QXCA - Não me lembro; de fato não estou me lembrando, eu sei que tem, mas não me lembro; mas a não-violência tem vários, várias frases assim que se usava né.

M - Então, alguma coisa que eu não perguntei, que você acha interessante falar?

QXCA - Olha, não sei não viu, a única coisa que eu gostaria de destacar é de fato essa, essa importância das mulheres de maneira geral até escondida, porque o que aparecia era o que os homens faziam né, e depois a greve era de fato dos operários da Perus, mas a presença da mulher nas suas famílias, o apoio que elas deram aos maridos...

M - Uma coisa que eu, quando falamos da questão do machismo né, a gente pensou na frente do trabalho, pensamos até dos maridos, mas e da polícia, como é que era fazer esse trabalho aí?

QXCA - A polícia estava lidando mais era com os homens lá da Frente Nacional né, porque, por exemplo, eu fui uma vez no DOPS para buscar não sei o que lá e eles me trataram bem, quer dizer, não tinha motivo para não tratar também né. Agora quando eles pegavam o pessoal... e na nossa frente, na frente de todo mundo, quando eles levaram o doutor M, foram até muito educados; é, o DOPS entrou, o doutor M ia fazer audiência, ele tinha lá um processo que ele ia atender lá na justiça, subiram uns três, à paisana né e o doutor M, tinha machucado a cabeça, ele ia descendo quando ele, os fulanos subiram e perguntaram perto do doutor M: Quem é M? Ele disse: sou eu; então o fulano falou: O senhor está preso! Não teve assim brutalidade, na nossa vista não, sabe, mas eles judiavam depois, o doutor M, eu nem sei como é que foi a tortura lá, mas o B me conta como é que foi, pau-de-arara mesmo que eles falam né, bate mesmo viu, mas não na nossa vista isso.

Anexo 4: Transcrição – Grupo Focal

Grupo Focal: Mulheres em Luta – Uma outra história do movimento Queixadas de Perus

Explicação do tema da dissertação.

Apresentações:

Maria Velsic 77 anos, mora em Perus desde 48

Maria Aparecida Pereira de Souza, 78 anos, mora em perus desde 50

Ezenilda Pereira Rocha, mora há 58 anos, 82 anos, está feliz de estar com essa idade

Desde a igreja, não fala mulheres, tudo é os homens; as mulheres não tem muito valor; padre, não tem mulher padre.

Em casa, o negócio era diferente; o Tião participava na atividade dele e eu na minha, nunca agredi ninguém na rua, nunca fiz desaforo, mas também não agüentava desaforo.

A gente teve muita ajuda de Deus, porque a gente nunca passou fome, não passamos necessidades. O sindicato ajudava a gente. Ajudava uma costureira. A gente sempre tinha um trocadinho. O pessoal da venda até facilitava pra vender pra gente né, mas não era pra todos, só para os que pagavam.

Eu não tinha conta no armazém, mas o que eu precisava na venda, o dono conseguia. Eu ia fazer limpeza e a dona me dava as coisas, mesmo sem eu pedir. Na quitanda eu ia e pegava o que eu quisesse. Algumas pessoas achavam que os Queixadas podiam morrer de fome né.

A minha mãe ajudava, o meu marido trabalhava fazendo bico. Não era fácil não. O Frei Luiz arrumou umas costuras para a gente fazer quando apertou muito. Vinhas umas irmãs fazer umas palestras para a gente. Quantas vezes a gente estava aqui e tinha o Burucutu, aquele carro, né.

As mulheres que os maridos trabalhavam se achavam no direito de ser desaforada com a gente. Uma vez uma mulher passou perto de mim e disse “Eu tenho bronca desses negros sem-vergonha” e cuspiu no chão. Eu pensava assim, em vez de discutir, procurar encrenca, se eu trabalhasse seria melhor né.

A gente costurava. As mulheres ficaram mais unidas.

- Vocês sofriam com as brincadeiras das próprias mulheres, mas mesmo assim vocês continuaram. Por quê?

Comida para a gente nunca faltou, graças a Deus. Quem não era Queixada, as mulheres provocavam mesmo. Mas eu não levava desaforo. Eu nunca desanimei meu marido não, se tinha bastante para comer a gente comia bastante, se tinha pouco a gente comia pouco.

A gente não queria que saísse da greve, queria que permanecesse né.

Achava que era traição com os outros, por isso não deixava que saíssem. Preconceito a gente tinha até dentro da família da gente né. Meu irmão nunca deu nada, nunca ajudou minha mãe em nada.

O dono da minha casa era Queixada, então eu não tinha como reclamar né. O dono da padaria disse que os Queixadas tinham que beber água com sal, porque ele não ia mais vender pão fiado.

Minha família sempre apoiou. Tinha três queixadas, meu irmão, meu cunhado e meu marido. Tem uns que é mais forte na luta.

- O que é pelego?

Acho que é o que se rebaixa.

Era uma peça que se usava por baixo, então acho que queria dizer que era aquele que se escondia.

Mulher de pelego, acho que ele não é tanto, mas ela quer se apoderar do dinheiro.

Era um amigo da onça, porque não ajudou os colegas, não aderiram a greve.

Por dinheiro né.

- qual era a dificuldade

Acho q dificuldade não tinha né, mas a gente se sentia ofendida, humilhada.

- lugar q ocupavam

Olha, eu não posso reclamar, as amizades q a gente tinha continuava e continua. O marido ficava muito chateado, chegava o fim de mês tinha conta de água, luz. Graças a deus saúde a gente tinha

A gente sempre apoiou, se fosse hoje em dia a maioria das mulheres tinham separado dos maridos. Nunca a gente discutiu por causa da greve.

- Por que não há registros das mulheres.

Acho q a gente sempre foi um pouco desprezada, não tinha muito valor.

O que a ajudou muito a gente foram as irmãs, fazia reuniões, davam conselhos, muita coisa boa eu aprendi com elas.

O Jânio Quadro apoiou muito a gente.

Não sei se valeu a pena, mas foi uma greve que ficou para a história né.

- mensagem para os que estão chegando

Não esmorecer, ter coragem, lutar pelo que a gente quer, não se acovardar né, tem que entrar na luta para melhorar a situação.

Se é para lutar, lutar tudo junto né.

Enfrentar, não desistir, deus ajuda, para dar força para outras pessoas que não têm.

- Algo para deixar gravado, na história

Muito bom foram aquelas costuras para ocupar a mente das mulheres, né.

Não ficava ninguém de fora, a gente dava serviço para todas. Chegou uma hora que a gente não tava nem ligando, se terminar a greve hoje ta bom senão também está.

O marido ia fazendo um bico aqui outro ali e a gente conseguiu criar mais um filho.

O homem é mais fraco né.

- vcs foram importante para eles continuarem na greve.

Não, porque a gente dava uma força por trás né.

Anexo 5: Documento Histórico

* Encontrado no acervo do Sindicato de Cimento Perus, relatando a história de alegrias e sofrimentos de uma jovem da Suíça que em 1973 veio colaborar com os projetos da Igreja Católica em Perus.

mas por não ter contado a ela por carta, sabendo do desejo que ela tinha de vir ao Brasil para ajudar no seu trabalho de parto. Logo no primeiro encontro nos sentimos muito bem com sua presença. O esforço que fazia para se comunicar, era impreciso, mas logo percebemos sua inteligência, cultura e simplicidade. Os três meses passaram rapidamente. Mas o coração de Rosanna já estava com os planos para sua volta. — Em voltarei dentro de 1 ano, disse ela. Sabíamos que seria dolorosa pois aprendemos a admirar a Rosanna em toda sua personalidade. — Volte mesmo, ficaremos lhe esperando.
No dia 31 de dezembro de 1971,

De repente uma vontade de escrever sobre Rosanna Hanetti. Vou tentar.

Quem era e é Rosanna?...

... Num noite do mês de outubro de 1971, C. Carlos chegou a casa de Elza para dar-nos a notícia de que possivelmente esse mês da Suíça ficaria conosco por 3 meses.

— Ela veio para a Paróquia de outro padre morfolino, mas para sua surpresa o mesmo be-ve dedicado o sacerdócio para se casar. Agora está chocada e tem dúvidas sobre o que fazer.

— Que fique conosco. Ficaremos felizes por ter alguém para nos ajudar.

Este foi o primeiro sofrimento de Rosana aqui no Brasil. Por muitas vezes ela repetiu que não podia compreender o padre, mas por ter tomado uma decisão

junto aos amigos e parentes na Suíça.

Gostaria de poder descrever a personalidade de Rosanna. Tudo o que fiz aqui está presente em meu pensamento.

Quando penso de onde Rosanna veio, da vida que viveu na Suíça e a vida que

que conhece lá. Rosanna é como estes milagres do Egipto de Deus que suscita em te um povo com uma mentalidade firmada em séculos de história, de tradições, de cultura. Que tem um modo de viver a segurança, o conforto, o nada precisar fazer de muito esforço para sobreviver na vida, como se diz aqui. Rosanna, conforme nos disseram, começou a perceber o vazio de tudo, o vazio de muitas vidas, e de sua própria vida.

muito a eles que nunca apren-
dido a viver aqui conosco.

Sassamos a viver o mesmo
ideal.

Rosana se estava interessan-
te a tudo e a todos, mas
sempre se esforçava para comu-
nicar-se com o povo, sim-
ples de nossa terra. Ela se
fez um de nós, se sentiu
um de nós. Aprendeu a pagar
nem porrete e trabalhar com
ninguém nos trabalhos mais
pesados da creche. Num dia
de trabalho intenso ela me disse:

— Olha, acho que temos muita
coisa em comum. Eu já em
diante senti que possuía
uma amiga e companhei-
ra que me compararia
profundamente.

— Vamos fazer umas pintalivas
para quadrar os brinquedos?
— Vamos, Clo, eu ajudo.

Rosana parte e deixa um va-
gio em nosso trabalho. Passa-
dos 4 meses recebemos a pa-
meira notícia.

— Voltarei com muito prazer
em outubro.

A alegria foi geral. Rosana
ficaria hospedada na casa
da Elze. Preparamos com
carinho o quarto para ela.
(O quarto verde).

Numa noite de dezembro de
1972 chega Rosana para
surpresa feliz de todos.

Sua bagagem havia ficado
presa na alfândega. Foi uma
despedida para ela porque
trouxe muitas coisas para
a Ação Social. Quinientos
quilos de roupas usadas e
remédios. Ela havia viaja-
do de navio por causa das
coisas. Ali estava o resulta-
do de um trabalho imenso

Descobriu que existe um mundo onde falta tudo, e ele estava com o coração cheio de amor para dar a este humanidade sofida. Recebeu o falso de toda uma sociedade super protegida e que cria sofrimentos e necessidades sem-raças. Recebeu claramente o lado injusto de um mundo onde está tudo mal dividido - do pelo egoísmo dos poderosos da terra. Porém quis dar a si mesma no desejo de melhorar vidas e realizar sua própria vida junto a humanidade que tanto ama. Rezava pelo cheia de esperanças e ideais e de projetos maravilhosos. Quando chegou aos dias admirados de lá ficaram aguardando aqui conosco naqueles 5 meses, e ela pode dizer

- Vamos colocar as folhas de
fórmicas nas mesinhas?

- Vamos, Clo, eu ajudo...
Precisamos de alguém no plan-
tão....

- Eu ficarei....

... O plantão era ao meio-dia,
Rosana depois de passar toda
a manhã cuidando da saúde
dos pequeninos, nem almoçava
direito e até parecia plantão.
Seu coração transbordava
de alegria quando conseguia
orientar bem uma pessoa.

No começo não conseguia com-
preender o que era promoção
humana; mais tarde nos con-
tou que a mentalidade na
Europa, é ajudar sim, mas
simplesmente dando do super-
fúlo, para os pobres, mas
Rosana entendeu o nosso
desejo: mudar as mentalida-
des pedintes e acomodadas

O perônio do condido veto
ti tosero senza forti del male
il mio bambino vuole un bel mantello
e ti compenserò con pane e sole

x x x
e girerà la ruota
e tu sei fiore della vita mia
quando ti serro fra le braccia o loro
da me si parte la malinconia

x x x
O bimbo, che riposi nella zona
chissa, quando potrai tu camminare
anche se piri opri terra lontana
solo una mamma el mondo puoi
trovare

x x x
e.....
O forbiù sperdute su vel cielo
fammì di stelle ve bel mazziolus
lo voglio vegalare al mio bambino
lo metto in capo al letto al mio
bambino
e.....

na situação inferior. Gastou então a orientar as pessoas que chegavam, com grande entusiasmo. Rosane era de longe, mas nos compreendeu profundamente. Compreendeu a realidade deste povo pobre e miserável, mas nem por um instante se mostrou superior a eles. Que paradoxo quando percebemos que os nossos daqui não entram nunca na nossa realidade e vivem fazendo projetos que sempre falham por não atingirem a meta.

Rosana era tão simples que o pessoal da Prefeitura não aceitou sua atuação, acho que por ciúmes. Mas Rosane continuava sua dedicação sem limites, seu coração está sempre aberto a todos.

- Vou almoçar amanhã na

casa da Valdecina. Rosane foi comer o arroz e feijão para dar uma alegria a uma família.

- Vamos organizar as vacinas das crianças da Creche. Rosane foi de casa em casa onde as crianças estavam por causa de repressão.

- Vamos organizar as roupas doadas pela Prefeitura, Clo.

Rosane ajudava em tudo.

- Vamos distribuir as Telhas velhas. Rosane ajudou a carregar e caminhar e fomos descarregar nas casas prometidas... era um dia de chuva e eu pude perceber o quanto a tinha como amiga e companheira.

- Ainda ficaram algumas telhas que prometemos a Dona Madalena. Rosane ficou em baixo de chuva, forte, naquele

vida de dedicação, transtornada a vista de todos. Quando me lembro que Rosane sofreu febre de 42°C, quando chegou, percebo o esforço que fiz para continuar seu ideal. Mas foi sem sofrimento que transcorria seu caminho junto de nós.

Muitas vezes discutimos por causa de nossa mentalidade, de tão diferente para ela, mas o maravilhoso era que não havia muro, nem muros no nosso conviver. Tudo era dito com o coração aberto e amigo e não havia nunca um dia de separação, sempre estávamos felizes. Nós chamamos ele "as três graças", ele, Elza e eu. Foi a vontade sempre ouso. Te de ajudar a este povo pobre de tornar menor seu sofrimento, que com o coração cheio de

dia; Depois ainda saímos para fazer compras na loja. Crescíamos encontrar seus fechos para as portas. - Rosane, por favor, enche-se bem antes de sair, você pode ficar doente. - Mas importa, Clo, vamos pegar o trem.

Na creche, à tarde, quando chovia, Rosane era toda preocupada pela segurança das crianças, providenciava agasalhos para todos. Mas visitas era toda dedicação nos esforços para resolver o problema. Mas distribuições nas Clárias Rosane, lá estava vivendo o problema desta gente miserável. No Clube de Mães, suas participações era total, com as crianças, orientando as mães, encimando na cozinha. Sua alegria por viver este

esperança, ele saiu a rua
atrás de uma aparentemente
"inocente" e "pacífica" passeata
de algumas donas de casa, por
causa do horível pó' de cinzas -
to que caiu e continue cair
do pobre Senu.

- Vamos, Clo, vamos dar graças
... É tudo começou quando
o jornalista vendo aquela
moça, diferente das nossas,
estrangeira, acompanhando
as mulheres do bairro.

- Você é daqui? O que acha
da passeata? do pó' de cinzas?
do patrão? e Rosana cometeu
um grande pecado! Disse só
a verdade, e dentes das ruínas.
Oles estava que estava
que aqui um homem rico
mas paga imposto e os pobres
todos são obrigados a pagar.

O repórter não é...
... dia que seu corpo...

... uma notícia,
publicaram a "grande reportagem", e
ainda se fizeram de amigos de
Rosana, convidando a visitar
a redação do jornal. Rosana mun-
ca pensou o quanto lhe custaria
confiar sua sinceridade e sim-
plicidade a gente que não me-
de esforços para fazer notícia, e
nada melhor que uma estrange-
ra que sai do seu país para
fazer o bem a outro povo, para
servir de pretexto e de suspeitas
para quem vê o mal em tudo,
não acreditando que o bem ain-
da existe.

... Havia no meu coração uma
milanconia inexplicável na
quels dias. Um sentimento de
insegurança que eu não con-
segui definir.

- Rosana, por favor pare com
estes reportagens!

- Mas, Clo, alguém deve atende-lo

- Ser favor, Rosana, chega!
- Os preparativos para a reabertura da creche continuavam.
- Vamos lavar os berços para pintar a obra. Rosana mata a mãe à obra.
- Clo, vamos pintar o armário para a farmácia, vou comprar as tintas que faltam.
- Rosana deu todo o dinheiro que tinha naqueles dias. Haviam sucedido um cheque da família de Suíça.
- A gente costuma relacionar as atitudes das pessoas, com fatos que acontecem depois. Foi assim com a Rosana.
- Clo, faltam as carteirinhas, das vbaínas, logo terminarem naqueles dias o coracal da Rosa. Me, transtornava em demonstrações de afeto por todos e por tudo.
- A Rosana que nos descobrimos quando fomos assistir um filme que

- a fez chorar copiosamente de saudades dos seus, de seu povo, de seu país. Afinal somos todos iguais. Naquelles dias ele se parecia mais vivo.
- Vamos devolver o laides na Faculdade; vamos convidar D. Maria para a reunião, ele não estava.
- Olhe o piracero!
- Uma gostoso, Clo! vamos comprar vinho para o jantar, convidaremos também a Elzinda, e me abraçox alegremente, em plena rua.
- Naquelle dia, na reunião com o pessoal da Creche, falei do pessoal significativo para nos a presença da Rosana. Falei de tudo o que ela vinha fazendo por nós.
- Naquelle dia o prefeito foi depositado para espanto meu que nem havia vindo falar, nem mesmo no ra-dio.
- Que coisa, heim? O Abdala solto,

- O que é'?
- Somos da "Curia" e queremos falar com a Rosana.
- Rosana está aí em seu diário de "Curia", quem falar com você.
- Manda-o embora, manda.
- Não, ele trouxe os vídeos.
- Vai atendi-los dentro em seus amigos.
- Queremos ver seu passaporte.
- Meu Deus, são investigadores.
- Não se preocupem vou mostrar o que eles querem.
- É, Cecília vá com ela.
- O parentimento foi brutal.
- Meu Deus agrade-nos! Omeças.
- Alguém quietinhas aqui, a Cecília chegou de volta.
- O que querem eles.
- São agentes investigadores.
- Foi pare a casa de Elza.
- O que querem vocês? Por favor a Rosana não p3 nada de erra-
- do.

- O prefeito deposto, é ~~o~~ o mesmo parece ser Rosana de mais forte. Mas penso sempre que o céu é dos mais santos.
- Hoje é um belo dia, vamos comer peixe gostoso e começar as aulas de violas.
- Estávamos realmente muito contentes.
- Que gostoso, etc.
- Lembra bastante, Rosana, foi feito para você.
- Você é um amor, Ué!
- Como é mesmo que se bloqueia os dedos nas cordas?
- É assim quando, está de lá maior. Ué, bom! Chegou a aula estava completo o grupo amigo.
- Sim, dem, será que vai ser fácil? Você vai aprender também. Elyz.
- Tocaram e acompanhava, vem ver quem é.
- Elyz são uns homens.

- Que mais vai leva-la?
- Não importa.
- Cio, não se aflija, sei me defender, fique calma.
- Ela ainda nos consola...
- Saímos na mesma hora e fomos avigar ao Sr. Carlos. Tivemos quase 10 horas de noite.
- Rosana foi presa.
- Mas porquê?
- Tivemos passado cerca de 1 mês de prisão e das reportagens.
- Naquela noite nos dormimos. Nunca em toda minha vida senti uma sensação destas. Um sentimento de completo aniquilamento. Agora sabe, mas como a força tudo pode.
- Foram dias de solidão até que de uma notícia de Rosana. Fomos pedir ajuda ao Sr. Gabriel, que foi imediato. Foram horas de matina nas salas do DOPS. Fomos levados de sala em sala, numa guerra fútil e uma falsa esperança. Houve um

fundamente o evangelho de Cristo. Rosana estava sofrendo porque amou um povo humilde e pobre por isso, mas paramos o nosso trabalho junto a esta gente. Podemos receber o quanto este povo quer, sem do medo, e amava. Alguns queriam mesmo ver-la.

- Onde está ela? vou visitá-la na prisão.

Não quisemos arriscar a sorte dela, já. Tais refúgios.

Resamos juntos...

Naquela domingo percebi que afinal se pode por amor, suportar tudo. Mas podíamos desiludir a gente por quem a Rosana estava sendo torturada.

Foi para nós também uma luta para seguir naqueles dias. Nada conseguimos, nem com uma dada raça em que testemunhamos em favor da inocência de Rosana. Mas conseguimos nada com o consó

- Você podem estar enganados, ela pode ser uma perigosa. Tem a vista, pode ser jornalista, pode ser contra o país. Tudo na base ela pode ser.
- Mas não é nada disso, ela se fez o bem.
- Não temos culpa, cumprimos ordens, ela está telefonando e vai decidir.
- U que faz aqui?
- Rosana ironizou me respondi.
- Como, avremo.
- ~~Por~~ o bastante.
- Vai assim como está?
- Ser favor deixe-me pegar um apalho para ela.
- Mas, Vai por bem ou por mal.
- Min Deus não pode ser! mas a levei por favor, ela não fez nada.
- Saia da frente ou a levaremos também.
- Saia da frente do carro!
- Ser favor, por favor, não a levem

do a comunidade que sofreu com este golpe. Havia mais algumas pessoas e o familiares de Elza. As 14 horas chego o carro da policia, Rosana vem como foi, virgiada por 2 investigadores e mais o chefe. Mas tenho palavras para descrever o sentimento daquela hora. Cochamos se. Le e sermo no separar logo. Suado era virgiado. Conhecemos seus de outro mundo para nós. Mas sei o que sentem ou se sentem alguma coisa; se procedem daquela forma por um ideal, se não produtores do meio etc. Mas nós dissemos muito coisa que só peço a Deus sem dia eles se lembram. Dissemos sempre a verdade, não usamos multiplicação. O sentimento era um misto de cansaço, horror, tristeza e dor por tudo o que estava

que a vinda de costas, deu para perceber o seu abatimento. Rosana nunca abaixava a cabeça e passava a mão pela fronte, como a vinda no primeiro dia voltamos para casa, depois de mais tempo conseguido nada, a mais ser deixarmos um cigarro e um evangelho; pedimos que "deus" a trilhava levado em casa para investigações. Procuramos provas de uma possível culpa. Disseram os familiares de Elza que ela seria logo livre, esperamos em vão. Fomos ao consul para pedir sua intercessão, eles prometeram. Mas percebemos que a diplomacia entre os países, está acima de uma injustiça que se faça mesmo com uma paternidade inocente. Vivemos dias de completo abatimento. Vivemos também mais pro-

lado.
- É melhor ela ser mandada embora pagando sua passagem e com o passaporte aparentemente livre.

O coração apertou no peito, mas era melhor acabar com as torturas de prisões e saber que afinal ela estaria bem junto aos seus no seu país.

Foi 29 de agosto de 1973, depois de tentarmos mais uma vez voltar, a decisão foi tomada: ela iria naquele mesmo dia pois havia um avião para às 21 horas. A passagem foi paga pelo P. Carlos mas através do consulado.

Esperamos com o coração cheio de tristeza;íamos poder voltar e falar-lhe pessoalmente. Sob severa vigilância por 2 horas.

Chegou o P. Gabriel, o João Brino, o P. João, o Nelson, o Sr. Braga, o S. Paul, este último representante

homens aparentemente sem alma. Ela é do tipo de pessoas que dizem sempre marcada sua presença por onde passam.

Após já passou quase 1 ano daquele dia, daquele noite no aeroporto quando senti o maior desejo para de minha vida. Quando percebi que não somos livres neste mundo, que não podemos nada contra a força bruta, que não se dá o menor valor para o ser humano da amizade, do ideal. As palavras de Rosana servem ainda de conforto.

- Não fuja de mim um minuto, mas quero ser gente que ama gente. Somos todos iguais. O mundo só será feliz quando não houver fronteiras. O céu é para todos, só não aceita a suspeita injusta, a tortura por prazer. Quando para "eles" disse: - Vocês são pessoas com duas personalidades

você nas máquinas mais gente.
Agora sabemos que Horana, apesar
de não aceitar a situação está
feliz porque continuamos a lidar
amigavelmente. Afinal o meu não posso
viver. Estamos e nos sentimos
unidas, mais unidas agora.
Sei que Horana crê no céu de-
pois da morte e que tem certeza
de um encontro eterno, onde não
haverá dor nem injustiças por-
que há reinar o amor do Pai.

aconteceu. Fomos chincalhados
por palavras obscenas, as conversas
mudavam de rumo e de repente
evoluíam para o pior. Nunca pensei que
pessoas humanas pudessem ter
sentido de si tanta crueldade e tan-
to requinte para fazer com palavras
Horana era um exemplo de força
e de dignidade humana, consola-
va a nossa fragilidade, mas seus
olhos não eram os mesmos. Era
evidente, ele havia sido tortura-
do e sofria demais. Eu não sa-
bia o que dizer para consolá-lo.
Beijei suas mãos e pedi perdão
por tudo aquilo.
Foi para frente, só uma coisa
importante: saber que tudo passaria
para Horana, além de seus olhos,
ouvi sua voz dizendo que não
perdoava e que era outro vez
a nossa grande amiga.
Sei que sua personalidade de-
monstrava, mesmo naqueles

Anexo 6: Relatos

➤ QXS, 77 anos – Operário da década de 1960 – relata sua própria história

Após o sucesso da greve de 46 dias, com as reivindicações atendidas, que foram: reajuste de 40%, salário família, comissão dos trabalhadores dentro da Fábrica para discutir problemas internos da empresa; Prêmio produção; Casa própria etc.. Mário Carvalho de Jesus, advogado do Sindicato, procurou discutir com a diretoria, a necessidade de formação da Doutrina Social da Igreja e documentos papais, sobre a relação do trabalhador e empregador. Convidou para um trabalho de formação em Perus, Frei Luiz Maria Sartore, franciscano que havia fundado uma congregação feminina chamada Missionários do Instituto Cristo Operário. Assim começaram, ele com os trabalhadores e elas com as famílias, reunindo-se nas casas uma vez por semana. Já se discutia a relação marido e mulher, economia, partilha, ajuda mutua etc. Tinha também médicos que participavam das reuniões com suas esposas, orientando o casal na questão da saúde, planejamento familiar e etc. Para mim esse foi o início das Comunidades Eclesias de Base, pois lá estavam todos os casais que aprenderam a se reunir, colocar em comum seus problemas, opinar nos casos de ajuda, sempre iluminados pelo evangelho. Aprendi então que na vida não basta só rezar, mas é preciso agir, que a esposa não é só companheira, não é escrava e que desse bom entendimento dependia a educação dos filhos e o bem estar da família. Lembro-me da minha primeira participação na reunião de casais na casa do Raul e Lurdes, ao perceber que todos falavam abertamente dos defeitos do casal, entrei de sola achando que só eu tinha razão, porém, após minhas colocações, chegou o momento de ouvir o que achavam da minha opinião, recebi lições dos companheiros que colocaram os meus pés no chão e me fizeram entender que eu não estava sozinho no mundo, mas que ao meu lado tinha alguém que era o próximo, mais próximo que era a minha família e meus amigos. Aprendi que devemos detestar o erro, mas saber perdoar quem errou. Falo isso porque na greve tive que aceitar o fracasso que furaram, ficaram do lado do mau patrão, mas que eram meus irmãos, eu devia perdooá-los. Nessa greve aprendi também que nem todos patrões querem realmente o bem dos seus trabalhadores, mas o seu orgulho, sua ganância e bem estar, seu lucro acima de tudo. Aumentar sua fortuna mesmo que seu dinheiro seja manchado de sangue.

São capazes de doar vultosas fortunas para uma Igreja, mas os seus operários para ter um pedacinho de pão para dar a seus filhos tem que fazer greve para ter seus direitos respeitados. Isso para mim foi o início das Comunidades Eclesias de Base em Perus, que a partir de 1967, ganharam vida com a chegada de Padre Pedrinho na Paróquia Santa Rosa de Lima de Perus, deu formação, valorizou o leigo, que passou a viver uma vida conforme o vaticano II. A primeira CEB a iniciar em Perus com os problemas da saúde, educação, transporte, moradia e saneamento básico. Padre Pedrinho conseguiu no exterior, verba para perfuração de um poço artesiano no Jardim do Russo, amenizando tão grave problema.

➤ QXW, 56 anos – Filha de Queixada – relata a história de sua mãe

Nascida a 05 de Dezembro de 1933 em Mairiporã -SP descendente indígena , tinha orgulho disso. Estudou muito pouco por conta distancia e das mudanças de moradia da família, filha mais velha do casal: Deolindo e Aparecida.

Casou-se bem nova, aos 16 anos de idade com o primeiro namorado: Carlos Bernardo da Silva, 10 anos mais velho que ela. Como ele já trabalhava na Fabrica de Cimento Portland Perus, logo, arrumou uma casa da fabrica para morar, pois a família já vinha crescendo, chamávamos de Acampamento da fábrica de Cimento Perus, era um porão com 4 cômodos e banheiro, bem arejado com um quintal enorme do lado de fora um jardim e uma pequena horta , era comum em outras casas da fábrica também.

Deu à luz a primeira filha em 1950 e logo teve o segundo que não resistiu a uma doença infantil (Sarampo). Depois nasceram outros, eu sou a quinta, eles falavam que eu seria aquela que ia cuidar deles na velhice.

Levava uma vida tranqüila, meu pai trabalhava agora de auxiliar de laboratório, minha mãe muito tímida, humilde, ainda tinha poucas amizades, mas ia aprendendo a lidar com a vida doméstica.

Por volta de 1962 acontece a greve dos trabalhadores da fábrica de cimento, fato histórico, muda tudo na vida de todos. A causa “o mau patrão”. A partir daí as coisas foram ficando difíceis, pois sem emprego os “queixada” eram pressionados a todo tempo a furar a greve. As assembléias eram feitas na sede do sindicato, toda família participava, eu no colo do meu pai aos 4 aninhos já ouvia falar de resistência. Minha mãe, como as outras mulheres, não falava nada em público, mas em casa quando punha na mesa o arroz e chuchu cozido, era o momento da partilha, da opinião, das orientações, da esperança , da revolta também, depois de tanto tempo!

Era necessário buscar alternativas para a sobrevivência, Através do Sindicato, vieram às cooperativas, os cursos, minha mãe fazia o curso de costura pelo SESI e também vieram os missionários para ajudar as famílias, até mesmo na orientação do controle da natalidade, porque depois de mim, vieram mais dois irmãos, mas ela era muita esforçada ainda de dieta do caçula, saiu para trabalhar de diarista e foi o que nos salvou, porque o pouco que ganhava trazia o pão e o leite, o feijão e o arroz. Nos dias que não tinha casa para trabalhar, lavava roupas para fora, as pessoas do bairro era solidário nesta parte. Para ela, trabalhar com outras famílias fez muito bem, trazia um pouco da angustia, do sofrimento e ficava longe das provocações das mulheres dos “pelegos”. Os irmãos mais velhos cuidavam dos menores e quando ela chegava queria saber o que aconteceu com cada um de nós, com muita dificuldade freqüentávamos a escola, brincava ao redor da casa, fazia os serviços domésticos, cuidava um do outro e nunca reclamamos daquela situação de miséria, porque tínhamos a certeza que um dia a greve ia acabar e com ela viria coisas melhores. Esta força, este jeito de enfrentar o conflito foi fruto do trabalho feito ao longo do tempo pelo Dr. Mario Carvalho de Jesus, advogado dos queixadas, amigo das famílias, um verdadeiro Humanista, que nos ensinou a lidar com o inimigo sem violência, sem se corromper. Eles tinham um grande respeito e o admiravam muito, depois de um longo tempo, numa visita que ele nos fez, eu, Dr. Mario, Papai e Mamãe estávamos sentados na área daqui de casa olhando para a fabrica de cimento que já tinha sido fechada, ela falou: “Nós sofremos, doutor Mario, mas vencemos” ele perguntou se tivesse que passar por tudo de novo você faria o mesmo Atília? Ela respondeu: o mesmo não dá, mas faria melhor, meu pai concordou e disse o passado não volta, mas fica na memória para sempre.

Atília faleceu no dia 15 de novembro de 2008 aos 74, vítima de Enfarte, sala de medicamentos do Pronto Socorro de Perus. Carlos ainda resistiu a solidão por mais 7 meses e depois de dar entrada no Hospital de Taipas foi para junto dela, sua eterna companheira, deixando o exemplo para os 4 filhos, para os netos e bisnetos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTEMEYER JUNIOR, Fernando . CEBs: Comunidades Eclesiais de Base. Revista "Mundo e Missão". www.pime.org.br/mundoemissao/igrejacebs. Acesso em 30 de novembro/2008.

ALVAREZ, Sonia E; DAGNINO, Evelina; ESCOBAR, Arturo (org). **Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos** : novas leituras. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

ANSARA, Soraia. Repressão de Lutas Operárias na Memória Coletiva da Classe Trabalhadora em São Paulo. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. PUC/SP. São Paulo, 2000.

Arquidiocese de São Paulo. Brasil nunca mais. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

BINGEMER, Maria Clara, In: TAMEZ Elsa (org). **Teólogos da Libertação falam sobre a mulher**. São Paulo: Loyola (Col. eva 1), 1989.

BÍBLIA SAGRADA. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.

BOFF, Leonardo, In: TAMEZ, Elsa (org). **Teólogos da Libertação falam sobre a mulher**. São Paulo: Loyola (Col. eva 1), 1989.

BUSIN, Valéria Melki. **Homossexualidade, religião e gênero**: a influência do catolicismo na construção da auto-imagem de gays e lésbicas. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica – PUC/SP, 2008.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **A política dos outros**: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984.

CHRIST, Carol P. **Mircea Eliade and the Feminist Paradigm Shift**. In: JUSCHKA, Darlene (edit). *Feminist in the Study of Religion: A Reader*. New York: CONTINUUM, 2001.

EVARISTO, Paulo./et al /. **Brasil Nunca Mais**. Um relato para a história. Petrópolis/RJ: Ed. Vozes, 1985.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro/RJ: Ed. Nova Fronteira, 1985.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1979.

_____. 1926-1984. **Resumo dos Cursos do Collège de Fance** (1970/1982)/ Michel Foucault: Tradução, Andréa Daher; consultoria, Roberto Machado-Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

FRANKE, Edith. **Feminist Orientation as an Integral Part of Religious Studies**. In: REVER - Revista de estudos da religião (www.pucsp.br/rever/). n° 2, 2001.

GEBARA, Ivone. **Poder e não poder da mulheres**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1991.

GÓMEZ, Josefa Buendia. **Mulheres Católicas e Feminismo** Um Estudo de Trajetórias de Vida. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica – PUC/SP, 1998.

GONÇALVES, Suellen Alves. **Motivar a Ação: A Educação Popular e a Participação Política Juvenil** caminhando juntas. Goiânia, 2009.

JESUS, Mário Carvalho de. **Cimento Perus: 40 anos de ação sindical transformam velha fábrica em centro de cultura municipal**. Coleção Cadernos para Mudar – 2.

_____, E Equipe dos Queixadas. **A máfia do Cimento**. São Paulo, Ed. Loyola, s/d.

KNOTT, Kim. **Women Researching, Women Researched: Gender as an Issue in the Empirical Study of Religion**. In: KING, Ursula (edit). *Religion & Gender*. Oxford: Blackwell, 1995.

LOBO, Elisabeth Souza. **A Classe operária tem dois sexos: Trabalho, Dominação e Resistência**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

MAINWARING, Scott. **Igreja Católica e Política no Brasil (1916-1985)**. (Tradução Heloisa Braz de Oliveira Prieto). São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989.

MOURA, Elen Cristina Dias de. **Entre ramos e rezas: O ritual de benzeção em São Luiz do Paraitinga, de 1950 a 2008**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica – PUC/SP, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento**. Pesquisa Qualitativa em Saúde. São Paulo: Ed. "HUCITEC", 1992.

MURARO, Rose Marie. BOFF, Leonardo. **Feminino e Masculino: Uma nova consciência para o encontro das diferenças**. Rio de Janeiro, Sextante. 2002.

PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres**. (Tradução Ângela M.S.Correa). São Paulo: Ed. Contexto, 2007.

_____, **As mulheres ou os silêncios da História** (Tradução Viviane Ribeiro). Bauru, SP: Ed. EDUSC, 2005.

RAYMOND, Quivy. CAMPENHOUDT, Luc Van. **Manual de Investigação em Ciências Sociais**. (Tradução João Minhoto Marques e Maria Amália Mendes). Lisboa: Ed. Gradiva, 1992.

ROSADO-NUNES, Maria José./et al/.comp. Elza Tamez. **Las Mujeres Toman La Palabra**: En dialogo con teólogos de la liberacion hablan sobre la mujer. 1 ed. San José: DEI, 1989.

RUIZ, Castor M. Bartolomé. A Força Transformadora Social e Simbólica das CEBs. Petrópolis/RJ: Vozes, 1997.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Experimentos com Histórias de Vida (Itália-Brasil)** Org. e Introdução de Olga de Moraes Von Simson. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais, 1988.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena** : experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1970-80), Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1995.

SANTOS, B. Beni dos./et al/. A religião do povo. Série Teologia em diálogo.São Paulo: Ed. Paulinas, 1978.

SIQUEIRA, Elcio, **Companhia Brasileira de Cimento Portland Perus**: contribuição para uma história da indústria pioneira do ramo no Brasil (1926-1987). Araraquara, 2001.

TAMEZ, Elsa. /et al/. **Teólogos da libertação falam sobre a mulher**. São Paulo: Ed. Loyola, 1988.

TERRAGNI, Laura. **A pesquisa de gênero**. In: MELLUCI, Alberto. Por uma sociologia reflexiva: Pesquisa qualitativa e cultura. Petrópolis: Ed. Vozes, 2005.

VALSI, Evanize Pavanelli, **História da Igreja Católica de Perus - SP-Paróquia Santa Rosa de Lima: Seus vínculos com a Participação Popular na Visão de Sujeitos Significativos**. São Paulo. 1998. Dissertação (Mestrado) da PUC – Pontifícia Universidade Católica.

VIEIRA, César. **Bumba, meu Queixada**. Teatro União e olho vivo. Col. Teatro popular. n.1. Doc. IV. São Paulo: Ed. Graffiti, 1980.

WEBER, Max. A Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo, Ed. Antonio Flávio Pierucci, S.P., Cia. Das Letras, 2004.

WOODHEAD, Linda. **Feminism and the sociology of Religion**: From Gender-blindness to Gendered Difference. In: FENN, Richard K. The Blackwell Companion To Sociology of Religion. Oxford:Blackwell, 2001.

Recorte de Jornal Consultado:

Jornal o Estado de São Paulo. Perus: Passeata é voto de confiança ao governo. 22.07.73 pag. 3. 1º caderno. Acervo do Sindicato Indústria Cimento Cal e Gesso de São Paulo.

Sites Consultados:

www.pime.org.br/mundoemissao/igrejacebs. Acesso em 30.11.2008.

http://www.arquidiocesesp.org.br/historia/dom_paulo/Biografia_Dom_Paulo_Evaristo_Cardeal_Arns.doc. Acessado em 29.01.2010.

www.ifch.unicamp.br/ael/. Acessado em 07.02.2010.

www.saopaulourgente.blogspot.com. Acessado em 30.01.2011.

www.comerciodeperus.com. Acessado em 30.01.2011.